

II COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA RELIGIÃO E III SEMANA NACIONAL DE FILOSOFIA

20 a 24 de maio de 2024

Campina Grande, Paraíba, Brasil

Campus I - UEPB



CADERNO DE RESUMOS

Ramon Bolívar Cavalcanti Germano
Gilmara Coutinho Pereira
(Organização)





Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | Reitora

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | Vice-Reitora



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Alberto Soares de Melo | Diretor

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

Cidoval Morais de Sousa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Assessoria Técnica

Thaise Cabral Arruda

Assessorias

Antonio de Brito Freire

Carlos Alberto de Araujo Nacre

Danielle Correia Gomes

Elizete Amaral de Medeiros

Efigênio Moura



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Complexo Adm. Redentorista - Av. Dr. Francisco Pinto, nº 317, Bairro Universitário.
CEP: 58429-350. Campina Grande – PB.

II COLÓQUIO DE FILOSOFIA DA RELIGIÃO E III SEMANA NACIONAL DE FILOSOFIA

20 a 24 de maio de 2024
Campina Grande, Paraíba, Brasil
Campus I - UEPB

CADERNO DE RESUMOS

Ramon Bolívar Cavalcanti Germano
Gilmara Coutinho Pereira
(Organização)



Campina Grande
2025

**II COLÓQUIO
DE FILOSOFIA
DA RELIGIÃO E
III SEMANA
NACIONAL DE
FILOSOFIA**

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ramon Bolívar Cavalcanti Germano
Gilmara Coutinho Pereira

CONFECÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS

Gilmara Coutinho Pereira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Eugênia Ribeiro Teles
Gilmara Coutinho Pereira
Írio Coutinho
José Nilton Conserva de Arruda
Maria Simone Marinho Nogueira
Ramon Bolívar Cavalcanti Germano
Thalles Azevedo de Araújo
Valmir Pereira

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

C718 *Colóquio de Filosofia da Religião (2. : 2024 : Campina Grande, PB).*

Caderno de resumos [recurso eletrônico] : anais do II Colóquio de Filosofia da Religião e III Semana Nacional de Filosofia, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 20 a 24 de maio de 2024 / organização e apresentação de Ramon Bolívar Cavalcanti Germano e Gilmara Coutinho Pereira. - Campina Grande : EDUEPB, 2025.

134 p.

O II Colóquio de Filosofia da Religião ocorreu durante a III Semana Nacional de Filosofia da UEPB.

ISBN: 978-65-268-0079-9 (3.343 KB - PDF)

1. Filosofia da Religião. 2. Resumos de Pesquisa. 3. Ensino Superior. I. Germano, Ramon Bolívar Cavalcanti. II. Pereira, Gilmara Coutinho. III. Título.

21. ed. CDD 100

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
O CINEMA ENQUANTO SUBSÍDIO METODOLÓGICO DO ENSINO DE FILOSOFIA E DO FILOSOFAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA	13
<i>Alex dos Santos Tomaz</i>	
A IMPORTÂNCIA DO ESCLARECIMENTO DA FILOSOFIA MORAL KANTIANA: O IMPERATIVO CATEGÓRICO (IC) E A RELAÇÃO COM A PRÁXIS HUMANA	17
<i>Allyson Pereira de Almeida</i>	
TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUBJETIVIDADE: INTERFACE DE UMA PRODUÇÃO DESEJANTE	21
<i>Ana Flávia Felix Costa</i>	
RESMORFIA RAMALHIANA: AS FORMAS DO FANTÁSTICO NA DRAMATURGIA DE 'AS NOVAS AVENTURAS DE JOÃO GRILÓ'	25
<i>Arthur Velázquez Florentino de Carvalho</i>	
<i>Maria Simone Marinho Nogueira</i>	
MARGUERITE PORETE E ANIQUILAMENTO DE SI	30
<i>Bianca Moreira da Silva</i>	
AUSÊNCIA DE RECONHECIMENTO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO FEMININO NO ENSINO DE FILOSOFIA	33
<i>Bianca Moreira da Silva</i>	
<i>Natália Pequeno da Silva</i>	

SOBRE AS “IDEIAS ABSTRATAS” EM BERKELEY	37
<i>Carlos Antônio de Souza</i>	
IDENTIDADES RELIGIOSAS DE UMA CIDADE: O CONVENTO IPUARANA	
EM LAGOA SECA	41
<i>Carlos Gabriel Dias Rodrigues</i>	
ETTY HILLESUM: QUAL FILOSOFIA ENCONTRAMOS EM SEUS	
TESTEMUNHOS?	44
<i>Carolina Cavalcanti Bezerra</i>	
UM POUCO DE FILOSOFIA AFRICANA: CONTRIBUIÇÕES DA MÍTICA	
AFRO - BRASILEIRA COM AS ORIXÁS IEMANJÁ E NANÃ	47
<i>Cristiane Agnes Stolet Correia</i>	
<i>Stella Samires da Silva Albuquerque</i>	
TEMPORALIDADES CÍCLICAS E A FORÇA DA “PALAVRA ATUANTE”	
NA OBRA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO	51
<i>Daniel Rodas Ramalho</i>	
O PERSPECTIVISMO NIETZSCHIANO E O ASPECTO CRÍTICO DO	
BRICOEUR SEGUNDO KINCHELOE	55
<i>Elly-Berto Amancio Correia Nunes</i>	
ARTE E LINGUAGEM: A MÚSICA É UMA SIMPLES METÁFORA OU UMA	
FORMA ALTERNATIVA DE FALAR?	59
<i>Euclides Barbosa Ramos de Souza</i>	
SOBRE A RACIONALIDADE DAS EMOÇÕES	64
<i>Eugênia Ribeiro Teles</i>	

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA DO SUJEITO DE ALAIN DE LIBERA	68
<i>Fábio Alexandrino da Silva</i>	
<i>Maria Simone Marinho Nogueira</i>	
INTRODUÇÃO À ÉTICA EPICURISTA	71
<i>Henrique Alexandre da Silva</i>	
UM PROBLEMA ANTROPOLÓGICO ESTÉTICO CONTEMPORÂNEO	74
<i>Itallo Vinicius Andrade Menezes</i>	
O PARADOXO DA SOBERANIA E A BIOPOLÍTICA EM AGAMBEN	77
<i>Izabel Fortunato da Silva Sousa</i>	
<i>Thalles Azevedo de Araujo</i>	
ESCRITA DE SI: UM CAMINHO PEDAGÓGICO DA ALMA NA OBRA O ESPELHO DE MARGUERITE PORTE	81
<i>Janaína Oliveira Diniz</i>	
<i>Maria Simone Marinho Nogueira</i>	
DA VISÃO E ENIGMA EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA: COMENTÁRIO A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO NIILISMO	85
<i>Janilson Ferreira Fialho Filho</i>	
MÁQUINAS SEMÂNTICAS: NATURAIS, FORMAIS E ARTIFICIAIS	88
<i>José Nilton Conserva de Arruda</i>	
<i>Marianne Sousa Barbosa</i>	
TANTRA – FILOSOFIA DA NÃO DUALIDADE	92
<i>Kelvin Hudson Carvalho Silva</i>	

LITERATURA, O SAGRADO E O MAL: EXPLORANDO A TEMÁTICA RELIGIOSIDADE NO LIVRO A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO DE NEVINHA PINHEIRO	95
<i>Lívia Raquel da Cruz Freitas</i>	
<i>Maria Simone Marinho Nogueira</i>	
UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA POR MEIO DA LITERATURA	98
<i>Lucas Rodrigues Pereira</i>	
A APLICABILIDADE DA MATEMÁTICA NA REALIDADE FÍSICA NO DISCORSI DE GALILEU GALILEI	101
<i>Márcio Correia dos Santos</i>	
FORMAS E PERFORMANCE DE GÊNERO: UM DIÁLOGO COM A FILÓSOFA JUDITH BUTLER	105
<i>Maria Das Graças Pereira Ribeiro</i>	
SIGMUND FREUD E A RELIGIÃO COMO NEUROSE E SEUS MALEFÍCIOS E BENEFÍCIOS PARA A MODERNIDADE	108
<i>Maria Monteiro de Oliveira</i>	
VER-COMO: PENSAR ENQUANTO VER RELAÇÕES E ASPECTOS	110
<i>Marianne Sousa Barbosa</i>	
<i>José Nilton Conserva de Arruda</i>	
SIMONE WEIL E A LEITURA DA ILÍADA COMO POEMA DA FORÇA	113
<i>Matheus Salusto da Silva</i>	
<i>Maria Simone Marinho Nogueira</i>	
AS HABILIDADES COGNITIVAS E SENSÓRIO-MOTORAS DOS BEBÊS HUMANOS E PRIMATAS NÃO-HUMANOS	117
<i>Thiago Andrade</i>	

**A RELAÇÃO ENTRE O PARADOXO DE RUSSELL E O PROJETO
LOGICISTA.....** **123**

Victor Pereira Gomes

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM NO PRIMEIRO E SEGUNDO
WITTGENSTEIN.....** **126**

Victor Pereira Gomes

Eugênia Ribeiro Teles

**ZAZIE E PAGU NO METRÔ: A SINGULARIDADE FEMININA FORA DOS
TRILHOS.....** **130**

Vitória Taísa Bertoldo de Oliveira

**ANÁLISE DO DEBATE ACERCA DA CARACTERIZAÇÃO DO CONCEITO
DE PANENTEÍSMO.....** **133**

Weslley Sanchis Alves de Oliveira

APRESENTAÇÃO

Este caderno reúne os resumos dos trabalhos apresentados no 2º Colóquio de Filosofia da Religião. Organizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e pelo Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião (GPFR/CNPq), o evento ocorreu entre os dias 20 e 24 de maio de 2024, durante a 3ª Semana Nacional de Filosofia, na Central Acadêmica Paulo Freire, situada no Campus I da UEPB, na cidade de Campina Grande-PB, objetivando estimular o debate filosófico com estudantes e professores da instituição, mas também de fora, abarcando pesquisadores não só da área de Filosofia da Religião, mas ainda das seguintes áreas temáticas: Decolonialidade, Filosofia Oriental, Filosofia Africana, Filosofia de Gênero, Ensino de Filosofia, Estética, Filosofia da Arte, Filosofia & Literatura, Ética e Filosofia Política, Metafísica, Epistemologia, Lógica, Filosofias da Linguagem, Ciência e Mente. Os eventos foram uma oportunidade de expor e dialogar sobre a produção filosófica brasileira, especialmente a feita no Nordeste, com pesquisadores da graduação e da pós-graduação e professores. Foram submetidos às normas para esta publicação um total de trinta e quatro resumos que, abordando as temáticas expostas acima, contemplam os diversos períodos da Filosofia, da antiguidade à contemporaneidade, e ainda as intersecções entre a Filosofia e outras áreas como o Cinema e a Literatura. Os resumos estão organizados em ordem alfabética do nome dos autores e, apesar da curta extensão dos textos, este caderno constitui material para pesquisa, considerando que, além de uma exposição breve sobre diversos temas e metodologias, conta ainda com as referências utilizadas por cada autor e, ainda, o endereço eletrônico desses autores, o que possibilita uma interação direta, a fim de tirar dúvidas, fazer comentários ou dar sugestões.

Agradecemos a todos que contribuíram e desejamos uma boa leitura!

O CINEMA ENQUANTO SUBSÍDIO METODOLÓGICO DO ENSINO DE FILOSOFIA E DO FILOSOFAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alex dos Santos Tomaz

E-mail: alex.tomaz@aluno.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

O presente trabalho defende o cinema enquanto ferramenta metodológica do ensino de filosofia na escola. Sua hipótese dialoga com a literatura da disciplina Estágio Supervisionado I e com a pesquisa em curso realizada através do PIBIC, na qual o autor deste resumo é bolsista, financiado pela Universidade Estadual da Paraíba, tendo o cinema como objeto de análise pelo pensamento filosófico, segundo a teoria logopática, desenvolvida por Júlio Cabrera. A disciplina de estágio, favoreceu 20h/aulas de contato e observação, com estudantes das três séries do Ensino Médio, na Escola Estadual Irineu Joffily, no município de Esperança-PB. Foram observadas as metodologias aplicadas, a relação dos educandos com os conteúdos didáticos, o comportamento dos mesmos e a estrutura da escola. Algo que chamou a atenção foi a constante quase unânime do uso do celular durante as aulas. Nesse sentido, esta pesquisa pensa uma intervenção metodológica que possa dialogar com a realidade tecnológica, em curso na subjetividade dos educandos, transformando em caminho para o ensino de filosofia e do filosofar. A pesquisadora de ensino de filosofia, Elisete Madeira Tomazetti, convida os estudantes de licenciatura, a elaborar a prática docente e suas estratégias de intervenção a partir do contato com o chão da sala de aula. Envoltos na realidade, unir a aparente distância da teoria e prática, na disponibilidade intelectual que pense ações que dialoguem com o contexto em que se está localizado. Assim, com atenção à crescente tecnológica, é preciso construir estratégias que dialoguem com a realidade dos educandos, a fim

de fazer um convite para o letramento filosófico na escola, de modo que os dados reais da vivência dos estudantes, não sejam desconsiderados. Se reconhece no cinema a possibilidade de engajamento da cultura midiática pelo audiovisual, como subsídio metodológico, como lembra a pesquisadora Rosilene Vizzotto, quando elenca o cinema como parte de uma metodologia que compõe as estratégias de comunicação tecnológicas dos estudantes que habitam o território escolar. O cinema, portanto, não está à disposição do entretenimento de aula diferente, mas como subsídio metodológico para ser pensado filosoficamente. Se reconhece que a construção filosófica requer atenção, leitura, escrita, debate democrático, no exercício do letramento. A filosofia trata seus objetos de análise de modo conceitual, com o cinema não é diferente, conforme a leitura deleuziana, a filosofia produz conceitos. Enxerga-se o cinema, pelas lentes da filosofia, com o propósito de visualizar conceitos, reflexões, no diálogo com a cultura tecnológica das telas. Pensar a filosofia junto ao cinema requer atenção de leitura, uma vez que, para um filme ser estudado como filosofia, precisa estar disposto às faculdades conceituais do acervo filosófico. Ainda, se se pensa o estudo da filosofia a partir do Ocidente, encontraremos subdivisões por áreas do conhecimento como mitologias, ética, política, antropologia, estética, ciência, religião. O ensino básico não deseja formar filósofos, todavia, tem o compromisso com a leitura crítica da realidade, contemplada pelo estudo da tradição, com a finalidade dos educandos estabelecerem conexão com suas realidades e tornar a filosofia algo comprehensível e necessário à existência. Quando se pensa a reflexão filosófica no cinema, se assume enquanto arte e, precisamos creditá-lo ao estudo da estética, que faz a reflexão filosófica das artes. A formação na escola básica, ao abster-se desse processo na formação, a torna incompleta. O pesquisador do ensino de filosofia, Antônio Joaquim Severino, entende que a sensibilidade estética é uma dimensão intrínseca de nossa existência. Ter presente no currículo do ensino, conteúdos que despertem sensibilidade estética pelas artes, contribui com uma das dimensões da formação humana. Distante desse desenvolvimento, a formação fica incompleta. Sensibilidade estética não é entendida aqui como capacidade

de admiração do belo, mas como processo abrangente das percepções das diversas formas de comunicação do corpo, dos sentidos intelectuais de comunicação, com as performances externalizadas em expressões artísticas. O cinema potencializa o currículo e o diálogo com a realidade na escola, sobretudo, pensado enquanto parte da cultura midiática das telas, que se comunica por imagens. Outra característica constante que pode ser evidenciada, está na temática dos filmes, que não só dialoga com o conceito filosófico, mas está suscetível a aproximar o contexto histórico cultural dos estudantes. Na teoria logopática de Júlio Cabrera o cinema pensa. Mas, o saber do ponto de vista “logopático” por um “conceito-imagem” não é apenas ter informação sobre o assunto, mas deixar-se afetar por ele, ter uma experiência não externa de quem é expectador, como no caso do cinema, mas permitir pelo afeto que a imagem cause algo, provoque por ela mesma. Concorda-se que a filosofia produz de forma conceitual, de igual modo, o cinema, todavia, em paradigmas diferentes, pois um “conceito-imagem”, não busca informar criticamente e conceitualmente seu leitor, mas o predispõe a vivência de uma experiência com aquela imagem para apreendê-la. Em suma, estabelecer um diálogo da filosofia, pensado nas imagens cinematográficas pela “racionalidade logopática”, contribui na formação discente, a partir da educação básica, com a dimensão intelectual e afetiva. De certo, pensar pelo cinema, não está posto como uma racionalidade empírica, mas um convite ao afetar-se com as dimensões da existência que, no caso do cinema, lê-se, enxerga-se e ouve-se por imagens em movimento. Muito fala-se do distanciamento da cultura virtual com a realidade material. Esta pesquisa, visualizando o cinema como possibilidade metodológica para o ensino de filosofia e do filosofar na escola, sugere uma racionalidade que desperte o afeto. Entendendo que se pode utilizar das ferramentas que compõe a cultura tecnológica, para aproximar-se de si. O cinema tem essa característica que, no uso das imagens virtuais, provoca o pensar acerca da humanidade, da história, das artes, as guerras, a vida em sua amplitude, como também fez a filosofia em sua tradição, estando possível estabelecer esse diálogo em função do letramento.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Cinema; Metodologia; Escola.

REFERÊNCIAS

CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes;** tradução de Ryta Vinagre. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O Ato da Criação;** Tradução de José Marcos Macedo. – São Paulo: Folha de São Paulo, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Do ensino de filosofia: estratégias interdisciplinares. **Educação em Revista**, Marília, v.12, n.1, p.81-96, Jan.-Jun., 2011. Acesso em 23 de julho de 2024 às 19h:<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/1539>.

TOMAZETTI, Elisete M. Estágio em filosofia e práticas de experiência de si (docente). **Revista SulAmericana de Filosofia e Educação.** Número 34: nov. 2020 – abril 2021, p.71-92. Acesso em 23 de julho de 2024 às 18h://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/35133

A IMPORTÂNCIA DO ESCLARECIMENTO DA FILOSOFIA MORAL KANTIANA: O IMPERATIVO CATEGÓRICO (IC) E A RELAÇÃO COM A PRÁXIS HUMANA

Allyson Pereira de Almeida

E-mail: ida@servidor.uepb.edu.br,

Universidade Estadual da Paraíba / Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A presente pesquisa, de caráter bibliográfico, propõe analisar e apontar elementos capazes de entender, sob nova perspectiva, um dilema ético envolvendo, por um lado, a filosofia kantiana e, por outro, como consequência, suas principais críticas decorrentes – aqui, de modo sistemático, para favorecer esta argumentação, reunidas em dois grupos. Por isso, ao se utilizar de tais elementos metodológicos, espera-se demonstrar a importância de se estabelecer análises críticas e discursivas entre autores, obras, conceitos e ideias, dado que o pensamento filosófico se estrutura à luz deste viés *dialogico*, tal como perceberemos ao buscar ler seus autores e obras. Neste ano comemorativo dos 300 anos do nascimento do filósofo alemão Immanuel Kant, convém retomar as suas principais discussões a fim de se questionar: de que modo suas contribuições ainda exercem importância para o trato de problemas e questões filosóficas contemporâneas? Dado este aspecto, particularizar-se-á esta análise a partir da razão prática que constitui alicerce fundamental na *arquitetônica* do seu sistema – convém reiterar, aqui, que o seu sistema se subdivide em dois vieses essenciais, a saber, os aspectos teórico e prático, embora sob *Tese da Unidade* os usos da razão constituam, em reunião, a razão que é uma só. Isso se justifica ao menos por dois motivos referenciais: i) o problema que a fundamenta – embora seja difícil sua formulação, em linhas gerais, a resposta à pergunta o que devo fazer? tem por intuito demonstrar a possibilidade de uma objetividade do dever a fim de alcançar

universalidade e necessidade, afirmando a existência de um mandamento capaz de “obrigar” a vontade do ser humano a agir de acordo com ele, ao menos nos casos onde a ação humana seja passível de produzir valor moral de acordo com Kant; ii) as discussões contemporâneas que ela propicia. Como se sabe, o discurso moral kantiano é alvo de inúmeras críticas ao longo da tradição filosófica. Dentre as principais, podem-se citar aqui aquelas que o acusam de apresentar um rigor excessivo em sua formalização (formalismo) ou ainda por ser uma fundamentação sem matéria aplicável (ausência de conteúdo material). Dito de outro modo, pode-se dizer que a ausência da aplicabilidade na *práxis* humana dos princípios ético-kantianos decorrentes de um excesso de formalização em seu discurso moral, aparentemente, torna tal discurso impossível de servir de aporte para avaliação das ações morais – isso se considerar o teor das críticas acima descritas. Dado esses aspectos, emerge-se o seguinte questionamento: é possível compreender, sob nova perspectiva, a relação entre o discurso moral kantiano e a *práxis* humana? Disso resulta a necessidade de um esclarecimento de suas principais asserções, bem como dos principais argumentos expostos por ele. Por isso, *esclarecimento* aqui será o método utilizado na tentativa de viabilizar uma nova compreensão dos pontos centrais utilizados pelas críticas acima mencionadas. Considerando a problemática em questão, e no desejo de particularizar esta análise, propõe-se nesta exposição esclarecer a relação existente entre a formalização da lei, dada pelo Imperativo Categórico (IC), e a *práxis* humana. Para o alcance das finalidades requeridas pela pesquisa, esta apresentação será subdividida em três momentos: i) exposição do argumento derivatório para o mandamento da lei; ii) reflexão sobre a possibilidade da existência de proposições práticas puras; iii) discussão envolvendo o IC e a *práxis* humana. Sobre o primeiro momento, destaca-se que o argumento derivatório do mandamento que expressa a objetividade do dever decorre da análise, feita pelo autor, de três conceitos referenciais: a noção de lei – em seus múltiplos sentidos –, a ideia de vontade e a capacidade de representação concernente ao sujeito racional. Por ser detentor de uma vontade, o ser humano é capaz de representar a sua lei, indo além

das leis determinantes da natureza. Embora seja capaz de tal atributo, isso não quer dizer que sempre o fará. Por isso, evidencia-se a necessidade da conformidade das leis capazes de serem representadas com a lei objetiva da razão a fim de haver conteúdo moral nos princípios subjetivos (*máximas*) que servem como princípios moventes para as ações dos seres humanos. Dito de outro modo, pode-se dizer que tal correlação é essencial para que tais ações produzam *valor moral*, instrumento utilizado por Kant para validar ou não as ações ante as situações-conflito que ocorrem no cotidiano das nossas vidas. Quanto ao segundo aspecto – existência de proposições práticas puras –, evidencia-se que a sua possibilidade está diretamente relacionada à afirmação da existência de dois conceitos essenciais na moral kantiana, a saber, o Imperativo Categórico e a ideia de liberdade. Disso resulta a necessidade de demonstrar que a ação que ocorre de acordo com o IC expressa, em última instância, uma ação essencialmente livre, uma vez que tal imperativo é o mecanismo, utilizado pelo dever, para expressar o conteúdo que lhe é inerente – aqui, em Kant, atendendo aos critérios da universalidade e da necessidade, ambos expressos no conceito de *a priori*. Por último, no intermédio dessas análises, será possível evidenciar a relação entre o IC e a *práxis* humana, indo na contramão das críticas anteriormente apresentadas. A hipótese desta pesquisa, portanto, parte da ideia de que tal esclarecimento só ocorre mediante a compreensão do mandamento moral, enquanto mandamento do dever, como proposição prática pura. E isto só acontecerá porque será demonstrado, em Kant, a necessidade de se conceber *a priori* uma lei que, sendo universal, determine incondicionalmente a ação que queira alcançar o estatuto de moral. Ao fazer isso, o filósofo nos apresentará um caminho para compreender a solução do problema moral, amplamente utilizado como referência para discussões posteriores na tradição filosófica – motivo ulterior que demonstra a importância de se discutir, ainda hoje, o problema prático subjacente à sua filosofia. Assim, dado esses aspectos, demonstra-se a necessidade de retomar as reflexões propostas por Kant no desejo de entender, nos dias atuais, a causa de se agir conforme regras (a depender do modo de sua constituição), a necessidade

de se obedecer às leis (fazendo uma autorreflexão sobre sua fundamentação) e, acima de tudo, a percepção envolvendo a condição humana de ser racional livre e detentor de vontade, bem como da capacidade de agir de acordo com a representação de leis que, em última instância, devem ser válidas para todos – sem exceção.

Palavras-chave: Razão Prática; Esclarecimento; Leis; Objetividade do Dever; Ação Moral.

REFERÊNCIAS

HÖFFE, Otfried. **Immanuel Kant.** Tradução de Viktor Hamm e Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura.** Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes.** Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Edições 70, 2007.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática.** Tradução de Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes.** 3º ed. Tradução de José Lamego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

ROHDEN, V. **Interesse da razão e liberdade.** São Paulo: Ática, 1981.

WOOD, Allen W. **Kant's Ethical Thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUBJETIVIDADE: INTERFACE DE UMA PRODUÇÃO DESEJANTE

Ana Flávia Felix Costa

E-mail: anaflavia.rp05@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

A tecnologia é um dos principais agentes de transformação da sociedade. Ela estabelece mudanças nos mais diversos âmbitos. Diante disso, existem novas formas de conhecer, pensar e afetar. Por isso, ela ocupa um lugar de destaque enquanto tema filosófico e político da atualidade. Diante disso, diferentes modos de subjetivação surgem, principalmente, alavancados pelas transformações tecnológicas, políticas e econômicas. As tecnologias e, especificamente, as tecnologias digitais impulsionadas pelas forças políticas e econômicas do sistema capitalista, são responsáveis por mediar essas novas formas de existência, de sensibilidade e de novos territórios existenciais. Diante do exposto, surge a seguinte questão: em que medida, em meio às transformações tecnológicas e à imersão humana no mundo digital, a tecnologia pode interferir e impactar no processo de subjetivação dos indivíduos? De acordo com Deleuze e Guattari (2010), a produção de subjetividade não é resultado unicamente de um processo de individuação, mas sim, fruto de um processo coletivo inserido nos campos social, familiar, educacional e individual. Grosso modo, a subjetividade, ao mesmo tempo que passa por momentos de individuação, também está sujeita a processos de subjetivação coletivos. Isto é, “a subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos “matemas do Inconsciente”, mas também nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas” (Guattari, 1992, p. 20). Nesse sentido, a subjetividade também é produzida através do acoplamento entre indivíduo e tecnologias digitais. Para abordar tal problema recorro a

uma Filosofia Crítica da Tecnologia. Para esta perspectiva da Filosofia da Tecnologia, a tecnologia não é somente um instrumento neutro de valores, que só tem como finalidade atender às necessidades humanas. Por isso, é possível afirmar que há vieses nas tecnologias e que esses vieses são pautados, principalmente, por valores políticos e econômicos. Dessa forma, se as tecnologias não são neutras e são fundamentadas por interesses políticos e econômicos, então suas consequências estão imbuídas em seus arranjos e desenhos técnicos. Portanto, argumento que há um paradoxo frente às tecnologias digitais, qual seja: o que deveria ser um meio de democratização e pluralização, também padroniza, instrumentaliza e homogeneiza desejos e subjetividades. Em um mundo em que somos atravessados e, com frequência, influenciados pelos meios digitais, torna-se urgente a reflexão e a investigação rigorosa sobre para onde estamos indo e o que queremos em relação à tecnologia. É comum que temas relacionados à tecnologia sejam trabalhados a partir das ciências aplicadas. A maioria das pesquisas desenvolvidas por essas ciências, ao se debruçar sobre as questões tecnológicas, não leva em consideração o contexto político e cultural em que elas estão inseridas, como se a tecnologia fosse algo distante ou separado da sociedade. A presente pesquisa busca, através de uma investigação filosófica e a partir de um olhar crítico e questionador, preencher essa lacuna deixada pelas ciências aplicadas. A pesquisa pretende analisar os significados da tecnologia para além de sua eficácia e as consequências de determinados avanços tecnológicos, principalmente no que se refere às tecnologias digitais, na produção de subjetividade e desejos. Dessa forma, esta pesquisa não apenas aborda uma necessidade crítica ao tratar do tema das tecnologias digitais, mas também oferece uma abordagem inovadora e filosófica para determinados problemas complexos que envolvem tecnologia, subjetividade e política. Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira as tecnologias digitais, da forma que vêm sendo desenvolvidas, produzem e impactam subjetividade e desejos. De forma específica tem como objetivo investigar como a produção de subjetividade acontece no sistema capitalista; analisar como a produção das tecnologias digitais pelas grandes

corporações vem contribuindo para a produção de subjetividade e desejos e demonstrar que as tecnologias digitais e o espaço digital homogeneizam subjetividades e desejos. A presente pesquisa tem caráter filosófico, bibliográfico e analítico. Na primeira etapa, foi realizada a pesquisa bibliográfica de textos e artigos científicos que têm como objeto de estudo a correlação entre tecnologias digitais e a produção de subjetividade, além de temas relacionados à Filosofia da Tecnologia, Teoria Crítica e subjetividade. Na segunda etapa, foram realizadas a leitura, a análise e a produção de fichamentos dos textos previamente catalogados. A terceira e última etapa diz respeito à escrita dos resultados parciais da presente pesquisa, que ainda está em andamento e terá como resultado final a dissertação de mestrado do PPGFIL-UFPE. A partir da pesquisa realizada foi possível obter os seguintes resultados parciais: As tecnologias da informação e da comunicação traçam, de forma muito eficaz, rotas para que, cada vez mais, haja reivindicações subjetivas. Impulsionadas e, também, impulsionadoras da globalização, as TICs, através de seus dispositivos, abrem, de forma intensa e acelerada, os caminhos para desterritorialização e reterritorialização dos indivíduos que se distanciam cada vez mais de seus territórios existenciais fixos. Ora, estamos diante de um novo espaço de comunicação e informação. O mundo assiste ao triunfo do ciberespaço. Nele, os planos de desenvolvimento econômico, político, cultural e humano ganham novas possibilidades (Lévy, 1999). Diante disso, o processo de subjetivação dos indivíduos também passa por transformações significativas. A relação praticamente intrínseca, imposta pelos avanços tecnológicos, entre os indivíduos e os meios digitais, apresenta-se também como uma modalidade de construção coletiva da subjetividade e, sobretudo, de uma subjetividade capitalística. Se antes, as tecnologias da informação e os meios de comunicação de massa exerciam um grande impacto no processo de subjetivação dos indivíduos, hoje, com o triunfo do ciberespaço e o aumento significativo do uso de tecnologias digitais, esse impacto passa a ser triplicado, e em um ritmo consideravelmente mais acelerado. Concluímos que o sistema capitalista, através da mediação das tecnologias digitais, captura a subjetividade e o desejo de

uma forma muito sutil. Os espaços virtuais são vendidos como ambientes plurais, diversos e democráticos, mas, na realidade, reproduzem, perpetuam e retroalimentam violências de gênero, raça e classe. Diante disso, o que deveria ser uma experiência de multiplicidade instrumentaliza e padroniza subjetividades e desejos em função do aumento contínuo dos lucros do grande oligopólio da tecnologia.

Palavras-chave: Desejo; Filosofia da Tecnologia; Subjetivação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro essencial para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlando. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

RESMORFIA RAMALHIANA: AS FORMAS DO FANTÁSTICO NA DRAMATURGIA DE 'AS NOVAS AVENTURAS DE JOÃO GRILÓ'¹

Arthur Velázquez Florentino de Carvalho

E-mail: arthur.carvalho@aluno.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Maria Simone Marinho Nogueira²

E-mail: marianogueira@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

O teatro de Campina Grande, tanto em obra quanto é contexto, é fruto das experiências do construto histórico cultural, que pode ser estudado também pelas temáticas que circundam a dramaturgia de Maria de Lourdes Nunes Ramalho. Esta, assim chamada por Lourdes Ramalho, se estabeleceu por sua autonomia estética e empreendedorismo em uma possibilidade de organização cultural – conforme os aprofundamentos da pesquisa dramatológica de Diógenes Maciel (2019) – permeando muitas (re)montagens e apresentações de suas peças até os nossos dias mais contemporâneos, como é o caso de *A Feira* (1976) que, recentemente (17 de abril de 2024), foi executada no Teatro Municipal de Campina Grande. A dramaturga paraibana também se consagrou na Europa, frente às encenações efetivadas pelo diretor espanhol Moncho Rodriguez em 1988 (Correio das Artes, 2020). Mesmo diante do acervo de notórias peças voltadas ao público adulto, o

1 Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento no programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sob o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, para a qual deixo meus eternos e sinceros agradecimentos.

2 Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEPB, Edital PRPGP nº 03/2024, Processo SUAP 55001.001516.2024-39.

corpus desta pesquisa restringe-se aos pequeninos (Köpke, 1897), aqui evi-
denciada pela literatura ramalhiana direcionada à crianças e jovens (Coelho,
2000). Para tal, destacam-se *As Novas Aventuras de João Grilo* presente na
coletânea *Teatro Infantil: coletânea de textos infanto-juvenis* (2004) como
texto matriz, o qual se esmiuça, em análise e interpretação, os elementos
do imaginário pueril e simbólico presentes na dramaturgia ramalhiana, sob
alguns prismas da Estética (Hegel, 2000) e da Filosofia (Lacoste, 1986) da
Arte, assim como da Poesia Dramática (Diderot, 1986) e do imaginário
'fantástico' (Todorov, 2017). Isto posto, situa-se o enredo apresentado por
João Grilo, um tipo de herói quixotiano, que luta em busca de curar/salvar
a Alma da Mata – personagem em processo de enfermidade/morte – atra-
vés de um medicamento mágico, o Santo Graal. Com o apoio de auxiliares
(a Água , um Gnomo e um Gênio), esse herói – medroso e preguiçoso – é
encorajado a lutar contra três monstros, particularmente atípicos ao uni-
verso infanto-juvenil (o monstro Poluição, Corrupção e Inflação), fugindo
de certa tradicionalidade icônica ou de certo sentido alegórico (Todorov,
2017), comumente simbolizados em figuras de animais falantes e objetos
encantados para um representação de personagens em formas de elementos
naturais ou de elementos abstratos, em 'coisas'. Tal obra infanto-juvenil, para
além de um texto em diálogos diretos (como é o caso do modo de discurso
à escrita teatral), é também estruturada em uma 'espécie de cantiga' que se
exprime por precisa métrica (7 a 8 sílabas poéticas) e versos profusamente
rimados em uma estreita similaridade à poesia popular dos cordelistas e
repentistas nordestinos. Diante disso, passa-se a vê-la como uma obra
que se mostra em espírito (Hegel, 2000) de um produto em estético em
poética própria. Desta maneira, aa pesquisa se constitui a partir de certos
processos comparativos e levantamentos crítico-literários que fornece-
ram uma possibilidade de, primeiramente, mapear a composição cênica,
essa muito atrelada à estrutura de um gênero sacro – o Auto – do drama-
turgo português Gil Vicente (1465 - 1536), conforme já apontava a tese
de Rosangela Divina (2019); posteriormente, já mergulhados na definição
do 'fantástico' (Todorov, 2017), buscou-se procedimentos metodológicos

que pudessem nos sublinhar o que faz (ou não), de *As Novas Aventuras de João Grilo* (Ramalho, 2004), uma obra tão engendrada por personagens que possuem formas complexas como a auxiliadora principal (intitulada, por vezes como Espírito das Águas) e os três vilões monstruosos – também chamados de o horroroso, o dragão da hipocrisia e de o polvo de mil bocas (Ramalho, 2004, 07 - 14) – mencionados acima. Através de tais métodos, comparativismos e pesquisa teórica, chega-se até a construção do conceito ‘reesmorfia’, que apontou para uma possibilidade de enquadramento dos personagens ramalhianos que se transfiguram por formas coisificadas frente à delimitação de um processo metamorfósico (Lacoste, 1986), o homem e a própria condição humana se disfarça ou se camufla nos personagens auxiliares e monstros, esses que são os elementos da própria salvação ou extinção do ‘Bicho Homem’ – João Grilo, o homem literário – que pode se mostrar em muitas pessoas, enquanto representação do covarde e do inerte frente à batalha contra as mazelas que ele (o homem real) próprio construiu. Tais personagens se camuflam, também, através daquilo que se chama no teatro de máscaras, e assim, o transforma em um arquétipo (Guinsburg, 2006) e uma figuração de alguns tipos humanos próprios, como o poluidor, o corrupto e o capitalista. Como já apontava Diderot (1986) sobre a arte da ilusão da cena, Lourdes Ramalho se apropria dessa forma arquetípica para personificação desses personagens, diante da encarnação do caos (Meletínski, 2019), como estratégia de conscientização daquilo que é repugnante, ou daquilo que somos todos nós, bichos-homens em processo de autodestruição.

Palavras-chave: Dramaturgia ramalhiana; Fantástico; Infanto-juvenil; Formas.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CORREIO DAS ARTES. Lourdes Ramalho: 100 anos. **A UNIÃO**, João Pessoa/PB, ago. 2020. Disponível em: [<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/edicaodigital-2020/correio-das-artes-agosto-de-2020>]. Acesso em 16 jun. 2024.

DIDEROT. Denis. **Discurso sobre a Poesia Dramática**. Tradução e Notas de Franklin de Matos. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUINSBURG, J. (Orgs.). **Dicionário do teatro brasileiro**: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2006.

HEGEL, Friedrich. **Cursos de Estética**. Vol. 2. Tradução de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: USP, 2000.

KÖPKE, J. (1897). **Versos para os pequeninos**. Edição fac-similiar, Fapesp: 2017, 116 p. Organização: Norma Sandra de Almeida Ferreira. Disponível em: [<http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2017/03/kopke-facsimile.pdf>.] Acesso em 18 jun.2024.

LACOSTE, Jean (1981). **A Filosofia da Arte**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

MACIEL, Diógenes André Vieira. **Lourdes Ramalho em Cena**: modernidade teatral, dramaturgia e regionalidade. Campina Grande - PB: EDUEPB, 2019.

MELETÍNSKI, E. M.. (1998) **Os Arquétipos Literários**. Tradução de Aurora Bernardini e Homero de Andrade. 3^a ed. São Paulo: Cotia, 2019.

RAMALHO, Lourdes. **Teatro Infantil, coletânea de textos infanto-juvenis**. Campina Grande, PB: RG Editora e Gráfica, 2004.

SILVA, Rosângela Divina Santos Moraes da. **Rastros do Auto Medieval e Vicentino no Teatro do Nordeste Brasileiro**. 2019. 459 f. Tese (Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica** (1970). 4. ed., 3^a reimp. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MARGUERITE PORTE E ANIQUILAMENTO DE SI

Bianca Moreira da Silva

E-mail: biancalsicm@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba

O objetivo do presente trabalho é explorar o aniquilamento de si retratado na obra *O espelho das almas simples* de Marguerite Porete. Para que ocorra esse aniquilamento a alma passa, segundo a autora, por três mortes e sete estados ou graus da alma, detalhados posteriormente. Marguerite nasceu por volta de 1250 em Valenciennes, ao norte da França. Fazia parte de um grupo de beguinas, mulheres que viviam em comunidades e se sustentavam com trabalhos como costura, ensinamento de crianças e serviços de damas idosas, já que naquela época mulheres não podiam frequentar as universidades. As beguinas não possuíam ligação com a instituição religiosa, sendo aprovadas e desaprovadas diversas vezes ao longo de sua existência pelo poder eclesiástico e houve até mesmo tentativas de controlá-las, mas sem sucesso. O livro de Porete trata-se de uma literatura/filosofia espiritual que relata o caminho do encontro com o divino sem mediações e, por esse motivo, o livro sofre um primeiro processo, sendo proibido sua divulgação. Tomada pelo direito que achava possuir de divulgar a sua obra, Porete sofre um segundo processo e é condenada à morte na fogueira em 1310 em Paris. Os personagens principais do enredo são Amor, Alma e Razão. A analogia utilizada é a alma como alma aniquilada, em alguns momentos a própria autora, alma esta que traça seu caminho com a ajuda de amor que pode ser entendido como a deidade, enquanto razão nada entende mesmo ouvindo atentamente as falas do Amor e da Alma, sendo aquela a representação da instituição igreja. Por meio da linguagem apofática vai se construindo um discurso que desencadeará no ápice do encontro místico, na liberdade perfeita, porém, é necessário, primeiro, que a Alma mortifique o pecado, a

natureza e o espírito. As mortes acontecem dentro dos estados que a alma percorre para se tornar uma alma aniquilada. No seu percurso, a alma traça um caminho para chegar à união perfeita com o divino e para isso faz-se necessário retirar de seu caminho todas as mediações, se despoja de todo o exterior e do interior, pois Deus transforma essa alma em seu próprio querer. Assim, vai avançando de um estado a outro até chegar ao sétimo estado. O primeiro estado que a alma passa é a percepção da escravidão do pecado, então passa a viver a vida na graça, mas, ainda está presa à natureza; então passa para o segundo estado e vive uma vida segundo o espírito, mas ainda se encontra sob o domínio da razão que é o terceiro estado. A alma ama bondade e sacrifício, mas se faz necessário dizer não à vontade do espírito. Até aqui, do primeiro ao quarto estágio, há então a morte do pecado e a morte da natureza, mas ainda é preciso morrer o espírito, o que acontece no quinto estado. O desejo que fez desprender das coisas exteriores faz pensar que não há coisa maior, não há vida tão grande quanto a vida contemplativa, mas, ainda convém que o espírito morra. A alma comprehende seu caminho, é necessário a morte do espírito, pois Deus é aquele que é e essa alma já não é. Deus trabalha nela, por ela, sem ela, chegando ao sexto estado, onde essa alma aniquilada não trabalha mais por Deus, não tem mais desejo, Deus opera nela, sem ela. Essa alma não sabe onde está a vontade, pois não possui mais vontade, assim, está aniquilada, sem si mesma. No sexto estado a alma é pura, iluminada, invadida pela bondade divina, já não ama nada, não louva nada que não Deus, não existe nada fora da deidade. No país da liberdade perfeita ela se funde ao seu amado, numa perda de identidade ela se abandona, ela é agora o querer de Deus. O último estado Amor guarda para dar na glória eterna, onde a glorificação se encontra, a alma aniquilada é clarificada, mas não glorificada, pois amor só dará a glorificação na glória eterna. Marguerite deixa claro que em seu caminho não deve haver mediações ou empecilhos, deixando de lado coisas consideradas importantes para a igreja como missas, sermões e orações, o que contribuiu para a condenação do seu livro. A alma não quer mais Deus por meio dos sacramentos da Santa Igreja, nem por pensamentos ou obras, criaturas

ou pela glória, nem pela louvação divina. Uma busca pelo encontro com o divino que não dura mais que um instante até retornar ao primeiro estado, a liberdade que implica na perda da identidade, pois, se funde a deidade, aniquila a si mesma e se torna o querer de Deus. Assim, a autora cumpre o seu intuito, se torna alma aniquilada.

Palavras-chave: Alma; Deus; Morte; Liberdade; Razão.

REFERÊNCIAS

NOGUEIRA, M. S. M. Lá onde estava antes de ser: Marguerite Porete e as almas aniquiladas.

SCINTILLA - Revista de Filosofia e Mística Medieval, v. 13, p. 11-30, 2016. Disponível em: <https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/article/view/21/17>. Acesso em 03 Jul. 2024.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Marguerite Porete (verbete). **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, p. 14-28, 2023. Acesso em 03 Jul. 2024.

PORETE, Marguerite. O espelho das almas simples que permanecem somente na vontade e no desejo do amor. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AUSÊNCIA DE RECONHECIMENTO DO PENSAMENTO FILOSÓFICO FEMININO NO ENSINO DE FILOSOFIA

Bianca Moreira da Silva

E-mail: biancalscm@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

Natália Pequeno da Silva

E-mail: natalia_pequeno28@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

Na história da humanidade, sempre existiu a desigualdade entre homens e mulheres, em que o homem sempre esteve à frente de tudo. Durante os períodos históricos, a mulher sempre foi vista como alguém inferior, sempre dependendo de uma figura masculina, se pode ver isso traçando uma linha do tempo com exemplos. Na mitologia grega, a deusa Atena, símbolo da sabedoria que sai da cabeça de Zeus, no cristianismo, que Eva saiu da costela de Adão. No medievo é possível ver a figura da perfeição e da perdição, retratada pela Virgem Maria e pela Mulher pecadora, não retratando uma mulher comum. Na modernidade, mulheres lutaram pelo reconhecimento de suas origens, pensamento e espaço na sociedade, como Mary Wollstonecraft. Na contemporaneidade, rebeldes que lutam por seus direitos e reconhecimento na sociedade e, semblantes como Simone de Beauvoir, conhecida por dar voz às questões de gênero. A figura feminina sempre foi vista como sexo frágil, doméstica e mãe, assim, sendo ocultada sua presença na história como pensadora. Na educação não é diferente, a história chega a se repetir, a ausência das mulheres também faz despertar para essa realidade, por mais que sejam pesquisadas, ainda é possível enxergar invisibilidade no tocante à aparição das mesmas nos livros didáticos. Os filósofos pensaram as mulheres de maneira diferente, Kant e Rousseau, por exemplo, pensaram as mulheres de maneira pejorativa. Rousseau coloca a

mulher como fisicamente mais fraca, frágil, sem contar que ela é destinada à “produção de crianças”, o que em parte limita sua independência. Kant imprime uma imagem racionalmente diminuída e traz consigo que a mulher para poder pensar deve possuir barba. Já filósofos como Hume e Condorcet retrataram a mulher de forma igualitária, racionalmente capaz de pensar igual. Também houve influência feminina no pensamento masculino, algumas foram de grande inspiração para o pensamento que se desenvolveu na época, como no livro que foi escrito por Harriet Taylor e John Stuart Mill, *A sujeição das mulheres* que, ao pesquisar, se pode encontrar pela autoria dela no livro. A história se repete no tão conhecido *Discurso do Método*, se não fossem as cartas trocadas por Elizabeth de Boêmia, Descartes não teria desenvolvido o seu tão famoso *Discurso do Método*. Na mesma linha de Taylor, Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre foram os principais pensadores da corrente existencialista, sendo o nome de Beauvoir citado numa linha existencialista ligada às questões de gênero. No ambiente educacional pode-se perceber a ausência de mulheres trabalhadas nas salas de aula. A maioria dos livros didáticos repete as mesmas autoras com conteúdo desconexo de seus respectivos pensamentos. Para exemplificar isso, foram utilizados quatro livros didáticos para servir como base para uma melhor análise: o *Iniciação à filosofia* de Marilena Chauí, o *Fundamentos de filosofia* de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes, o *Filosofia: temas e percursos* de Vinícius de Figueiredo e colaboradores e o *Filosofia: experiência do pensamento* de Silvio Gallo, todos datam de 2016. Esses livros trazem um apanhado dos filósofos presentes no livro. O primeiro deles, o *Iniciação à filosofia* aborda com uma linha do tempo desde a antiguidade, passando pelo medievo, modernidade até a contemporaneidade. Ao todo são elencados cerca de 82 filósofos, dos quais apenas três mulheres que são Hipátia de Alexandria, Simone de Beauvoir e Hannah Arendt. O segundo livro analisado trata de um índice de conceitos e nomes com 149 pensadores, dos quais 13 são mulheres, dentre elas Hannah Arendt, Simone de Beauvoir e Marilena Chauí. O *Filosofia: temas e percursos* menciona Hannah Arendt e Madame de Lafayette em seu índice bio-filosófico, que faz um sumário com 30 filósofos e a respectiva página

onde podem ser encontrados; no interior da obra são enumerados ao todo 86 filósofos, contando também Bernadette Delamarre. O último livro didático, *Filosofia: experiência do pensamento*, traz uma perspectiva de uma linha do tempo chamada de A filosofia na história, que abrange os filósofos dentro de seus campos de investigação e faz menção ao contexto histórico de cada época. As filósofas que aparecem são Hipátia de Alexandria, Hannah Arendt, Simone de Beauvoir e Agnes Heller, retratando ao todo 89 filósofos nesta linha do tempo. Por mais que tenham seus nomes nos livros didáticos, a maioria das autoras supracitadas não estão sendo apresentadas com suas teorias e pensamentos, como no livro de Marilena Chauí, onde Hipátia aparece como uma indicação de filme, como sugestão. Por mais que a mulher já tenha alcançado muitos espaços, ainda há muito a ser feito para superar mais de dois mil anos de história na qual seu papel era o de dona do lar e cuidadora de filhos. Atualmente, os direitos das mulheres no papel são reconhecidos, mas ainda há um certo preconceito no que diz respeito ao filosofar das pensadoras, se realmente são capazes de produzir pensamento e o são, já provaram isto. A educação possui um papel fundamental sobre a formação da sociedade, para que se forme uma sociedade igualitária também nas práticas é de suma importância que as filósofas sejam ensinadas nas escolas, para que os discentes não precisem questionar onde estão as mulheres nos livros didáticos. E, mediante ao reconhecimento da ausência das pensadoras nos livros didáticos de filosofia, seja legitimada a força que há no pensamento filosófico feminino.

Palavras-chave: Pensadoras; Educação; Livros didáticos; Mulheres; Filosofia.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Elizama; FREITAS, Ellen; COUTINHO, Gilmara. O silenciamento do pensamento filosófico feminino. Anais VII ENID & V ENFOPROF / UEPB. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64604>>. Acesso em: 03/07/2024 23:55

CHAUÍ, Marilena. Iniciação à filosofia. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2016.

COTRIM, Gilberto; Fernandes, Mirna. Fundamentos de filosofia. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

EGGERT, Edla ; Menezes, M. M. . A filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural: uma reflexão entre margens. In: Juliana Pacheco. (Org.). Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico, 1. Ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

FIGUEREDO, Vinícius de (org.). Filosofia: Temas e percursos. 2. Ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2016.

GALLO, Silvio. Filosofia: Experiência do pensamento. 2. Ed. São Paulo: Scorpione, 2016.

PEREIRA, Taís Silva. As marcas da opressão: a ausência das pensadoras nos livros didáticos de filosofia à luz do pensamento de Iris Marion Young. Revista Ideação, Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 1, n. 42, p. 465-480, dez, 2020.

SILVA, Juliana Pacheco Borges da. Mulher e filosofia: Onde estão as filósofas? Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>. Acesso em 03 de Jul. 2024.

SOBRE AS “IDEIAS ABSTRATAS” EM BERKELEY

Carlos Antônio de Souza

E-mail: souza.carlos@servidor.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Importa, aqui, examinar alguns aspectos do problema epistemológico dos conceitos universais, no contexto da teoria moderna do conhecimento e as respectivas implicações na metafísica; com a finalidade de, ao estabelecer relações, clarificar determinadas questões pertinentes ao mencionado contexto de discussões. A fixação do eixo do problema em Berkeley se deve ao fato de que sua crítica à abstração concernente às ideias e sua consequente adesão ao nominalismo certamente o tornam ponto de referência na aludida problematização. Assim, em linhas gerais, o problema dos universais, na história da filosofia, remonta à Idade Média (sucintamente, às discussões que separam realistas platônicos, conceitualistas e nominalistas, as quais se seguem à recepção mediada por Boécio da obra *Isagoge*, de Porfírio (século III d. C.)), com referências mais pretéritas à Antiguidade Clássica, mais precisamente a Aristóteles e Platão. Contudo, tal problematização tem como foco principal a questão ontológica, ou seja, da realidade dos universais. Diversamente, importa, aqui, conforme já indicado, o aspecto epistemológico do problema. Para situar a discussão nestes termos, necessário se faz considerar as mudanças de paradigma ocorridas historicamente e nesta esteira, a passagem da perspectiva cosmocêntrica para a teocêntrica e, em seguida, a antropocêntrica, ensejando uma reorientação do eixo da problematização do aspecto ontológico para o epistemológico, estabelecendo a primazia do problema do conhecimento. Somente assim, se torna possível entender como o referido eixo se desloca gradualmente do nível das “formas inteligíveis”, para o “intelecto divino” e, finalmente, para o domínio da mente humana, morada das ideias. Aqui, tem lugar privilegiado o problema epistemológico

dos – neste caso, necessariamente, conceitos – universais. Nestes termos, na teoria moderna do conhecimento, um dos principais problemas, a saber, aquele que constitui o pomo da discórdia entre racionalistas e empiristas, decorre das respectivas posições face à questão da fonte dos aludidos conceitos (ou ideias gerais abstratas). Destarte, as referidas ideias adquirem guarida e posição privilegiada na tese inatista (o inatismo das ideias e princípios teóricos, por exemplo, em Descartes, Leibniz) dos racionalistas, o que, de quebra, favorece consideravelmente a metafísica (note-se, por exemplo, a tese da “impressão divina”, em Descartes) – ponto este de considerável importância e que merece, aqui, o devido destaque, considerando que, por outro lado, com os empiristas, tal é consideravelmente dificultado e mesmo vedado pela proposta de remetimento incondicional à experiência sensível (deste lado, deve ser digno de nota a adesão à “tese da tábula rasa”, por parte de Locke). Apesar da contraposição, considerando a crítica de Locke à teoria cartesiana das “ideias inatas”, a elaboração de sua teoria empirista das ideias o constrange, contudo, a lançar mão do expediente da abstração, em parte da constituição das ideias complexas, com vistas a restituir o direito de cidadania, no campo do entendimento, àqueles conceitos destituídos de sua pretensa condição natural, na já mencionada teoria racionalista. Assim, em Locke, a tese das “ideias gerais abstratas”, ao conferir cidadania no entendimento aos conceitos universais, consequentemente, confere sobrevida à metafísica. Desdobrando, de modo mais rigoroso, a teoria empirista, Berkeley, em oposição à “doutrina lockeana das ideias abstratas”, acusa a impossibilidade psicológica de apreensão de tais supostos conceitos. Com efeito, segundo seus próprios termos, a opinião de que o espírito pode construir ideias abstratas constitui a origem de erros e dificuldades inúmeras em quase todos os domínios do conhecimento. De modo mais preciso, a queixa de Berkeley consiste na impossibilidade psicológica de compreensão uniforme em um conceito, ou bem, no conceito de algo, de todas as múltiplas propriedades particulares, inclusive opostas entre si, que o instanciam, mediante uma suposta conformidade ou identidade. Com

efeito, para ele, não há possibilidade psicológica de apreensão conceitual sem que seja de um conteúdo particular, satisfazendo, portanto, a exigência empirista de remetimento a um conteúdo imagético e, em última análise, à uma sensação. Para ele, a fonte de tal equívoco reside na suposição de que os termos da linguagem (incluindo-se os termos gerais, predicativos, etc.) derivam de ideias, que seriam igualmente gerais. Uma vez rejeitada a mencionada teoria das “ideias gerais abstratas”, sua resolução consiste em propor que algo dessa natureza só é possível na condição de termos verbais. Assim, desalojadas do mundo mental, as pretensas ideias abstratas se exilam no domínio da linguagem, sob a forma de termos estritamente discursivos, com o que se afirma a filiação deste à teoria nominalista. Com mais esta restrição, resta à metafísica, em termos de sobrevida, em Berkeley, a condição de pressuposto subjetivo para a possibilidade de existência de ideias – e estas, apenas e tão somente particulares. No concernente a tais aspectos, desenvolvendo uma versão empirista ainda mais radical, a rejeição às supostas ideias abstratas e a consequente adesão ao nominalismo é o expediente também seguido por David Hume, em decorrência da aplicação de sua famosa “regra do polegar”. E acrescentando, ainda, um ponderado ceticismo aos resíduos espiritualistas berkeleyanos, cabe a Hume, portanto, decretar o consequente cancelamento da metafísica.

Palavras-chave: Universais; Racionalismo; Empirismo; Metafísica.

REFERÊNCIAS

BERKELEY, G. **Tratado sobre os princípios do conhecimento humano.** Trad. Antônio Sérgio. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (col. Os Pensadores).

DESCARTES, R. **Meditações sobre filosofia primeira.** Tradução e nota prévia: Fausto Castilho. Campinas: Edições CEMODECON – IFCH/Unicamp, 1999. Edição bilíngüe.

HUME, D. **Investigaçāo sobre o entendimento humano**. Trad. Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (col. Os Pensadores).

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (col. Os Pensadores).

PORFÍRIO. **Isagoge**: introdução às categorias de Aristóteles. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1994.

IDENTIDADES RELIGIOSAS DE UMA CIDADE: O CONVENTO IPUARANA EM LAGOA SECA

Carlos Gabriel Dias Rodrigues
E-mail: gabrieldiias53@outlook.com
Universidade Estadual da Paraíba

Este trabalho resulta de uma investigação realizada através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), conduzida sob a orientação da Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira e financeiramente viabilizada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ – PB), a qual agradecemos. O propósito da pesquisa consiste na análise histórica e filosófica do sentimento religioso que permeia a cidade de Lagoa Seca (PB) por meio da presença do Convento Ipuarana, especialmente seu impacto na fundação e no desenvolvimento socioeconômico da localidade, além de investigar sua relevância na contemporaneidade. Utilizando a história oral e a consulta de documentos históricos como referência, são considerados relatos pessoais, memórias coletivas e narrativas enraizadas na cultura local. A pesquisa se deu pela análise de documentos históricos encontrados tanto na Prefeitura da cidade de Lagoa Seca, quanto no Convento Ipuarana e também no acervo pessoal disponibilizado por moradores, bem como a coleta de informações por meio de entrevistas com testemunhas oculares. Baseada na ideia de pensadoras como Ângela de Castro, que dá voz à história contada pelo povo comum, a pesquisa enfatiza a importância de considerar as narrativas populares como fontes legítimas de conhecimento histórico. Ao destacar a memória e experiência das pessoas comuns, frequentemente marginalizadas nas narrativas históricas tradicionais, é possível obter uma compreensão mais rica e diversa do passado. Inspirados por essa perspectiva, portanto, a investigação deu especial atenção aos relatos de moradores locais, cujas experiências e memórias

contribuíram significativamente para a reconstituição histórica da cidade de Lagoa Seca. Além de se embasar também na leitura e fichamentos do referencial teórico, sobretudo o que diz respeito à memória, à identidade e à religião, que nos forneceu conceitos e ideias importantes para subsidiar a discussão e a escrita da pesquisa. Dessa forma, busca-se evidenciar como a instituição religiosa é vista como um símbolo para a cidade desde os primórdios de sua construção, e como tal símbolo é fundamental para a construção da identidade local até os dias atuais, além de ilustrar como o sentimento de comunidade em Lagoa Seca foi fortalecido pelo objetivo compartilhado de contribuir para a construção do convento e pelo mútuo acolhimento entre a comunidade e a instituição. Assim, a ideia de Agnaldo Cuoco Portugal de que Deus pode ser um motor social é particularmente relevante. A fé religiosa não apenas une os indivíduos em torno de um objetivo comum, mas também mobiliza recursos, inspira ações coletivas e fortalece laços sociais. Deste modo, a religião torna-se uma força motriz que pode transformar comunidades ao promover o sentimento de pertencimento e identidade do lugar. Em Lagoa Seca, essa dinâmica é claramente observável na maneira como a construção do convento se tornou um projeto comunitário que envolveu a todos, criando um legado duradouro de união e identidade coletiva. Tornar possível a reflexão sobre a influência da religião na formação de uma cidade, especificamente sobre Lagoa Seca (PB), que se deu por meio da fundação do Convento Ipuarana, mas também estabelecer uma investigação inédita e abrangente que mergulhe nos meandros dos documentos históricos da cidade que, por sua vez, serão lidos à luz da Filosofia da Religião, com o acréscimo de várias categorias não apenas desta área da Filosofia, como também da História e da Literatura, em um trabalho interdisciplinar que deve contribuir para uma melhor compreensão da tríade religião-memória-identidade.

Palavras-chave: Religião; Identidade; Memória.

REFERÊNCIAS

GOMES, Ângela Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PECHMAN, Robert Moses. **9 cenas, algumas obs-cenas da rua.** Fractal Revista de Psicologia, Niterói, v. 21, n. 2, p. 351-368.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e sensibilidades.** In Revista Tempos Acadêmicos nº 3. Santa Catarina: UNESC, 2005. pp. 127-134.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 7-21.

PORUTGAL, Agnaldo Cuoco. **A Filosofia Analítica da Religião.** In Lições de filosofia da religião. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/468religiao>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ROUSSEAU, J. J.; RESENDE, A. **Do contrato social.** 1^a edição ed. [s.l.] Martin Claret, 2013.

UNAMUNO, M. DE. **Do sentimento trágico da vida.** 1^a edição ed. [s.l.] Editora Hedra, 2013.

ETTY HILLESUM: QUAL FILOSOFIA ENCONTRAMOS EM SEUS TESTEMUNHOS?³

Carolina Cavalcanti Bezerra

E-mail: carolina.bezerra@servidor.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Etty Hillesum (1914-1943) foi uma jovem judia neerlandesa que legou ao mundo reflexões filosóficas e teológicas importantes para a compreensão do que foi a Shoá, a devastação causada pelo nazismo na Europa e especialmente o genocídio do povo judeu. Através de seus diários escritos durante os anos de 1941-1943 e publicados a partir dos anos 1980 na Europa e mais atualmente em outros países do mundo, inclusive aqui no Brasil, Etty narra quase que diariamente fatos que versam sobre a restrição de liberdade, prisões, desaparecimentos e mortes da população judia, até o dia em que ela própria foi encaminhada em um vagão para o campo de extermínio de Auschwitz. As temáticas apresentadas e refletidas por ela em seus relatos fazem parte das análises propostas pela pesquisa de doutoramento intitulada *A literatura de testemunho e a escrita de si como constructos da memória e do malheur weiliano nos diários de Etty Hillesum*, que toma como eixos norteadores a literatura de testemunho e a escrita de si para analisar a partir do conceito de *malheur* da filósofa francesa Simone Weil (1909-1943) os relatos testemunhais de Etty Hillesum. A literatura de testemunho caracteriza-se por narrar fatos simbólicos por meio de uma linguagem mais poética, e desta forma testemunhal, que agrega as memórias e as narrativas de um indivíduo. Este simbolismo ganha proporções

3 Este trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado que se encontra em andamento no programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e tem como orientadora a Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (PPGLI e Curso de Filosofia – UEPB).

quando o fato literal em si se reduz à importância que o mesmo ganha com sua eternização. A história se escreve. E o diário enquanto performance de escrita e local do testemunho, nada mais é do que o enfrentamento entre o real, o simbólico e o imaginário (Seligmann-Silva, 2010) na construção de uma narrativa que se torna memória de algo ou de muitas coisas. Já a escrita de si é uma escrita autobiográfica ou autoral que se caracteriza por expor a intimidade de seu autor e ser lugar de resistência, onde se escreve para viver (Bingemer, 2021). Enquanto gênero autobiográfico ganha destaque nos estudos literários, o que é importantíssimo tendo em vista ser esta entendida como uma “escrita feminina”, mas mais importante é que “a escrita de si e o testemunho assumem uma dimensão pública absolutamente necessária para a reconstrução das relações sociais no mundo democrático, sob forte ameaça de esquecimento do passado, de esgarçamento de tradição e de empobrecimento” (Rago, 2013). Desta forma, como nos diz Foucault (2011), a escrita de si abre “espaço para a apropriação do próprio eu, como um modo de autoproteção e autonomia” (Foucault, 2011). O conteúdo e as reflexões contidas em seus diários, que fortalecem a literatura de testemunho como fonte de construção de uma memória (Seligmann-Silva, 1998, 2010) possibilitam analisar conceitos pertinentes aos estudos filosóficos – sofrimento, liberdade, religião, a própria memória – e buscar na escrita de si (Foucault, 1992; Rago, 2013) uma filosofia feminina que se estabelece a partir de uma literatura feminina ao abordar questões pertinentes ao universo feminino. Tais reflexões estão sendo realizadas a partir da leitura dos diários e de trabalhos publicados sobre a autora e suas reflexões, além daqueles que envolvem nosso escopo teórico filosófico principal, o conceito de *malheur* de Weil. Objetiva-se, dentre algumas questões pertinentes, apresentar como a escrita de Etty Hillesum se fortalece no diálogo entre os estudos literários e os estudos filosóficos. Desta forma, vislumbra-se alguns aspectos que tornam esse estudo pertinente, independente de seu viés. Pelos estudos literários, a importância da divulgação dos gêneros que abordam a literatura de testemunho como fontes importantes de construção da memória. Para a Filosofia, a importância apresenta-se na discussão de

alguns conceitos encontrados nos relatos de Etty e que recorrentemente fazem parte de discussões filosóficas e desta forma, por essa aproximação, podem vir a caracterizar uma filosofia exclusivamente feminina.

Palavras-chave: Testemunho; Escrita de Si, *Malheur*; Literatura feminina; Filosofia Feminina.

REFERÊNCIAS

BINGEMER, M. C. L. **Aula aberta “Mística feminina contemporânea** – Etty Hillesum e Simone Weil. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t-z5XEdSUxu4> Acesso em: 17 set. 2021.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. pp. 129-160.

HILLESUM, E. **Uma vida interrompida** – Os diários de Etty Hillesum 1941-43. Tradução de Antônio C. G. Penna. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

RAGO, M. **A aventura de contar-se:** feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. Livro eletrônico. 4846 posições.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Revista do mestrado em Letras da UFSM. Santa Maria, RS, UFSM; CAL, n. 16, jan./jul. 1998, p. 9-37. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/lettras/article/view/11482> Acesso em: 13 mai. 2022.

_____. O local do testemunho. **Tempo & Argumento**, Revista do Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, v.2, n.1, p. 3-20, jan/jun., 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894> Acesso em: 27 abr. 2022.

UM POUCO DE FILOSOFIA AFRICANA: CONTRIBUIÇÕES DA MÍTICA AFRO - BRASILEIRA COM AS ORIXÁS IEMANJÁ E NANÃ

Cristiane Agnes Stolet Correia

E-mail: cristianeagnes@servidor.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Stella Samires da Silva Albuquerque

E-mail: stella.albuquerque@aluno.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

A presente comunicação está vinculada ao Projeto de Pesquisa Científica *Arquétipos de Orixás em contribuição para a Filosofia da Educação: Exu, as Yabás e os Anciões*, que tem como subprojeto de Iniciação Científica *As Orixás Oxum, Yemanjá e Ewá - Da Cultura Afro - Brasileira à Filosofia da Educação*. A proposta *Um pouco de Filosofia Africana: contribuições da mítica afro-brasileira com as orixás Iemanjá e Nanã* enfoca o segundo termo enumerado do projeto: as yabás, de modo mais específico, Iemanjá e Nanã. Considera-se pertinente contribuir com alguns esclarecimentos relacionados às duas orixás femininas, com o objetivo de desconstruir alguns padrões preconcebidos oriundos de desconhecimento. Recordando que as tradições afro-brasileiras foram renegadas (e/ou silenciadas) por longo tempo na história do pensamento acadêmico, defende-se a necessidade persistente que tais tradições sejam cada vez mais revisitadas e repensadas. Tem-se como metodologia uma revisão bibliográfica que reúne contribuições de diferentes áreas do pensamento. O conceito de mito será apresentado a partir das contribuições de Eliade (2004). Em seguida, a noção de arquétipo de Carl Jung (2000) para então revisitar dois arquétipos selecionados: Iemanjá e Nanã. A partir de algumas características presentes na arquetípica das duas orixás, é possível desdobrar algumas considerações para se

repensar construções sociais do feminino. Iemanjá é associada à Grande Mãe; Nanã, à avó, à anciã detentora da Sabedoria, também a que conhece o segredo do barro que forma o ser humano. Considerando que as religiões afro-brasileiras no Brasil materializam uma forma de resistência diante das diversas opressões impostas no decorrer da história brasileira, iniciadas pelos colonizadores europeus, revisitar os mitos oriundos da tradição africana (mantidos vivos especialmente pela transmissão oral entre gerações) permite uma conexão mais direta com uma das raízes ancestrais do povo brasileiro e revigora o sentido do conhecido provérbio africano “Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vem”. É nesta direção que a pesquisa proposta se coloca e propõe desdobrar um pouco possíveis simbologias a partir de famosos itans das yabás Iemanjá e Nanã. “É na linguagem mitológica [...] que se realiza a concepção de transmissão de conhecimento necessária para se compreender os modos de ver e ser no mundo das práticas religiosas de matriz africana” (OLIVEIRA, 2023, p. 25). Tal perspectiva se alinha ao conceito de inconsciência coletiva de Carl Jung. Afinal, mudam-se as culturas, as formas, mas todas apontam para um mesmo arcabouço. “[N]o concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2000, p.16). Percebendo-se que há uma tendência cultural em se aniquilar a potência dos mitos ao se limitar sua compreensão a uma explicação causal, por exemplo, ou ao igualá-los a uma só interpretação, a uma única faceta, propõe-se aqui resgatar uma abordagem trina do arquétipo maternal - já que as yabás são orixás de arquétipos femininos e o termo “yabá” em yorubá significa “mãe rainha”- (LIMA PAVEI; GERALDES JUNIOR, 2020), de modo a expandir a compreensão do ser mulher na contemporaneidade. Jung (2000, p. 93) sinaliza que são “três aspectos essenciais da mãe, isto é, sua bondade nutritiva e dispensadora de cuidados, sua emocionalidade orgiástica e a sua obscuridade subterrânea”, mais especificamente três aspectos: a bondade, a paixão e a escuridão. A partir da análise de alguns itans das yabás Iemanjá e Nanã, notou-se como o feminino dentro das

religiões de matriz africana possui diversas facetas, uma complementando a outra, de modo a movimentar uma possível integração no processo de construção do ser mulher. Foi possível observar como Iemanjá não só é a grande mãe, como normalmente conhecida, mas também a esposa que se empodera e não permite nenhum tipo de submissão. Por outro lado, Nanã, a sábia que detém o material que molda o ser humano (o barro), também pode se apresentar como uma mulher profundamente apaixonada (como se pode observar em vários itans em que ela tenta de tudo para conquistar Oxalá) (OLIVEIRA, 2023). Ambas as orixás ainda se conectam ao sombrio, portanto, à escuridão apontada por Jung, onde o vazio do preto comporta todas as possibilidades. Assim, percebe-se como a filosofia africana pode contribuir para a prática de um feminismo decolonial, em que as mulheres se libertem de padrões impostos pela sociedade, não se prendam a rótulos/títulos dados, auxiliando para que elas possam verdadeiramente exercer sua autonomia e liberdade. Nesse sentido, *Um pouco de Filosofia Africana: contribuições da mítica afro-brasileira com as orixás Iemanjá e Nanã* contribui para a valorização e o conhecimento da Filosofia Africana no Brasil, não só para iniciar o “pagamento” de uma dívida histórica, imprescindível, mas especialmente para fazer jus à própria formação diversa do povo brasileiro. A presente pesquisa se insere nesse movimento, na interseção com demandas do movimento feminista. Registra-se o agradecimento à FAPESQ - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba, que ao conceder bolsa de iniciação científica para o projeto mencionado, viabilizou/viabiliza a realização da presente pesquisa.

Palavras-chave: Filosofia Africana; Mito; Arquétipos; Yabás.

REFERÊNCIAS

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JUNG, CG. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LIMA PAVEI, M. A.; GERALDES JUNIOR, G. A. AS YABÁS E SEUS ARQUÉTIPOS: AS CARACTERÍSTICAS ARQUETÍPICAS E SUAS RESSONÂNCIAS NOS ORIXÁS FEMININOS DA UMBANDA. **Revista Vincci - Periódico Científico do UniSATC, [S. I.]**, v. 5, n. 2, p. 59–81, 2020. Disponível em: <https://revistavincci.satc.edu.br/index.php/Revista-Vincci/article/view/224>. Acesso em: 5 abril 2024.

OLIVEIRA, A. **As iyabás no Candomblé: as mulheres de terreiro e uma descrição dos itans das orixás**, 2023.

VIZZOTTO, Rosilene. **O desafio do ensino de filosofia com os jovens do ensino médio**. REFil - Revista Digital de Ensino de Filosofia | periodicos.ufsm.br/refilo | vol.5 n.2 - jan./jul. 2019. Acesso em 23 de julho de 2024 às 18h: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/35783>.

TEMPORALIDADES CÍCLICAS E A FORÇA DA “PALAVRA ATUANTE” NA OBRA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO⁴

Daniel Rodas Ramalho

E-mail: drodas917@gmail.com, PPGLI-UEPB/CAPES

Inserindo-se em um contexto de amplo reconhecimento e valorização da escrita de autoria negra, em especial a feminina – decorrente de décadas de esforços por visibilidade no meio literário, esforços esses não raro encabeçados pela própria autora –, a obra literária de Conceição Evaristo vem sendo objeto de diversos estudos interpretativos por parte da crítica, os quais enfocam as múltiplas facetas do projeto estético-político da autora e refletem sua relevância no atual cenário da literatura brasileira contemporânea. Nesse sentido, entretanto, ainda que a poética da autora – concentrada, até o momento, na obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017) – tenha sido também alvo de estudos detalhados, os mesmos são menos numerosos se comparados com os dirigidos à sua produção em prosa; situação à qual se soma uma verificada limitação de perspectiva, que consiste em uma leitura da obra de Evaristo que, por vezes, desconsidera certo aspecto central de sua poética, vinculado diretamente à reivindicação estético-política a qual se propõe: a presença de concepções epistemológicas de origem africana, ou ainda de um “saber ancestral”, como parte de um resgate da memória cultural negra e da consequente ruptura com uma perspectiva eurocêntrica. Sendo assim, partindo da verificada presença

4 Esta pesquisa foi financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na vigência da Cota 2023-2025, pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI – UEPB) e tem como orientadora a Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (PPGLI e Curso de Filosofia – UEPB).

desse saber ancestral na poética de Conceição Evaristo – especificamente, os conceitos de “temporalidade cíclica” e “palavra atuante” das filosofias africanas, conforme Lopes e Simas (2021) –, o presente estudo, desdobrado de uma pesquisa de mestrado que tem como *corpus* parcial a obra poética da autora, visa identificar e analisar a presença desses conceitos de origem africana em alguns poemas da coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), evidenciando a relação que esses conceitos estabelecem com o projeto estético-político da autora, em consonância com o resgate da sabedoria negra ancestral através da escrita de autora feminina. Tendo em vista tal objetivo, adotou-se como percurso metodológico a leitura analítico-interpretativa do *corpus* literário, constituído por dois poemas extraídos da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), de Conceição Evaristo, identificando nos referidos poemas a presença das categorias de “tempo cíclico” e “palavra atuante” – derivadas das reflexões de Lopes e Simas (2021) e Eliade (1998) –, em consonância com o substrato cultural e o aspecto político identificável na obra poética da autora. O *corpus*, o tema, a metodologia e os resultados obtidos neste estudo são um desdobramento da pesquisa de mestrado do autor – Ramalho (2024) –, atualmente em fase de conclusão. Com relação aos resultados, a pesquisa chegou aos mesmos optando por empregar os conceitos referidos – “tempo cíclico” e “palavra atuante” – como categorias analíticas para a análise dos poemas de Evaristo (2017). O conceito tradicional de “tempo” nas filosofias tradicionais africanas – entendidas aqui em seu “conjunto” generalizado, ainda que não se desconsidere as múltiplas especificidades culturais – costuma girar em torno de uma certa noção de natureza cíclica, na qual as categorias de “passado”, “presente” e “futuro” fazem parte de um mesmo movimento de constante fluidez, em contraposição a concepções estruturalmente lineares. Conforme apontam Lopes e Simas (2021), a noção de temporalidade das culturas tradicionais africanas se baseia em uma concepção de “retorno” ou de “simultaneidade” cósmica, em que os fatos passados não apenas continuam a reverberar no presente e no futuro, mas se constituem enquanto partes intrínsecas de uma mesma dimensão temporal. Com isso, passado,

presente e futuro não existiriam enquanto categorias distintas, mas seriam uma mesma temporalidade, um mesmo “jogo” de ações onde os atos presentes e passados se interligam, assim como as consequências futuras. No que diz respeito à linguagem, essa concepção fluída e entrelaçada do tempo influencia um outro conceito central na cosmovisão tradicional africana: a “palavra atuante”. Para Lopes e Simas (2021, p. 43-44), nessas culturas “a palavra é a força; e o Verbo é a expressão por excelência da força do ser em plenitude. [...] Ele tem, de poder criador, a função de preservar, destruir e recriar o mundo.”. Considerando o aspecto “potente” da palavra atuante, inclusive o de “preservar, destruir e recriar”, percebe-se que tais culturas reverenciam a linguagem também em um sentido de ação presente, ação essa que, tendo em vista a noção não-linear de tempo fluído, atua também no passado, e reverbera no futuro. Com isso, a palavra que “atua” resgata a “força ancestral”, o poder do Verbo enquanto “sopro animado”, em um sentido semelhante ao que Eliade (1998) chama de “prestígio mítico das origens”, no qual a linguagem, nas culturas tradicionais, adquire o “poder” de reviver o passado para “curar” – literal ou metaoricamente – as feridas do presente, visto que essas categorias, conforme Lopes e Simas (2021), são entrelaçadas. No contexto da obra poética da autora, fortemente ancorada, conforme a própria Evaristo (2020), na ancestralidade feminina, as ideias de “tempo cílico” e de “palavra atuante” se coadunam enquanto elementos essenciais de sua “escrevivência”, visto que remetem à potência feminina ancestral que, a partir de um movimento verbal do presente – a “escrita” – retoma e reverbera a imagem mítica ancestral da Grande Mãe Negra, do feminino negro ancestral, enquanto força capaz de modificar, “destruir” e “recriar” o mundo, pela potência da palavra e da “tomada de voz”, em seu sentido “atuante”. Com isso, conforme exemplificado nas análises dos poemas “Eu-mulher” e “Vozes-mulheres”, o “tempo cílico” e a “palavra atuante” das filosofias africanas adquirem, na obra da autora, uma significação abertamente política, de resgate da “potência ancestral” da mulher negra, capaz de ser a “força-motriz”, o “moto-contínuo” que retroalimenta

ciclicamente a resistência do presente, recolhendo as “vozes-mães” do passado e reverberando nas lutas do futuro.

Palavras-chave: Filosofias africanas; Conceição Evaristo; Ancestralidade; Tempo cíclico; Palavra atuante.

REFERÊNCIAS

ELIADE, M. **Mito e realidade.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias africanas: uma introdução.** 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

RAMALHO, Daniel Rodas. **A Deusa no ventre das palavras: ressignificações do sagrado pela ótica do feminino em Conceição Evaristo e Adriane Garcia.** Dissertação [Mestrado / em andamento]. PPGLI-UEPB, 2024.

O PERSPECTIVISMO NIETZSCHIANO E O ASPECTO CRÍTICO DO BRICOEUR SEGUNDO KINCHELOE

Elly-Berto Amancio Correia Nunes

E-mail: betonuneskubrick@gmail.com, UFCG

Nossa proposta neste artigo é através de uma revisão bibliográfica cotejar o conceito de perspectivismo à luz da obra de Nietzsche: A Gaia Ciência e o conceito de bricoleur segundo a perspectiva de Kincheloe em sua obra: Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem. Deste modo, através de uma análise sobre os fundamentos de cada conceito, apontar as possíveis relações entre eles. Porém, é preciso destacar que neste artigo trataremos de um aspecto específico do perfil de bricoleur traçado por Kincheloe em sua obra, isto é, o aspecto crítico hermenêutico do bricoleur. Ao longo deste artigo serão abordadas questões como o lugar de observação de cada indivíduo no mundo, assim como a influência do meio na formação de opiniões sobre os acontecimentos recentes, como as guerras envolvendo Ucrânia e Rússia e os conflitos entre Israel e Palestina. Na conclusão deste artigo fica uma indagação sobre como é possível que diante de tantas perspectivas se atribua a alguma delas o status de verdade. É muito comum o uso de expressões como: é meu ponto de vista em relação de... ou mesmo, visto por este lado tal resultado aponta para... no entanto, o uso destas frases em nada reforçam as ideias de que em cada situação, deve-se levar em conta os vários lados de uma história, ou mesmo deve-se dar voz a todos os envolvidos nela. Porém, o que prevalece geralmente é uma versão dos fatos, e que quase sempre é privilegiada a do envolvido que melhor argumenta ou ainda o que detém de algum modo “poderes” de decisão sobre o que é certo ou errado. Não há, portanto, uma relação necessária entre a história narrada e o fato ocorrido. O que acessamos por meio dos discursos são pontos de

vista, visões de mundo quase sempre hegemônicas, isto é, as vozes dos mais fortes, seja por poder aquisitivo, familiar, político ou religioso. Há sempre uma relação hierarquizada que privilegia sempre os discursos proferidos pelos que geralmente ocupam o topo dessa pirâmide. É bem verdade que para o senso comum o apelo do mais fraco por meio da vitimização torna-se incômodo para a maioria dos que se propõem a refletir sobre as “injustiças” praticadas contra um grupo ou outro, todavia, não se trata de apontar erros ou acertos, mas de destacar que para toda situação narrada deve-se levar em conta todos os aspectos envolvidos desde: quem conta, quando conta, donde conta e como conta. Deve-se considerar, portanto, que toda história possui um pano de fundo, um viés, e que por isso os fatos narrados sofrem influências direta ou indiretamente que podem acarretar em distorções que, por exemplo, coloquem vítimas como algozes ou vice-versa. Destaco, por exemplo, as diversas distorções em torno da exploração portuguesa em território brasileiro no que diz respeito à tentativa de escravizar e catequizar os nativos desta região. Lembro-me que na educação histórica que recebi em meados dos anos de 1990, a figura do indígena estava associada à preguiça e a hostilidade, enquanto os colonizadores e catequizadores eram retratados como pessoas civilizadas com intenções de salvar os indígenas de sua suposta selvageria e ignorância. Esse é apenas um exemplo absurdo de uma história contada por um viés que desloca descaradamente as posições entre os envolvidos para gerar uma cultura de difamação de um determinado grupo. Para Kincheloe, cabe ao *bricoleur* realizar sua pesquisa em diálogo aberto com todas as realidades possíveis, levando em conta todas as variáveis envolvidas. Tomando como exemplo a narrativa que ilustrei acima, um *bricoleur* jamais chegaria a um resultado tal como mostrado, logo, os riscos de se cometer injustiças por meio de narrativas tendenciosas tornam-se menores ou quase nulos, visto que não se apontaria uma visão unilateral, mas uma reflexão sobre todos os ângulos possíveis. Esse tipo de abordagem se assemelha e muito ao perspectivismo. É preciso primeiramente desconsiderar todas as visões de mundo que se baseiam em indivíduos, em outras palavras, é preciso que se considere que não existem seres tais

como mônadas e que todos que compõem o espaço/tempo em questão, estão de certa forma interligados coercitivamente. Segundo Nietzsche devemos nos desapegar da ideia de que a nossa visão de mundo é a única possível, muito embora, intuitivamente o nosso “espírito” comprehenda o mundo através de visões limitadas, isto é, percebemos o mundo apenas de forma parcial e por isso se torna contraintuitivo especular outras visões que não as nossas. Isso se dá por intermédio da cultura do individualismo, por isso para que se possa educar nossa percepção é preciso primeiramente vencer a barreira do pensamento individual. Tendo como pano de fundo o aspecto *Crítico* da bricolagem exposto por Kincheloe em sua obra: *Pesquisa em Educação: conceituando a bricolagem* de 2007 e alguns aspectos do conceito de *Perspectivismo* desenvolvido por Nietzsche em sua obra: *Die fröhliche Wissenschaft La gaya scienza* (1882-1887), mais precisamente em seu aforismo 374. *Nosso novo infinito*. Desenvolveremos nossa discussão com o objetivo de, se possível, apontar o maior número de congruências entre os pensamentos destes dois autores a fim de contribuir de alguma forma com o desenvolvimento das bases epistemológicas deste “novo” fazer científico: *a bricolagem*.

Palavras-chave: Análise; Aspecto; Bricoleur; Conceito; Educação.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi, Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2007.

CHALMERS, Alan. F. **O que é ciência afinal?**. Tradução: Raul Filker. Brasil: Brasiliense, 1993.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo - SP: Unesp, 2004.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem.** Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre - RS: Artmed, 2007.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação e Realidade**, Porto Alegre - RS, v. 37, ed. 2, p. 607-625, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência.** Tradução: Paulo Cézar De Souza. São Paulo - SP: Companhia das Letras, 2012.

ARTE E LINGUAGEM: A MÚSICA É UMA SIMPLES METÁFORA OU UMA FORMA ALTERNATIVA DE FALAR?

Euclides Barbosa Ramos de Souza

E-mail: kidinho_dc@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba

Esta pesquisa tem como objetivo investigar em que medida a compreensão dos fundamentos conceituais da arte, especialmente da música, contribui para o discernimento mais completo de uma teoria da origem e uso da linguagem formal ou cotidiana. Principalmente baseando-nos na faceta da comunicação humana ordinária, defende-se que a conversação e a música pura (KIVY, 1990, p. ix, isto é, não acompanhada por palavras) possuem uma razão comum de ser, que é a de informar ideias, sendo a primeira usada para conceitos mais específicos, também chamados de *conceitos tardios*, como “casa”, “sapato”, “Física”, “amor”, enquanto a segunda é usada para conceitos mais gerais, também chamados de *conceitos paradigmáticos*, como “espaço”, “tempo”, “felicidade”, “raiva”, “movimento”. A principal diferença entre a linguagem tradicional e a linguagem musical estaria na falta e na presença, respectivamente, de uma *experiência estética*. Na primeira, nosso objetivo é comunicar o máximo de informação possível no menor intervalo de tempo. Já na segunda, a necessidade de eficiência é posta de lado em prol de um *embelezamento* da comunicação por meio de instrumentos musicais e técnicas vocais (vocalizações sem letra) cujos efeitos sonoros podem se estender indefinidamente no tempo ao bel prazer do compositor, baseado no seu objetivo de causar, não apenas em si mesmo, mas no seu ouvinte (interlocutor) em geral, uma experiência estética, o *sentir* dos conceitos paradigmáticos que se pretende comunicar. A música, portanto, teria sido inventada para expressar *majestosamente* os conceitos mais *primitivos e inatos* da existência racional e irracional humana, os quais

encontram dificuldades em serem expressos por palavras convencionais, uma vez que tais conceitos *precedem* a linguagem. Dessa maneira, seria muito difícil tentar dizer “computador” em cinco minutos de instrumentalizações, embora fosse teoricamente possível, uma vez que a música é, de fato, apenas um modo distinto de falar. Entretanto, falar do mundo tardio à linguagem não é seu objetivo. Não é só sobre comunicar para ser *proposicionalmente* compreendido, mas fazer sentir, de um modo extraordinário, mais forte e visceral que meras palavras. A música é, assim, a melhor forma de expressar o mundo pré-lingüístico das sensações, sentimentos, habilidades e noções inerentes à existência humana. Não à toa, diversas metáforas são utilizadas para explicar e descrever o que um compositor tentou dizer com determinada peça musical, tais como “tristeza”, “melancolia”, “tranquilidade”, “vazio”, “caos”, “nostalgia”, “engraçado”, “asqueroso”, “medo” etc. Nota-se a generalidade e o caráter primitivo, fundamental, comum e inato a todos nós, na percepção de cada um desses conceitos. Questiona-se, também, sobre a ontologia da música e seu propósito social. A música é a obra escrita sob uma determinada notação prevista por uma *teoria musical* ou a execução acústica dela? Se for a execução, qual delas? Seria o conjunto de todas elas ou a considerada, por alguém ou um grupo, a melhor das performances? O silêncio absoluto, o som de máquinas trabalhando ou animais, conta como música? Defende-se que a música, tal como a linguagem, se trata de um *fato institucional* (SEARLE, 1969, p. 50), isto é, um fenômeno intrinsecamente simbólico, de natureza humana, com o fim de suprir necessidades humanas. Em relação às demais perguntas ontológicas expostas acima, caberia à arbitrariedade decidir, uma vez que a determinação do que seja a música dependeria de interesses particulares de cada um (comerciais, por exemplo, quando alguém diz que “o verdadeiro show deste compositor ocorrerá no meu teatro” etc.). Deryck Cooke, em seu *The Language Of Music* (1959), propôs um *dicionário musical*, por meio do qual compositores poderiam expressar determinados conceitos, conscientemente, tal como fazemos ao usar palavras de um idioma. Apesar das polêmicas envolvidas no que diz respeito à generalidade e unanimidade da semântica proposta, uma vez

que nem todos afirmavam compreender o que supostamente dizia uma determinada escala musical, tal impasse era previsto, na medida em que as pessoas também se submetem a mal-entendidos na linguagem ordinária, seja por razões culturais, geográficas, religiosas, temporais, técnicas, físicas ou psicológicas. Por último, a fim de demonstrar uma maior clareza sobre expressividade musical por meio de uma *Estética Analítica* da música, já que autores como Platão, Arthur Schopenhauer, Arthur Danto e Eduard Hanslick sempre trataram esse tema com poesia e metafísica em demasia, esta pesquisa também questiona os fundamentos da teoria musical acerca de como a pretensa notação matemática e conceitos físicos por trás dela não representam suficientemente bem o fenômeno estético da música, quando comparados aos fundamentos de uma teoria geral dos atos de discurso. As conclusões dessa pesquisa foram obtidas por meio de uma revisão bibliográfica crítica, levando em consideração apenas conceitos *a priori*, como prevê o método tradicional de investigação filosófica, tanto em fontes sobre filosofia da linguagem como filosofia da arte, assim como em fontes que versam sobre a ciência por trás do fenômeno acústico da música e da teoria musical. Foi possível apresentar boas evidências de uma maior semelhança entre a música e as línguas naturais, mais do que com uma ciência exata, uma vez que alguns impasses matemáticos e físicos não atingem o nível de rigor pretendido numa notação musical, no fim, apelando para a noções, comportamentos e usos da linguagem natural. Conclui-se que metáforas, no entanto, não estão aqui para provar que a música é apenas uma imitação das ações e da linguagem humanas, mas uma manifestação da vontade natural humana de se expressar, independentemente da forma como o fazem. É claro que poderíamos começar a fazer o oposto e falar sobre línguas naturais em termos de conceitos e símbolos de teoria musical, embora isso não fosse necessariamente útil. A música e a linguagem são, de fato, instâncias de um mesmo propósito e tendência inerente à intencionalidade da mente humana. A música é um meio totalmente legítimo de expressar ideias, mas de uma forma “mais bonita”, por assim dizer. É capaz de dizer menos conceitos, talvez dois ou três durante uma música inteira

de cinco a dez minutos, mas de uma forma muito excêntrica, nova, viciante, brilhante, contagiante, heroica, depressiva, triste, composta, majestosa, ou seja, qualquer que seja a metáfora que se queira usar.

Palavras-chave: Comunicação, Teoria, Expressividade, Estética, Exatidão.

REFERÊNCIAS

BLATTER, A. **Revisiting Music Theory: A guide to the practice.** Routledge Taylor & Francis Group 270 Madison Avenue, New York, NY 10016, 2007.

COOKE, D. (1959) *The Language of Music*. Ed. Oxford University Press, New York, 2001.

DENORA, T. *Music Sociology: getting the music into action*. B. J. Music Ed. 2003 20:2, 165–177. Cambridge University Press, 2003. DOI: 10.1017/S0265051703005369.

KIVY, P. **Music Alone: Philosophical Reflections on the Purely Musical Experience.** Ed. Cornell University Press, 1990.

KRIPKE, S. **Naming And Necessity.** Harvard University Press; Second Printing edition, 1980.

SEARLE, J. R. *Speech Acts*. Ed. Cambridge University Press, New York, 1969.

SHEA, B. *Karl Popper: Philosophy of Science*. Internet Encyclopedia of Philosophy. Available in: <https://iep.utm.edu/pop-sci/#:~:text=Popper's%20falsificationist%20methodology%20holds%20that.might%20reveal%20to%20be%20false>.

VANDERVEKEN, D. **Meaning And Speech Acts: Volume I.** Cambridge University Press, New York, 1990.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The embodied mind**: Cognitive science and human experience. MIT Press. p. 9. ISBN 978-0262261234, 1992.

WILKERSON, D. S. Harmony Explained: Progress Towards A Scientific Theory of Music, 2012. Available in: https://arxiv.org/html/1202.4212v2/#sec_2_4_0.

SOBRE A RACIONALIDADE DAS EMOÇÕES

Eugênia Ribeiro Teles

E-mail: eugeniateles@servidor.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Comumente, encontra-se menções às emoções como contrárias à razão, como se as emoções fossem completamente destituídas de qualquer racionalidade. Isso não é algo recente. Pode-se dizer que o antagonismo entre emoção e razão remonta aos primórdios da instauração do *logos* enquanto princípio ordenador do mundo. A ordenação e a inteligibilidade, postas através desse princípio, possibilitam a compreensão e apreensão da realidade, bem como a sua expressão através da linguagem. Por outro lado, tradicionalmente, as emoções são vistas como desconcertantes, como subversiva da ordem das coisas, mostrando-se instáveis quando tentamos compreendê-las, e muitas vezes, inefáveis. Ora, se a razão opera através de razões e justificações, as emoções, aparentemente, não evocariam nenhuma razão de ser; elas apenas são. Por isso, ainda que sentidos negativos e antagônicos tenham sido atribuídos às emoções, é inegável que grande parte das nossas experiências no mundo se dá por meio delas. Não obstante a supremacia da razão ao longo do desenvolvimento da filosofia ocidental, existem filósofos, como David Hume, que defendem a primazia das emoções (paixões) no âmbito da moralidade. Nesse viés, desde o final do século passado, as emoções angariam um lugar de destaque na filosofia e muitos são aqueles que se debruçam no campo de estudo da Filosofia das Emoções. No desenvolvimento dessa área de estudos, muitas teorias sobre as emoções foram e continuam sendo formuladas e reformuladas a exemplo das teorias que definem as emoções em termos de sensações (Prinz, 2004), as Teorias avaliativas (Solomon, 1976; 2008), as Teorias perceptuais (Tappolet, 2016) e as Teorias atitudinais (Deonna; Teroni, 2012), entre outras. Dessa forma,

todas essas teorias tentam responder à questão fundamental sobre o que é uma emoção. As repostas não são triviais, nem consensuais, mas a maioria dessas teorias compartilha alguns elementos em comum, dentre os quais destacam-se as considerações sobre a racionalidade e irracionalidade das emoções. Isso posto, o objetivo desse trabalho é discutir a possibilidade de que, mesmo que as emoções tenham sido vistas como desarrazoadas, elas podem apresentar uma racionalidade baseada em critérios como justificação e correção. Isso significa dizer que as emoções podem ser racionais à medida em que elas são justificadas e corretas. Na perspectiva da teoria das emoções como percepções de valores, de Christine Tappolet (2016), por exemplo, as emoções são, essencialmente, experiências perceptuais das propriedades avaliativas dos objetos. Assim, o medo que uma pessoa sente ao avistar um cachorro bravo é a experiência perceptual de que o cachorro é valente e pode atacar. O medo, como as emoções em geral, possui uma intensidade (pode ser brando ou forte), uma durabilidade (alguns segundos, horas ou a vida toda), um objeto intencional (o cachorro) e uma direção de ajuste que vai da mente da pessoa que sente o medo para o mundo (a percepção do cachorro valente). A emoção é sempre em relação a um objeto intencional (alguém, alguma coisa, uma lembrança etc.). Sendo assim, a emoção sentida pode ser racional ou não. Essa avaliação se dá através da relação sentimento/objeto intencional. Em algumas teorias, as emoções apresentam condições de correção e de justificação, como no caso da teoria perceptual. A noção de correção das emoções defendida nessa teoria, significa que as emoções apropriadas são aquelas consideradas corretas do ponto de vista epistêmico. Ou seja, uma emoção é considerada correta se, e somente se, adequar-se aos fatos, se a emoção representa o objeto como ele é em termos avaliativos. Imagine que o cachorro do exemplo supracitado é dócil e não oferece perigo algum. Obviamente, o tutor do cachorro não tem medo dele, pois sabe da sua docilidade, mas uma pessoa que não o conheça e o vê partir em sua direção latindo, pode entrar em pânico por achar que está sendo atacada por ele. O medo sentido pela pessoa não é correto porque, de fato, o cachorro não é perigoso. Mas, se o cachorro fosse

realmente perigoso, o medo seria correto, seria apropriado. Para além do padrão de correção, existe o padrão de justificação. Uma emoção é justificada ou injustificada conforme as razões que a pessoa tem para senti-la. Se a pessoa que sentiu o medo do cachorro dócil já tivesse sido mordida por um cachorro teria uma razão suficiente para sentir medo quando visse o cachorro latindo em sua direção. Ou seja, o medo seria evocado pela visão do cachorro associada à experiência anterior e, nessa perspectiva, o medo seria justificado, apesar de não ser correto. Se o medo sentido pela pessoa apresentar ambos os padrões (justificação e correção), ele é considerado racional. Entretanto, quando uma emoção não apresenta nenhum desses padrões, ela é considerada irracional. Um exemplo disso seriam as fobias. Se sentimos um medo sem justificação, a exemplo do medo de sair de casa sem que haja razão para tal, nem um objeto intencional real que evoca esse medo (correção), essa emoção (medo) é considerada irracional. Portanto, assumindo que as razões podem ser evocadas e serem utilizadas para avaliar a relação emoção/objeto intencional, então, pode-se concluir que as emoções são racionais se, e somente se, as razões suportam e justificam a emoção em relação ao objeto intencional. Por outro lado, se as razões falharem no suporte e justificação, então a emoção é irracional.

Palavras-chave: Racionalidade; Filosofia das Emoções; Justificação; Correção.

REFERÊNCIAS

DEONNA, Julien A.; Teroni, Fabrice. **The Emotions: A Philosophical Introduction**, London: Routledge, 2012.

PRINZ, Jesse. **Gut Reactions: a Perceptual Theory of Emotion**, Oxford: Oxford University Press, 2004.

SOLOMON, Robert C. **The Passions**, Garden City, New York: Doubleday Anchor, 1976.

SOLOMON, Robert C. (ed.) **The Philosophy of Emotions**, in Lewis, Haviland-Jones, & Barrett 2008: 3–16, 2008.

TAPPOLET, Christine. **Emotions, Values, and Agency**, Oxford: Oxford University Press, 2016.

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA DO SUJEITO DE ALAIN DE LIBERA⁵

Fábio Alexandrino da Silva

E-mail: ffabio.alexandrino@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

Maria Simone Marinho Nogueira⁶

E-mail: marianogeuira@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

O conceito de sujeito é um tema central na filosofia, mas sua definição e evolução ao longo da história são frequentemente complexas e controversas. Agostinho é sempre lembrado quando se pensa no *eu* (sujeito). No entanto, em se tratando de filosofia, a subjetividade é geralmente atribuída a Descartes e não a Agostinho. Afirma-se que com o *cogito ergo sum*, o filósofo francês inaugura a subjetividade moderna, colocando no centro do sujeito a própria razão. Talvez por isso, mas não apenas por isso, quando se fala de escrita de si, a tendência está sempre voltada para o horizonte da Modernidade e da Contemporaneidade, e não para o da Idade Média. Em vista disso, no primeiro volume *Arqueologia do Sujeito. Nascimento do sujeito* (*Archéologie du sujet. Naissance du sujet*), Alain de Libera, um exímio filósofo e historiador da filosofia, ainda vivo, com seus 75 anos, e especializado em filosofia medieval, conhecido por seu trabalho abrangente sobre a filosofia escolástica e a transmissão das ideias filosóficas do mundo árabe para a Europa medieval, propõe uma abordagem arqueológica para investigar a

5 Agradeço ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC, Cota 2023-2024) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), do qual este trabalho faz parte e tem como orientadora a Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (PPGLI e Curso de Filosofia – UEPB).

6 Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEPB, Edital PRPGP nº 03/2024, Processo SUAP 55001.001516.2024-39.

história e a natureza do sujeito, desafiando as narrativas tradicionais que remontam a Descartes. A abordagem arqueológica de De Libera oferece uma nova perspectiva sobre a natureza do sujeito, destacando sua historicidade e contingência. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise bibliográfica e documental. O trabalho de De Libera será examinado, especialmente seu método arqueológico, que envolve a análise da linguagem, da escrita e das práticas sociais para revelar as diversas maneiras pelas quais o sujeito tem sido conceituado ao longo do tempo. Sua abordagem arqueológica oferece uma nova perspectiva sobre a natureza do sujeito, destacando sua historicidade e contingência. Este primeiro volume cobre um arco temporal que vai de Aristóteles a Brentano, passando pela Idade Média, pela Segunda Escolástica e pela Idade Clássica. A obra de De Libera é, portanto, uma exploração profunda e abrangente da evolução do conceito de sujeito ao longo da história da filosofia. Desta forma, o primeiro volume da obra *Arqueologia do Sujeito. Nascimento do sujeito* (2013) será introduzido com o intuito de pensar a ideia de sujeito e, portanto, de subjetividade, já na Idade Média. Da mesma forma, com a proposta de dar a conhecer o que está sendo feito no trabalho de Iniciação Científica (PIBIC 2023-2024), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, que visa redesenhar novas subjetividades a partir da escrita mística feminina medieval. A metodologia inclui a análise comparativa entre as concepções de sujeito apresentadas por De Libera e as subjetividades emergentes nas escritas místicas femininas. Os resultados preliminares da pesquisa indicam que a rejeição por Agostinho da tese atributivista (a de um *eu* apenas como suporte de atributos, isto é, *hypokeimenon*) já configura o que para Heidegger só existe a partir de Descartes: o encontro do *subjectum* com o *ego*, ou seja, a mudança do *sujeito paciente* para *agente*. Este estudo busca redefinir a compreensão do sujeito a partir de uma perspectiva histórica e contingente, desafiando a narrativa predominante que associa a origem da subjetividade, no sentido moderno, exclusivamente a Descartes. A abordagem arqueológica de Alain de Libera ilumina a complexidade da evolução do conceito de sujeito, evidenciando a relevância da filosofia medieval nesse

processo. Além disso, ao explorar as escritas místicas femininas medievais, esta pesquisa pretende contribuir para a expansão do campo de estudo das subjetividades, mostrando como essas escritas podem revelar novas dimensões da experiência subjetiva.

Palavras-chave: Sujeito; Arqueologia; Alain de Libera.

REFERÊNCIAS

DE LIBERA, Alain. **Arqueologia do sujeito.** Nascimento do sujeito. Tradução de Fátima Conceição Murad. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2013.

MARINHO NOGUEIRA, Maria Simone. Marguerite Porete: a mística como escrita de si. GRAPHOS, João Pessoa, v. 22, p. 76-90, 2020. Recuperado: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/54125>. Acesso em 17/Jul. 2024.

INTRODUÇÃO À ÉTICA EPICURISTA

Henrique Alexandre da Silva

E-mail: h.alexandre@aluno.eupb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Epicuro nasceu em Samos provavelmente entre 341-270 a.C., deu aula em algumas cidades, mas foi com sua chegada a Atenas que aconteceu o marco de sua filosofia, pois ele acreditava que tinha algo novo e revolucionário em relação à filosofia, por isso decidiu abrir uma academia. Porém não em ginásio como era de costume na Grécia, mas em um jardim afastado da cidade, com o silêncio dos campos, silêncio esse que se fazia necessário para prática de sua filosofia. Por isso o nome de “os filósofos do jardim”. Este servia como morada para Epicuro e seus discípulos, as portas do jardim estavam abertas para todo e qualquer tipo de pessoa, tanto para homens livres quanto para escravos, prostitutas que buscavam redenção, nobres e pobres, pois, todos eram iguais para Epicuro e, assim como ele, almejavam o mesmo propósito que era a paz do espírito e a vida feliz. Das obras de Epicuro restaram apenas as destinadas a seus discípulos (Heródoto, Pítocles e Meneceu), que são apenas “tratados resumidos”, duas coleções de Máximas e alguns fragmentos. Epicuro fez uma tripartição da sua filosofia tratando da lógica, física e ética, sendo esta última o foco desse texto, mas antes deve-se recordar uma breve sinopse das duas primeiras que aparecem na tripartição, já que são elaboradas em favor da ética. Pela lógica elabora-se os cânones onde se consegue reconhecer a verdade, a física é responsável por ajudar a compreender a realidade, o que leva à ética, tendo-se como fonte a finalidade do ser humano (a felicidade). A canônica Epicurista é simples, ela é dívida em três elementos, são eles as sensações (*aistheseis*), tomadas como verdadeiras e absolutas; as antecipações (*prolepses*), basicamente são representações mentais das coisas, causadas pelas sensações e imagens que chegam até nós

por meio dos “simulacros”, em outras palavras, encontram-se na memória; por fim, os “sentimentos de prazer e dor” são fatores decisivos na regra do agir, diferenciando o bem do mal. Acompanhado por esses elementos citados acima também encontra-se as opiniões que podem variar em verdadeiras e falsas. Já a física de Epicuro também apresenta três categorias fundamentais que articulam a sua concepção do Todo: são elas, os átomos, corpos mínimos indivisíveis; o vazio, receptáculo dos átomos e o espaço de seu movimento; o infinito, condição para o movimento eterno e incessante dos átomos. Para Epicuro essa física está totalmente orientada em fornecer fundamentos cosmológicos à ética. A ética de Epicuro, seguindo a tradição de toda ética antiga, está voltada para a busca da verdadeira eudaimonia (felicidade). O principal trabalho de Epicuro sobre a ética encontra-se na obra Carta a Meneceu, onde reúnem-se as quatro proposições, conhecidas como os “quatro remédios”. São eles 1. A morte não é nada para nós; temos que entender que a morte não significa nada, pois todo bem e mal está nas sensações e a morte nada mais é que a privação das sensações. Não existe nada de terrível na vida das pessoas que estão convencidas de que não há nada de terrível em deixar de viver, o sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não-viver não é um mal. 2. O limite da grandeza dos prazeres é a superação de toda dor; por isso ele afirma que o prazer é o início e o fim da vida feliz, pois mediante ele que direciona-se todas as escolhas e recusas, pois só sente necessidade do prazer quando ele não se faz presente na vida das pessoas, do contrário não sentem essa necessidade. Mas, nem por isso se deve escolher todo e qualquer tipo de prazer, visto que, a ocasião em que esse prazer pode trazer efeitos desagradáveis, há também ocasiões em que se evita certos prazeres momentâneos em função de um prazer maior futuramente. Dessa forma, todo prazer naturalmente constitui um bem por menor que seja, e toda dor é um mal por natureza. Portanto, cabe a cada um avaliar os prazeres e os sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. 3. A dor não dura continuamente na carne, mas a dor extrema não está presente senão pelo menor tempo possível. 4. Não se pode viver com prazer sem

viver com prudência, honestidade e justiça; razão pela qual, quem consegue viver com prudência, honestidade e justiça vive com prazer, já quem não consegue viver assim, evidentemente não viverá com prazer.

Palavras-chave: Epicuro; Eudaimonia; Prazeres.

REFERÊNCIAS

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**, Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: editora Unesp, 2002.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica I**. São Paulo: Loyola, 1999.

REALE, Giovanni e DARIO, Antiseri. **História da filosofia: antiguidade e idade média**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: editora Paulus, 1990.

UM PROBLEMA ANTROPOLÓGICO ESTÉTICO CONTEMPORÂNEO

Itallo Vinicius Andrade Menezes

E-mail: itallo.menezes@aluno.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

O trabalho apresentado procurou expor o papel da estética no âmbito contemporâneo, e como essa se caracteriza como um problema antropológico onde se faz necessário a sua presença em nossos dias, o que significa pensar o ser humano em reconhecimento consigo mesmo. Esse “reconhecimento” se baseia na aparente simples pergunta sobre “o que nós somos?” que tanto assombra nossa contemporaneidade. É, de fato, marca registrada da humanidade e deste tempo serem tão “plurais”, e isto tanto em questão de pensamento quanto em questão de escolhas para suas vidas. Entretanto, essa dicotomia interna presente nos seres humanos acaba por trazer mais desastres do que conquistas: há uma luta interna, e uma guerra externa, quase metafísica, entre a razão e o sentimento. A dicotomia contemporânea é o problema principal tomado nesse artigo, evê-la como um “problema” deve ser o primeiro real problema que se deve abordar. A princípio, o trabalho se inicia com a definição de o que é estética, afinal, para além de somente um discurso sobre arte e beleza: ela lida com o ser humano e esta mesma luta interna. O maior nome que podemos relatar, e que trata tão bem deste problema, e que igualmente será uma das vozes sobre o holofote deste trabalho, será o do poeta e filósofo Friedrich Schiller (1759-1805), e suas obras *Sobre Graça e Dignidade* e *A Educação Estética do Homem*, além de passagens da obra *Do Sublime ao Trágico*. Schiller, na carta XV da obra *A Educação Estética do Homem*, apresenta o conceito de “jogo”, que pode ser explicado como a ideia de que o ser humano vive num constante diálogo entre seu racional e seu sentimental, e isto tem de ser posto como um

jogo, uma conversa onde ambas as instâncias sejam escutadas, uma dança onde os pares tenham sua vez de dançar. O autor apresenta igualmente na mesma obra, dessa vez na carta XI, a ideia da “exteriorização infinita”, onde o homem recebe a matéria verdadeira, do mundo, e a interioriza, aplicando a si mesmo nela, e é neste movimento de exteriorização de seu interno que ele se sente parte do mundo, unindo, assim, razão e sensibilidade, através daquilo que o agrada afetivamente: o belo. A beleza, então, como afirma o autor *Do Sublime ao Trágico* e, principalmente, do texto *Sobre Graça e Dignidade*, une as duas maiores potências do ser humano, o faz reconhecer-se como criador e como participante deste mundo, e esta ideia se eleva até mesmo a um nível político: quando não se define o que lhe agrada, alguém definirá por você, entender o que é belo para você é entender aquilo que lhe faz sentir participante verdadeiro do mundo. Igualmente podemos trabalhar essa questão em uma perspectiva ética: o belo é comunicável, entender o belo do outro é entender como o mundo do outro se movimenta, e ambas as belezas devem se comunicar, pois todas as belezas se encontram em um mesmo lugar: o mundo, fonte de toda a beleza. É neste tópico que trazemos a segunda voz, mas não menos importante, deste artigo: Mikel Dufrenne (1910-1995). Dufrenne trabalha a fenomenologia da experiência estética, e ele é só um de outros tantos nomes que já perceberam a importância da estética como um saber capaz de livrar o ser humano desta má interpretação de sua dicotomia entre razão e sensibilidade, trabalho este que Schiller tanto se empenha em reforçar. A estética fenomenológica é o próximo grande passo para que a humanidade esteja novamente em sua mais alta forma: razão e sentimento unidos em uma só unidade, fazendo, assim, que as pessoas se reconheçam como seres existentes e participantes. A união destas potências pode ser até mesmo a solução dos problemas enfrentados nas últimas décadas: ansiedade e depressão. Há inúmeros ganhos desta união, e este trabalho visa reforçar a necessidade de voltar os olhares para a tão aclamada “ciência das graças e das musas”: a estética.

Palavras-chave: Filosofia; Estética; Educação; Fenomenologia.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **O Ato de Criação** (lecture). Conferência proferida no “Mardis de la Fondation” (fundação europeia de imagem e som) em 17 de março de 1987. Tradução: José Marcos Macedo. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27/06/1999.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. EDITORA PERSPECTIVA S.A. Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025 01401-000 - São Paulo - SP - Brasil, 2002.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Editora Vozes. Tradução de Fernando Costa Mattos. Bragança Paulista, 2017 – (Coleção Pensamento Humano).

SCHILLER, Friedrich Von. **A Educação Estética do Homem**: numa série de cartas. Rua Oscar Freire – São Paulo – SP – Brasil. EDITORA ILUMINURAS LTDA, 2002.

SCHILLER, Friedrich Von. **Kallias ou Sobre a Beleza**. Rua México, 31, Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

SCHLEGEL, Friedrich Von. **O Dialetos dos Fragmentos**. Rua Oscar Freire, 1233 – São Paulo – SP. EDITORA ILUMINURAS LTDA, 1997.

O PARADOXO DA SOBERANIA E A BIOPOLÍTICA EM AGAMBEN

Izabel Fortunato da Silva Sousa

E-mail: izabel.silva@aluno.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Thalles Azevedo de Araujo

E-mail: thallesazevedo@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Procura-se neste trabalho compreender e expor o pensamento de Giorgio Agamben sobre as relações políticas fundamentais; mostrar como ele desenvolve uma reformulação do paradoxo da soberania e indica uma conexão intrínseca entre o poder soberano e a *vida nua*. A partir da obra *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, discute-se o problema de como o poder soberano produz a *vida nua*, a vida matável do *homo sacer*. Assim, a *vida nua* torna-se o fundamento sobre o qual o poder soberano opera, e a política – não só, mas principalmente – moderna apenas pode ser conceituada pela ótica da biopolítica, que aponta a gestão da vida humana como central. O propósito do soberano é criar o estado de exceção para poder agir sem punição, ou simplesmente deixar morrer quem está desamparado pelo direito criado pelo próprio soberano. Agamben explica o campo de concentração, paradigma biopolítico da modernidade, no qual a exclusão da vida política e biológica foi sistematizado. Em resumo, a *vida nua* é tanto o resultado quanto o alvo do exercício do poder soberano, e a compreensão dessa relação é fundamental para entender as dinâmicas de poder, as formas de controle e exclusão existentes na sociedade contemporânea. Agamben explora no início de sua obra *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* o conceito de *homo sacer*, uma figura do direito romano que pode ser morta impunemente, mas não pode ser sacrificada em rituais religiosos. A obra analisa a

relação entre a vida nua (*zoé*) e a vida política (*bios*) e como essa distinção é importante para o exercício do poder soberano. Agamben corrige a tese de Foucault, que afirma que apenas na modernidade o Estado começa a exercer um controle biopolítico sobre os cidadãos, transformando a vida em um objeto de poder. Além disso, Foucault deixa de lado os conceitos jurídico-institucionais, sobretudo os conceitos de soberania e de estado de exceção. Segundo Agamben: “Pode-se dizer, aliás, que a produção de um corpo biopolítico seja a contribuição original do poder soberano. A biopolítica é assim, pelo menos tão antiga quanto a exceção soberana” (2007, p. 14). A implicação da vida no poder soberano é o verdadeiro significado da biopolítica. O estado moderno destaca a vida biológica para seus cálculos e estratégias, mas a vida sempre esteve vinculada ao soberano desde o surgimento da *pólis*. Agamben argumenta que o *homo sacer* é um exemplo extremo de como a vida pode ser incluída na ordem jurídica apenas através de sua exclusão, trazendo a reflexão sobre a condição humana e o poder, e como as estruturas de poder manipulam a vida para seus próprios fins, intencionalmente marginalizando e excluindo aqueles que não se encaixam dentro de suas normas. Como problemática norteadora da pesquisa é tida a seguinte questão: “atualmente, como o poder soberano produz a vida nua?” Foi analisado, a partir da obra *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*, o paradoxo da soberania posto por Schmitt: “o soberano está, ao mesmo tempo, dentro e fora do ordenamento jurídico”, ou “a lei está fora e dentro dela mesma” (2007, p. 23). Tal paradoxo não se sustenta, visto que o soberano é quem decide os direitos parcial ou total, e ainda que a soberania não possua o monopólio da força, possui o monopólio da decisão, e por isso é capaz de suspender o direito e decidir sobre o *homo sacer*. Segundo Schmitt (2009, p. 13): “Soberano é quem decide sobre o estado de exceção”. Portanto, o soberano é quem, através da prerrogativa da ordem jurídica, pode suspender de forma total ou parcial os direitos fundamentais do indivíduo. Foi observado como a suspensão do direito caracteriza o *estado de exceção*, o qual interessa tanto ou mais do que a norma para compreender a decisão soberana. Este conceito de *homo sacer*, referente a uma figura

do direito romano que pode ser morta impunemente, mas não pode ser sacrificada, é explorado como uma metáfora para a vida nua, a *vida matável*. Como resultado, segundo Agamben, a vida nua na esfera política constitui o núcleo originário do poder soberano, sendo a biopolítica tão antiga quanto a exceção soberana (2007, p. 14). A *vida nua*, produzida pelo poder soberano, torna-se o fundamento sobre o qual o poder soberano opera, e a política moderna é cada vez mais caracterizada pela biopolítica, onde a gestão da vida humana é central. Os campos de concentração da Segunda Guerra constituíram o local onde a vida nua foi localizada na história: a retirada dos direitos políticos das pessoas foi uma forma do soberano incluí-las na sua política, caracterizando a biopolítica. A partir da pesquisa realizada, constata-se que, além da biopolítica ser tão antiga quanto o poder soberano, a politização da vida persiste de outras formas: as meninas impedidas de estudar pelos talibãs, os refugiados, o conflito entre a polícia e o crime organizado nas periferias, são experiências em que se perpetua uma politização da vida. Como resultado, o campo ainda permanece no espaço político. A partir disso, é necessário observar as formas em que se dá a biopolítica para evitar novas vítimas no futuro.

Palavras-chave: Exceção; *Homo sacer*; Vida nua.

AGRADECIMENTOS

Ao Setor de Iniciação Científica da UEPB e à FAPESQ pelo incentivo que possibilitou esta pesquisa através do projeto de Iniciação Científica (PIBIC), cota 2023/2024, “O conceito de biopolítica em Giorgio Agamben”, sob orientação do Professor Dr. Thalles Azevedo de Araujo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ESPOSITO, Roberto. **Bios: Biopolítica e Filosofia**. Tradução de M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

SCHMITT, Carl. **Teología Política**. Traducción de Javier Conde y Jorge Navarro Pérez. Madrid: Trotta, 2009.

ESCRITA DE SI: UM CAMINHO PEDAGÓGICO DA ALMA NA OBRA O ESPELHO DE MARGUERITE PORETE⁷

Janaína Oliveira Diniz

E-mail: oliveruepb@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

Maria Simone Marinho Nogueira⁸

E-mail: marianogueira@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Pensar a Idade Média muitas vezes é tomar por certo a ausência da mulher neste período, no entanto, a contemporaneidade vem mostrando que essa visão além de errônea é misógina, pois caracteriza a atuação intelectual da mulher como algo recente na história. Neste cenário de desmistificação do estereótipo feminino situamos a mística medieval que surge inicialmente dentro dos muros institucionais, mas no século XIII, na Baixa Idade Média, ganha autonomia perante a Igreja e um crescente número de mulheres escritoras, das quais sublinha-se Marguerite Porete e sua obra *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas*. O manuscrito poretiano permeia a interface literatura e filosofia, sendo embasado na experiência mística vivida por sua autora, resgatando assim a relação entre autora e obra. Dito isto, destaca-se que este trabalho se propõe a analisar a obra *O Espelho das Almas Simples* na perspectiva de uma escrita de si, com o intuito de verificar como suas marcas autorais mapeiam um caminho do âmbito particular – escrita de si, escrita

7 Este trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado que se encontra em andamento no programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e tem como orientadora a Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (PPGLI e Curso de Filosofia – UEPB).

8 Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEPB, Edital PRPGP nº 03/2024, Processo SUAP 55001.001516.2024-39.

da alma – e conduz a um movimento coletivo, o que, por sua vez, permite atribuir a obra poretiana um caráter instrutivo, de conduta para uma elevação espiritual, ao qual nomeia-se de Pedagogia da Alma. Ao refletir sobre as questões de autoria e sua relação com a escrita, pode-se compreender que o movimento, antes mencionado – do particular para coletivo – ocorre inicialmente pelo próprio ato de escrever, dando a Marguerite um espaço de fala que rompe com o discurso universal e institucionalizado (Ribeiro, 2019). Essa ação discursiva realizada por Porete causa fissuras não só na perspectiva espiritual, que se contrapõe às referências dogmáticas, mas também no social, em espaços de ações patriarcistas, rompendo com a exegese imposta, principalmente as mulheres, criando autonomia e uma nova linguagem discursiva, dessa vez executada por uma voz feminina, retratada pela personagem Alma, que ao longo da obra faz críticas àqueles que vivem os conselhos da personagem razão, essa que por vezes a impede de falar sua linguagem (Porete, 2008). Com o exposto, nota-se que a linguagem é atribuída à personagem Alma, sendo está a representação da própria Marguerite Porete que deixa claro ao leitor sua autonomia discursiva por meio do pronome possessivo minha – que se refere à linguagem – que atribui à mulher a autoridade e o espaço de ser ela o sujeito do enunciado. Ainda nessa ótica, o pronome possessivo ganha a posição do que Nogueira (2020) irá chamar de marcas autorais, que não apenas vai definir Porete como autora, mas também vai afastá-la de um caminho institucionalizado, que se funda em uma escrita mística e se faz em escrita de si, configurando um processo subjetivo que transcreve e inscreve a vivência espiritual e social de sua autora. É um deslocamento – do particular para o coletivo – que resplandece uma interioridade, um *eu* que confessa a si mesmo, pois a própria escrita, se pensada na perspectiva da espiritualidade, revela em si a movimentação da própria alma -*omnes cogitationes* (Foucault, 2018). Assim sendo, ao evidenciar em seu itinerário aquilo que Foucault (2018) chama de movimentos da alma, Porete não só externaliza uma consciência de si, mas uma vivência que pode ser tomada como espelho, pois lança a si mesma um olhar mais questionador (Regnier-Bohler, 1990) do seu fazer

e seu existir, sendo possível observar isso nas falas da Alma, que expõe sua fraqueza, maldade e ignorância (Porete, 2008). Assim sendo, quando assimila-se o olhar crítico que Marguerite impõe a si e todo o construto que compõe a obra *O Espelho das Almas Simples* entendemos que desde o princípio Porete o escreve com o intuito de disseminar suas palavras. Isso pode ser observado logo no capítulo 2 da obra, quando sua autora informa a seus ouvintes/leitores que este livro teria sido feito para que eles ouvissem e valorizassem melhor a perfeição da vida (Porete, 2008). Isto posto, situa-se o caráter instrutivo da obra, ao qual nomeia-se de Pedagogia da Alma, que se faz no ato de construção da escrita, saindo do âmbito privado – espaço interior de vivência dessa mulher – e chegando a esfera social por meio de seu livro, mas também por meio de uma ação performática do dizer e do fazer executado por Marguerite Porete que toma o direto de enunciar sua linguagem, através da leitura pública de seu manuscrito, demonstrada por falas da personagem Alma, quando essa solicita que seus ouvintes a escutem (Porete, 2008). Sob essa visão, a atuação da autora pesquisada subverte a cena comumente vista nas Igrejas, na qual o homem, este que também é sacro e clérigo, é o detentor da voz e executor da mediação para com Deus. Desta maneira, Porete mais uma vez toma para si a ação de sujeito do enunciado, que comunica a vontade de Deus de maneira didática – a nível de compreensão do povo, a língua do povo – o que para Régnier-Bohler (1990) demonstra o comprometimento de mulheres como Marguerite Porete, que em sua vivência espiritual está consciente de si, assim como da sua relação com o outro, o que faz com que ela se ponha em uma relação pedagógica e diligente. Portanto, pensar a mística poretiana e como essa se faz pedagógica/instrutiva, é também manifestar a vida, as experiências de sua autora, é resgatar e trazer à superfície a relação autor e obra, que se constitui numa escrita de si, formulando o caráter instrutivo da obra, não só que concerne à ascese, mas também na experiência coletiva de Marguerite Porete que se transforma em exemplo, metamorfoseando-se em espelho de Deus.

Palavras-chave: Escrita de si; Escrita de mulheres; Pedagogia da Alma.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Nova Vega: Passagens, Lisboa 2018.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Marguerite Porete: A mística como escrita de si. **Revista Graphos**, v. 22, n. 3, UFPB/PPGL, 2020, p. 76-90.

PORETE, Marguerite. **O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2008.

RÉGNIER-BOHLER, Daniele. **Vozes literárias, vozes místicas**. In: DUBY, George;PERROT, Michele (Orgs.). História das mulheres: a Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 517-591.

RIBEIRO D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2019. (Feminismos plurais).

DA VISÃO E ENIGMA EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA: COMENTÁRIO A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO NIILISMO

Janilson Ferreira Fialho Filho

E-mail: janilson.filho@aluno.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

A célebre obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), *Assim Falou Zaratustra*, foi escrita entre 1883 e 1885, e é considerada pelo próprio autor como o ponto mais alto de sua produção bibliográfica. Além do mais, muitos intérpretes de Nietzsche consideram ela como o ponto de virada para a transição do que viria a se tornar o período de maturidade intelectual do filósofo. Por ser um texto de cunho poético, a obra acaba fazendo jus ao seu subtítulo, isto é, ao ser “para todos e para ninguém”, porque ao mesmo tempo em que ela é escrita de modo muito diferentemente dos livros convencionais de filosofia, é também de uma profundidade absoluta, exigindo muito cuidado na interpretação. A presente discussão deste trabalho é acerca de uma passagem intitulada “Da visão e enigma”, que está na segunda parte de *Assim Falou Zaratustra*. Acreditamos que essa passagem carrega uma mensagem e um significado bastante importante ao que diz respeito a superação de um problema considerado muito preocupante, que é a questão do niilismo, a falta de propósito e a sensação de cansaço da vida. Nosso objetivo aqui é fazer uma interpretação que busque tornar explícito o significado por trás das personagens e do principal problema a ser debatido dessa passagem do Zaratustra: o niilismo. Apresentaremos uma análise sobre os tipos de niilismos, mas dando prioridade ao niilismo passivo, considerado pelo filósofo o pior de todos. Teremos como propósito mostrar a crítica de Nietzsche e a sua solução ao problema com o que ele chama de *niilismo ativo*. Além do mais, para fundamentar essa crítica apresentaremos alguns dos principais pontos da filosofia nietzschiana, tais como a *vontade de*

poder, o conceito de ser *trágico* e o *eterno retorno*. Como também usaremos como exemplo de niilista ativo, um personagem da obra do grande escritor Ariano Suassuna. Utilizamos a bibliografia do filósofo, além de usarmos também alguns vídeos de umas palestras conferidas por especialistas na obra de Nietzsche para nos ajudar a compreender e a refletir sobre seus pensamentos e sobre seus principais conceitos. Os resultados que obtivemos neste trabalho foi destacar o papel essencial da ética nietzschiana: a superação do niilismo. Nesse episódio do Zaratustra a ética do filósofo se expressa na figura do jovem pastor se tornado o Übermensch ao acolher para si o niilismo passivo e, ao morder a cabeça da grande e pesada serpente negra, o transformando em niilismo ativo; assim, tal atitude não o matou, mas o fez mais forte para superar o niilismo (Cf. AFZ, 3^a parte, II, 2002, p. 126-127). Portanto, o resultado do problema do niilismo é que ele pode ser resolvido pela perspectiva de como se encara a vida. Essa passagem mostra como a perspectiva do querer viver é o fundamento ético da vontade de afirmar a vida como seu próprio valor ao ponto de aceitar a hipótese do *eterno retorno* com felicidade.

Palavras-chave: Niilismo; Vontade de Potência; Ética; Eterno Retorno.

REFERÊNCIAS

CAFÉ Filosófico CPFL. **A alegria e o trágico em Nietzsche, com Roberto Machado (2007)**. YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/tv9YYGQma5U?si=8cIVoM3DFViu4J6>

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1^a ed. 2001.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

PRAZER! Canal do Saber. **Scarlett Marton - Nietzsche**: assim falava Zaratustra. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/FIXvmHCUTsA>

QUADRINHOS na Sarjeta. **Por que NIETZSCHE ainda é um filósofo importante para todos nós**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/1DDfWT19jiA?si=5R5-22mfWSCJHZOv>

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. [16. ed.] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

MÁQUINAS SEMÂNTICAS: NATURAIS, FORMAIS E ARTIFICIAIS

José Nilton Conserva de Arruda

E-mail: niltonconserva@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Marianne Sousa Barbosa

E-mail: mariannesbarbosa@yahoo.com.br.

Secretaria de Estado da Educação - SEE.

O estudo objetiva apresentar a tese assumida pelos programas de pesquisa em *Inteligência Artificial Forte* de que o cérebro humano processa informações de forma análoga ao processamento de informações dos computadores digitais que, por sua vez, são realizações físicas de linguagens formais algorítmicas. Um pressuposto fundamental para sustentar a equivalência operacional das três realidades assinaladas – *funções matemáticas*, *computadores digitais* e *cérebros humanos* – decorre da compreensão de que a matemática, enquanto uma realidade sintática, é potencialmente apta à digitalização. Esta característica confere à matemática uma dimensão epistemológica que será assinalada no âmbito da filosofia da matemática, pois argumenta-se que essa função epistemológica é uma consequência da natureza da matemática como uma ciência de signos. Devemos destacar essa característica fundamental e decisiva da matemática, seu caráter sintático, e as possibilidades semânticas que são abertas para a sintaxe no plano computacional, mas definindo com precisão o uso que se está fazendo do termo semântica nessa associação entre funções, computadores e cérebros, de forma a contornar interpretações que extrapolam o que se pretende assinalar quando é enfatizado o seu papel epistemológico, pois essa requerida capacidade epistemológica é associada tão somente ao seu caráter funcional, operacional. Essa ênfase no aspecto operativo quando se

executa um procedimento formal, além de precisar o sentido que está sendo assumido para o termo semântica, também circunscreve as possibilidades de aplicação do termo e norteia as análises que pretendemos desenvolver acerca da capacidade de pensamento dos computadores digitais. Essa compreensão dos computadores como sistemas formais automáticos, caracterizados nos seus dois aspectos fundamentais - *hardware* e *software* - podem ser tomados como análogos a relação mente-cérebro, e a partir dessa premissa fundamental propomos a associação entre algoritmos e programação das máquinas com ações inteligentes da mente humana. Tal tese recepcionada por parte das ciências cognitivas, é associada a outra premissa que considera seres inteligentes como máquinas semânticas, isto é, sistemas formais automáticos, e essa interpretação é viabilizada porque consideramos que os sistemas biológicos inteligentes são manifestações diferentes de uma mesma realidade subjacente, aqui identificada com os procedimentos de formalização, de forma que se for submetido a uma programação apropriada, a imitação semântica é tornada possível e perfeitamente realizável. A revisão bibliográfica crítica, realizada por meio de análise e interpretações de textos que abordam filosofia da linguagem, teoria computacional, filosofia da mente e inteligência artificial, nos possibilitou refletir sobre a viabilidade de relacionar a programação das máquinas com ações inteligentes da mente humana. Assim, argumentamos a favor da tese de que o cérebro humano processa informações de forma análoga ao processamento de informações dos computadores digitais que, por sua vez, são realizações físicas de linguagens formais algorítmicas. Nessa perspectiva, alcançamos a compreensão de que a característica fundamental e decisiva da matemática, seu caráter sintático, lhe confere uma dimensão epistemológica própria que foi assinalada ao longo da história, e fortemente retomada no âmbito das pesquisas em inteligência artificial forte, pois ela é animada pela firme convicção de que é possível avançar da digitalização para a comunicação e, por fim, ao pensamento inteligente. Esse caráter epistemológico da matemática foi diretamente relacionado à sua dimensão funcional, operacional, pois essa sólida conceituação além de

conferir precisão ao sentido que aqui lhe foi associada, possibilita argumentar a favor da capacidade de pensamento dos computadores digitais, de ir além de meramente manipular signos e avançar no campo da construção de semântica, de conhecimento funcional. Por fim, pudemos perceber que os Programas de Pesquisa em Inteligência Artificial traduzem importantes problemas filosóficos, à medida que procuram responder questões sobre a natureza do cérebro, da mente, da inteligência e da consciência. A partir das respostas dadas a essas questões cruciais, surge outra questão decisiva: o que é o ser humano? A nossa civilização cada vez mais discute se os mais diferentes sistemas que processam informações como os seres humanos, as máquinas de cálculo e os computadores digitais, podem ter estados mentais. Dessa forma, considera-se que materiais diversos como celular, metal, energia espiritual não é decisivo para a psicologia do sistema. O decisivo será como o material é combinado para computar dados. Certamente fará uma grande diferença saber se na nossa sociedade as máquinas que estão a nossa disposição simplesmente executam programações que lhes facultamos, ou se serão capazes de operações criativas para muito além das programações implantadas.

Palavras-chave: Computadores digitais. Inteligência artificial. Mente-cérebro.

REFERÊNCIAS

ADAMS, F. “Algoritmo”. In: AUDI, Robert (org.). **Dicionário Cambridge**. Tradução João Paixão Neto. et al. São Paulo, Paulus, 2006, p. 19.

AUDI, Robert (org.). **Dicionário Cambridge**. Tradução João Paixão Neto. et al. São Paulo, Paulus, 2006.

BRANQUINHO, João. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fonte, 2006.

BURKS, A. W. “Teoria do computador”. In: AUDI, Robert (org.). **Dicionário Cambridge**. Tradução João Paixão Neto. et al. São Paulo, Paulus, 2006, p. 925 – 929.

CICUREL, R & NICOLELIS, M. **O cérebro relativístico: como ele funciona e porque ele não pode ser simulado por uma máquina de Turing**. Natal: Kios Press, 2015.

HAUGELAND, John. “Máquinas semânticas: uma introdução ao design de mentes”. In: MIGUENS, Sofia. et al (org.) **Filosofia da mente: uma antologia**. Porto, 2011, p. 373 – 409.

MIGUENS, S. et al (org.) **Filosofia da mente: uma antologia**. Porto, 2011.

MURCHO, D. “Algoritmo”. In: BRANQUINHO, João. **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fonte, 2006, p. 26.

OTTE, M. **O formal, o social e o subjetivo**. Tradução Raul Fernando Neto. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

TURING, A. “Maquinaria computacional e inteligência”. In: MIGUENS, Sofia. et al (org.) **Filosofia da mente: uma antologia**. Porto, 2011, p. 342 – 373.

TANTRA – FILOSOFIA DA NÃO DUALIDADE

Kelvin Hudson Carvalho Silva

E-mail: kelvindhudson.carvalho22@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba

O Tantra é uma filosofia de origem oriental, mais precisamente indiana, que tem origens derivadas dos Vedas, uma forma de evolução da filosofia Yuguica antiga. Esta filosofia parte da concepção da não dualidade, ou seja, sem separação, concebendo a divindade como sendo o todo, estando em todos os lugares e em todas as coisas, não só estando como sendo tudo, pois, se Deus criou tudo a partir do nada, então tudo é uma parte dele. Portanto, nada é ruim em si mesmo, pois tudo que existe são manifestações da realidade divina. A iluminação que é o objetivo do Tantra consiste em ver estas manifestações da divindade em todos os aspectos da vida, nada é negativo, desta forma tudo é um milagre em si mesmo. Para que possamos ver Deus em todas as coisas é necessário estar atento ao momento presente, consciente, sem se desvincilar se apegando a construções mentais, pois os pensamentos e imagens da mente nos distanciam da percepção da realidade divina que se apresenta a nós em cada momento da vida. Este é o modo de viver a vida de maneira Tântrica, se assemelhando ao estado de Buda, que é descrito no Budismo como sendo um estado de total desesperar onde os pensamentos não nos afetam, o chamado Nirvana. No Yoga o mesmo estado é chamado de Samadhi. Entretanto, no Budismo e no Yoga este resultado é obtido mediante um esforço extremo, através de uma luta constante contra os próprios instintos, negação dos prazeres, o ascetismo, o que faz com que este caminho seja inacessível a maioria das pessoas. O próprio Buda quase faleceu na tentativa de atingir a iluminação, pois fez jejum por vários dias, além de ter negado completamente o bem-estar do seu corpo físico e o Yoga traz em si um ideal de auto sacrifício, mortificação

dos sentidos físicos em nome de uma elevação do espírito e da iluminação da alma. No caminho do Tantra este estado é alcançado por formas muito mais sutis, prazerosas e com menos dificuldades. Deste modo uma quantidade maior de pessoas teria condições de atingir a iluminação pois as técnicas em questão utilizam situações corriqueiras como objeto de meditação. O despertar que é um estado livre de perturbações mentais, é atingido através da aceitação da realidade, desfruto ou fruição da vida em si, ao invés de se realizar um esforço no sentido de reprimir os instintos. Nenhuma atividade poderia ser considerada como pecaminosa, pois foi ela também uma criação do divino, seria portanto desnecessário ser contra qualquer impulso natural da existência. Nesta perspectiva é que uma parte do Tantra utiliza a atividade sexual como veículo para se atingir uma consciência superior, pois além do sexo ser o ato gerador da vida em si, nele a nossa mente é trazida naturalmente para o momento presente nos permitindo um vislumbre da realidade sem imagens mentais. No momento de êxtase sexual a mente se esquece do passado e do futuro permanecendo apenas na experiência presente. Realidade esta que após ser vivenciada durante a atividade sexual e percebida pelo indivíduo, pode ser praticada e mantida durante as atividades da vida cotidiana. O sexo no Tantra é então uma prática meditativa. Porém o ato sexual consiste em uma pequena parte das diversas práticas Tantricas e existem outras formas de se atingir este estado de despertar da consciência com técnicas com o princípio semelhante. O conceito fundamental é que em todas as situações da vida existiria a possibilidade de se presenciar a divindade e o que nos impede de ver esta realidade é a nossa própria mente, que é condicionada por nossos pensamentos e que nos retira da vivência do presente. Desta maneira, quando direcionamos a nossa atenção para a sensação da atividade, ela toma dimensões de intensidades totalmente diferentes, podemos perceber estímulos extremamente sutis os quais não percebemos com a mente dispersa. Tomando então a percepção das vantagens desta consciência mais apurada, podemos trazer este estado para as diversas atividades do dia a dia, sem que sejamos alterados pelas identificações com os estados mentais que nos aparecem. Ao

sentirmos qualquer sensação forte podemos direcionar a nossa atenção à sensação como um modo de meditação. Concluo então que o Tantra traz uma contribuição ímpar para a história da filosofia mundial pois, apresenta uma sutileza que é única desta filosofia, além de trazer um conceito prático que é acessível a qualquer pessoa em qualquer momento da vida humana, tornando possível a iluminação sem que seja necessário o ascetismo ou a mortificação dos sentidos do corpo. Desta forma, o Tantra é uma filosofia que tem uma aplicabilidade possível e magnífica de um valor inestimável.

Palavras-chave: Divindade; Manifestações; Consciência.

LITERATURA, O SAGRADO E O MAL: EXPLORANDO A TEMÁTICA RELIGIOSIDADE NO LIVRO A CRUCIFICAÇÃO DO DIABO DE NEVINHA PINHEIRO⁹

Lívia Raquel da Cruz Freitas

E-mail: livia.r.cruz32@gmail.com

Maria Simone Marinho Nogueira¹⁰

E-mail: marianogueira@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

A presente comunicação é sobre a obra de Nevinha Pinheiro, jornalista, crítica literária, e escritora paraibana, natural de Serra Redonda, pouco conhecida, e que escreveu o livro *A crucificação do diabo*, publicada em 1978. O romance em foco é marcante, pois apresenta personagens complexos e detalhados, abordando questões profundas sobre religião e espiritualidade, mostrando uma narrativa ficcional sobre a crucificação do herdeiro do inferno e sua relação com o divino, caracterizado como Jesus menino. Sendo assim, pergunta-se: qual é o papel da religiosidade na obra *A Crucificação do Diabo* de Nevinha Pinheiro? A religiosidade no livro de Pinheiro pode ser representada como uma forma de reflexão crítica sobre os paradigmas religiosos estabelecidos. Neste trabalho, o objetivo foi o de investigar o papel da religiosidade na obra em foco, analisando como ela é retratada e explorada ao longo do enredo. No romance em questão, pode-se encontrar, além do viés religioso, uma promoção do divino e do profano em uma série

9 Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento no programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e tem como orientadora a Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (PPGLI e Curso de Filosofia – UEPB).

10 Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEPB, Edital PRPGP nº 03/2024, Processo SUAP 55001.001516.2024-39.

de diálogos e brincadeiras entre os dois amigos que são tão diferentes, com traços picarescos e humanizados. A obra *A crucificação do diabo* demonstra a genialidade da paraibana, ao retratar a tradição de maneira desconstruída, contrastando com diversos temas como religiosidade, capitalismo, defesa da mulher, corrupção, tipos de relação de poder, racismo etc. Apesar disso, pouco se tem publicado sobre esta obra literária, então justifica-se o trabalho apresentado, pois permite uma análise aprofundada e objetiva das representações religiosas que comparecem no texto, assim como suas possíveis influências e significados dentro do contexto literário e cultural. Além disso, pode-se afirmar que os trabalhos acadêmicos que existem buscaram apresentar a referida obra, trazendo a crítica literária para discutir sobre a sua importância, haja vista ter sido publicada em uma editora de renome, a Editora Moderna, dentro do eixo sul-sudeste, observando-se uma lacuna no que diz respeito às outras regiões do Brasil, sobretudo a região Nordeste. Pode-se afirmar, ainda, que esta comunicação de pesquisa é importante para a compreensão da complexidade da narrativa e das representações religiosas presentes, possibilitando também uma divulgação da obra que foi analisada. Outro ponto relevante são os objetivos pretendidos com o avançar da pesquisa, ou seja, analisar a religiosidade na obra *A crucificação do diabo*, bem como o seu papel no enredo por meio de uso de elementos religiosos para desenvolver sua narrativa e transmitir mensagens aos leitores; analisar a religiosidade na perspectiva dos personagens, investigando a sua influência em suas ações; e identificar e analisar os principais elementos religiosos presentes na obra *A Crucificação do Diabo*, como símbolos, referências bíblicas e alusões a doutrinas religiosas. Metodologicamente entende-se que a pesquisa é bibliográfica, pois será desenvolvida a partir da análise de material já elaborado, assim como foi feito na apresentação desta comunicação. A partir do que foi dito anteriormente sistematiza-se os procedimentos metodológicos a serem adotados e, para atingir os objetivos propostos, pretende-se identificar e analisar as características e valores atribuídos às diferentes crenças religiosas presentes na narrativa; investigar como a religiosidade é usada como instrumento narrativo para abordar

temas morais e éticos na história; realizar uma análise entre a religiosidade apresentada na obra e a mostrada em obras teóricas que abordam esse tema. Espera-se, então, que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão do romance *A Crucificação do Diabo* e que esta revele que a religiosidade desempenha um papel importante na narrativa de Nevinha Pinheiro, oferecendo uma visão crítica sobre questões religiosas e incentivando a reflexão sobre dogmas estabelecidos. Essa comunicação foi fruto da pesquisa de mestrado que está apenas no seu início e com ela buscou-se, dentre outras coisas, valorizar a produção de autoria feminina paraibana.

Palavras-chave: Religiosidade; Crenças; Jesus; Diabinho.

REFERÊNCIAS

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** Escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FREIRE, A. B. **A poética da incorrespondência:** no reino das palavras (Carlos Drummond/ Nevinha Pinheiro). Campina Grande: EDUEPB, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PINHEIRO, Nevinha. **A crucificação do Diabo.** São Paulo: Editora Moderna, 1978.

UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA POR MEIO DA LITERATURA

Lucas Rodrigues Pereira

E-mail: lucas.rodrigues.pereira@aluno.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

No decorrer da história das ideias, vemos a grande influência da filosofia dentro da sociedade. No aparecimento de problemas dos seres humanos, sendo existenciais ou sociais, a filosofia estava presente para apresentar teorias e questionamentos. Período clássico, idade média, modernidade e contemporaneidade, estão repletas de pensadores e pensadoras com intuito de explicar e problematizar aspectos daquele momento ou do futuro. Por conta disso, a filosofia sempre foi vista como uma disciplina complexa e de uma especificidade única. Mas, no passar das décadas, percebemos uma mudança neste cenário. A filosofia vem abrindo espaços para novas linhas que podem levar ao pensamento filosófico, tirando toda concentração de complexidade no texto de determinados pensadores e pensadoras. A música, a literatura, o teatro e a poesia, vem enriquecendo as lacunas da amplitude da filosofia. No Brasil, de algumas décadas para cá, a filosofia vê com bons olhos a produção de músicas e textos literários que trabalham assuntos como desigualdade social, ética, política, opressão e mecanismo de controle social. Na contemporaneidade, a maneira de fazer filosofia teve um desligamento do método da modernidade. Na França, no século XX, alguns filósofos apresentaram suas teorias por meio de romances, mostrando um interesse mais aprofundado entre os leitores. Depois de Platão, a filosofia não tinha tantos trabalhos de forma literária. Mas, na contemporaneidade, aderiu a esse recurso, como forma de fazer filosofia. Sartre, Albert Camus, Nietzsche, entre outros, foram importantíssimos para esse desenvolvimento. Portanto, o objetivo desse trabalho é mostrar a importância de

novos caminhos que liga a filosofia à literatura, no sentido de expor formas de atingir questões filosóficas através da literatura. Isso se fará por meio de pesquisas bibliográficas e qualitativas acerca das obras do pensador e escritor franco-argelino, Albert Camus, que escreveu, dentre outros livros, o romance “O estrangeiro” (1942) e o ensaio filosófico “Mito de Sísifo” (1942), que apresentam suas habilidades com a escrita, e tratamento com diversas temáticas trabalhadas no campo da filosofia. O filósofo também tem sua marca registrada no meio intelectual por seu talento de expor sua filosofia por meio de romances, contos, e até mesmo por meio do teatro. Mesmo com todo conteúdo filosófico que carrega em sua bagagem, Camus é tratado como apenas um romancista, por alguns críticos. Suas obras, entretanto, tem um peso filosófico gigante, mesmo sendo escrita de forma literária, como pode ser visto por meio do absurdismo apresentado em suas obras, divididas entre romances consolidados na carreira do escritor. “O estrangeiro”, por exemplo, que apresenta a descrição de um personagem totalmente diferente de determinados padrões sociais, faz o leitor questionar porque ele adota um comportamento peculiar e, assim, demonstra a um processo filosófico profundo e existencial. Os resultados atribuídos à pesquisa é a importância e a contribuição da literatura para a filosofia. As duas não estão em campos separados, pelo contrário, fazem uma grande união. A literatura abre uma brecha para a produção filosófica mais ampla, abrindo um vasto mundo de possibilidades com o contato filosófico. Com essa abertura, a limitação filosófica é deixada de lado e, com o crescimento dessa união, percebe-se que a filosofia está presente em toda sociedade, em todas as classes. A literatura tem um poder gigantesco na acessibilidade da imaginação. Além disso, ela apresenta vivências sociais que podem mostrar a desigualdade social de uma região; uma amostra de um governo totalitário que controla a vida e aspectos existenciais dos indivíduos ou, até mesmo, uma demonstração dos devaneios mais profundos da existência. Portanto, a pesquisa expõe a literatura como uma ferramenta importante para a exposição de um pensamento filosófico e formativo social. Com essa

acessibilidade, abre-se espaço para mais pessoas estudarem e praticarem esse saber humano tão importante e fundamental.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; Linguagem.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro** (Edição de Bolso). Best Seller, 5 julho 2010.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

NETO, José Belizario; NETO, Manoel Messias Belisario; DE OLIVEIRA FARIAS, Ismael Newton. **ENSINO DE FILOSOFIA, LITERATURA DE CORDELE TEATRO DE RUA: “TRÍADE” PARA UMA PRÁXIS FILOSÓFICO-EDUCACIONAL**. PRISMA-Revista de Filosofia, v. 2, n. 2, p. 57-77, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre Quatro Paredes**. Editora Record, 2006.

A APLICABILIDADE DA MATEMÁTICA NA REALIDADE FÍSICA NO *DISCORSI* DE GALILEU GALILEI

Márcio Correia dos Santos

E-mail: marciocorreiasantos@servidor.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Galileu Galilei (1564-1642), astrônomo, filósofo e matemático italiano, publicou em 1638 a sua última obra, intitulada de *Discursos e Demonstrações Matemática Sobre Duas Novas Ciências* (*Discorsi*), na qual aprofundou seus estudos sobre a mecânica que tinha desenvolvido na década de 1590. Nesta obra, Galileu apresenta a lei da queda dos corpos em dois momentos: na Primeira Jornada, na discussão acerca dos móveis em queda no vácuo; e na Terceira Jornada, na discussão acerca da proporção da quantidade de movimento dos móveis em queda, ou seja, sua aceleração. A referida obra é conhecida como aquela em que Galileu atingiu o ápice da sua física-matemática, apresentando demonstrações geométricas que correspondem às propriedades dos fenômenos físicos. Isto, então, implica a relação entre a matemática e a realidade, mais especificamente, em como devemos aplicar a matemática na realidade, um dos problemas centrais da Filosofia da Matemática discutidos até nossos dias. No entanto, a concepção de que não devemos aplicar a matemática na física precede Galileu por 19 séculos e remonta à Aristóteles. Para o estagirita, o físico se diferencia do matemático porque este trata a natureza através de entes matemáticos, enquanto aquele trata a natureza através de seus próprios constituintes que definem o corpo natural, tal como a substância e seus acidentes, ao movimento e a matéria e forma. Na *Física*, Aristóteles afirma que o físico estuda a Terra ou a Lua, “também o matemático se ocupa desses itens, mas não enquanto cada um é limite de corpo natural; tampouco estuda os atributos enquanto sucedem aos corpos naturais tomados nessa qualidade; por isso, o matemático os

separa: pelo pensamento, tais itens são separáveis do movimento, e isso não faz nenhuma diferença, tampouco surge algo falso quando eles os separam. (ARISTÓTELES, Física, 193b 22, 2009, p. 46). Não há nada de errado na tarefa do matemático, ele apenas apreende a natureza de modo diferente que o físico faz. Deste modo, nosso estudo pretende entender como Galileu uniu, sob um mesmo método, duas ciências que tradicionalmente eram distintas entre si. Na Terceira Jornada do *Discorsi* Galileu define o movimento naturalmente acelerado dos graves como “aquele que, partindo do repouso, adquire em tempos iguais momentos iguais de velocidade” (GALILEI, 1988, p.133), Simplício (personagem que representa a tradição aristotélica) aceita a definição deste movimento, mas afirma que seria oportuno apresentar um experimento que concordaria com a definição apresentada. Salviati (personagem que representa o próprio Galileu) diante do pedido de Simplício, afirma que “é assim que convém proceder nas ciências, que aplicam as demonstrações matemáticas aos fenômenos naturais, como se observa no caso da perspectiva, da astronomia, da mecânica, da música e de outras, as quais confirmam com experiências sensatas, seus princípios, que são os fundamentos de toda a estrutura ulterior” (*Ibidem*, p.139). O experimento apresentado é o do plano inclinado, em que eleva-se uma das extremidades do plano em diferentes graus para deixar rolar diferentes esferas de diferentes pesos e observar e registrar a trajetória e a distância em que cada uma dessas esferas percorre. No entanto, quando “aplicamos” a definição matemática do movimento acelerado na realidade física através do experimento do plano inclinado, percebemos uma distinção no resultado dos cálculos. Galileu registrou estas diferenças em um rascunho, hoje intitulado de Fólio 116v. Isto acontece porque a matéria contém acidentes e irregularidades que impedem uma fidedigna conciliação entre o cálculo teórico e o resultado empírico. Tais irregularidades não fazem que a matéria seja considerada imperfeita (esta problemática é tratada na Primeira Jornada da obra), apenas demonstram que, de fato, os impedimentos da matéria devem ser considerados na hora de fazer as contas para evitar tais problemas, ou seja, o que para Aristóteles era motivo de considerarmos a não aplicabilidade

da matemática na física (pois a matemática abstrata é exata, enquanto a matéria não, sendo inexata por causa das irregularidades que apresenta por estar sujeita à capacidade de movimento e de mudança), para Galileu esta distinção é aparente, pois demonstra que o erro está no calculador, e não na natureza. Por este motivo a famosa passagem do parágrafo 6 de *O Ensaiador* (1623) enaltece a natureza dotada de uma estrutura matemática. Galileu afirma: “A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuadamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto” (GALILEI, 1978, p. 119). Diante disto, sendo a natureza essencialmente matemática, Galileu afirma no *Diálogo* (1632) “Sempre que em concreto aplicais uma esfera material a um plano material, aplicais uma esfera não perfeita a um plano não perfeito; e estes dizeis que não se tocam em um ponto. Mas eu vos digo que também em abstrato uma esfera imaterial, que não seja uma esfera perfeita, pode tocar um plano imaterial, que não seja um plano perfeito, não em um ponto, mas como parte de sua superfície; de modo que até aqui o que acontece em concreto, acontece do mesmo modo em abstrato: e seria uma grande novidade que os cálculos e os saldos efetuados com números abstratos não correspondessem, depois, em concreto, às moedas de ouro e a prata e às mercadorias. Mas, Sr. Simplício, sabeis o que acontece? Assim como, para querer que os cálculos correspondam aos açucares, às sedas e às lãs é necessário que o contador leve em conta a tara das caixas, embrulhos e outras embalagens, assim também, quando o filósofo geômetra quer reconhecer em concreto os efeitos demonstrados em abstrato, é necessário que desconte os impedimentos da matéria; pois, se souber fazer isso, asseguro-vos que as coisas se corresponderão de modo não menos ajustado que os cálculos aritméticos. Os erros, portanto, não residem nem em abstrato

nem no concreto, nem na geometria ou na física, mas no calculador que não sabe fazer bem as contas" (GALILEI, 2011, p. 287)

Palavras-chave: Galileu Galilei; Discursos; Física; Matemática; Aplicabilidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, *Física*. Trad. Lucas Angioni, Editora da Unicamp, Campinas, 2009.

GALILEI, G. *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano*. Tradução, introdução e notas: Pablo Rubén Mariconda. Editora 34. São Paulo, 2011.

_____. *Duas Novas Ciências* (incluindo: *Da força de percussão*). Introdução de Pablo R. Mariconda. Tradução e notas de Letizio Mariconda e Pablo R. Mariconda, Nova Stella Editorial, São Paulo, SP, 1988.

_____. *O Ensaíador*. Tradução e notas de Helda Barraco. Coleção "Os Pensadores" Abril Cultural, 2^a edição, São Paulo, 1978.

FORMAS E PERFORMANCE DE GÊNERO: UM DIÁLOGO COM A FILÓSOFA JUDITH BUTLER

Maria Das Graças Pereira Ribeiro

E-mail: maria.gracas.ribeiro@aluno.uepb.edu.br
Universidades Estadual da Paraíba

O presente trabalho reflete sobre a performance dos gêneros e a perpetuação dos papéis de gênero na sociedade. Para desenvolver essa problemática, dialogamos com a obra *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (2018) da filósofa Judith Butler. A partir da análise bibliográfica, nosso objetivo é discutir como os papéis agem socialmente, dando ênfase à reprodução da binariedade e ao contrato heterossexual como a única forma de construção de afetos. É de grande importância discutirmos sobre a performance de gênero, pois nascer homem ou mulher segundo a Butler não determina a forma que devemos nos comportar, mas apreendemos a partir dos costumes já estabelecidos como devemos nos comportar para que assim sejamos aceitos e passemos a integrar a sociedade. No artigo *Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*, Butler sugere que o corpo não é uma materialidade fixa em sua própria imagem, mas algo que carrega múltiplos significados e possibilidades existenciais. Sendo assim, as pessoas não são simplesmente os seus corpos dados, mas aquilo que fazem dos seus corpos ao longo da história. Seguindo a distinção entre ser e fazer como algo fundamental na performatização, podemos citar o filme *Madame Satã*. A partir deste, é possível analisar que a performance de gênero não é a mesma coisa que a identidade de gênero; são conceitos distintos. A performance de gênero é o que exteriorizamos perante a sociedade, que nem sempre corresponde à nossa verdade interior, enquanto a identidade de gênero é o que realmente somos. Ambas são construídas socialmente. Em *Madame Satã*, há uma ruptura do que seria

considerado ‘correto’ ao performar um gênero, evidenciando a natureza teatral e cinematográfica, pois transgride o que se espera de nosso papel de gênero. Tanto em nossa vida pública quanto privada, performamos o gênero, e o privado adquire uma dimensão política, pois inúmeras vezes aquilo que sentimos não é apenas individual, mas coletivo. A partir disso, podemos entender o gênero como uma construção social e não como uma essência individual. Tendo em vista que todo corpo é histórico, que carrega em si a possibilidade de torna-se, o que Madame Satã mostra é que o ser não é um fato natural que seja atrelado apenas ao biológico, mas é algo muito maior que isso. O processo de tornar-se mulher é uma construção histórica, não um dado predisposto. Com as normas impostas ao gênero feminino, instaurou-se a ideia de um sexo natural ou de uma mulher autêntica, como se certos atributos fossem inerentes aos corpos. Tal perspectiva perpetua a idealização das configurações naturais do corpo, segmentando-o em sexos que se relacionam de maneira binária, como se essa divisão fosse intrínseca e naturalmente predefinida nos corpos. Ao aprofundar a análise da performance de gênero, podemos discernir que, assim como o gênero é uma repetição estilizada de atos, também há uma reprodução da binariedade e do contrato heterossexual como a única matriz legítima para a construção de afetos. Com a personagem da Madame Satã, incluímos a desconstrução dos estereótipos e a edificação de múltiplas formas de afetividade, transcendendo, dessa maneira, a heteronormatividade hegemônica. Os costumes sociais e culturais determinaram o que é considerado certo ou errado e quais afetos são legítimos. Ao debatermos as construções de afetos, é importante ressaltar que os afetos fora do contrato heterossexual não são considerados dignos de respeito, pois socialmente acredita-se que não envolvem afeto verdadeiro, mas apenas libertinagem. Portanto, é fundamental humanizar os afetos homoafetivos, segundo Butler os atos que performamos ou que fazemos, de certa maneira, são atos que existem desde antes de nós existirmos. Sendo assim, o gênero é um ato que tem sido ensaiado como um roteiro que existe apesar dos atores que o interpretam. Visto isso, nossa proposta política e filosófica foi refletir sobre as rupturas possíveis a partir

da performance de gênero, justificando-se pelo pressuposto de que nos tornamos mulheres ao construir nossa subjetividade. É crucial reconhecer que mulheres negras e brancas constroem essa subjetividade de maneiras distintas, devido aos estereótipos e à violência específica enfrentada pelas mulheres negras. A partir da ruptura com essas imposições, podemos ocupar espaços que nos são tradicionalmente negados e desempenhar papéis que vão além da servidão e submissão. Como resultado, aprendemos que a construção social atribuída pela sociedade patriarcal e masculina coloca as mulheres em um patamar de submissão ao homem heteronormativo e à hierarquia familiar tipicamente ocidental. Essa construção social impõe aos corpos uma posição de subordinação e inferioridade na hierarquia historicamente construída. Nossa análise visa romper com essas imposições, promovendo um debate em prol de uma maior ocupação de espaços físicos e da construção de novas subjetividades.

Palavras-chave: Butler; Madame Satã; Performance.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MADAME SATÃ. Direção: Karim Aïnouz. Roteiro: Karim Aïnouz, Marcelo Gomes, Sérgio Machado. Produção: Dezenove Som e Imagens. Distribuição: Riofilme. Brasil, 2002. Filme (90 min.).

SIGMUND FREUD E A RELIGIÃO COMO NEUROSE E SEUS MALEFÍCIOS E BENEFÍCIOS PARA A MODERNIDADE

Maria Monteiro de Oliveira

E-mail: maria.monteiro.oliveira@aluno.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Sigmund Freud, médico e fundador da psicanálise (1856-1939) veio de uma família religiosa judia, porém ao longo de sua vida se tornou ateu. Freud aborda em suas obras as religiões monoteístas, entre elas judaísmo e o cristianismo, em que ele faz analogia de um Deus perfeito à figura de um pai. O autor entende que o religioso possui a sensação de onipotência, pois na infância se tem a ilusão de que tudo se pode, suas necessidades são atendidas e isso gera a sensação de poder, porém em algum momento se tem o entendimento de que não se pode tudo, a criança possuía apenas a ilusão e a fantasia de que tinha poder. Com isso, o sentimento de segurança é canalizado para a religião que leva o indivíduo à busca de proteção paterna. O indivíduo vê em Deus o pai perfeito, Freud não acreditava em um Deus, ele acreditava que o próprio homem criou a Deus para fechar lacunas. Segundo o autor, o indivíduo tem o desejo de pai ideal, e isso o fez criar um, perfeito, puro e bondoso. A isso ele chama de complexo de Édipo. Freud dedicou grande parte de seus estudos a investigar as neuroses religiosas, fenômenos que ele observava como manifestações de crenças religiosas. Freud via a neurose religiosa como um conflito entre impulsos e desejos internos e regras sociais, resultando em angústia e compulsões. O autor argumentava que, ao impor ideias de perfeição, desencadeou-se neuroses. Porém o autor ao longo de seus estudos observa que a religião desempenha papéis importantes na vida dos sujeitos. Em 1927 Freud cita em “O futuro de uma ilusão”: “A religião dá ao homem o sentimento de segurança moral

e a convicção de que sua vida tem um significado que transcende o tempo. Ela lhe ensina que ele não está sozinho, mas é membro de um todo, em cujos poderosos braços ele se sente protegido" (FREUD, 2010, p. 34). Segundo o autor, a religião como aqui já mencionado fornece ao sujeito sentido à vida e conforto emocional fazendo com que o sujeito tenha sensação de pertencimento, autoestima e segurança. A religião sempre foi motivo de inquietação a Freud, suas obras estão repletas de relatos religiosos, obras essas que serviram de base para a preparação deste trabalho. Ao longo de sua trajetória Freud também evidenciou alguns malefícios trazidos pela religião. Freud em "O futuro de uma ilusão" cita: "A religião, ao prometer a felicidade após a morte, desvia o homem das tentativas de conquistar a felicidade real aqui na Terra, desencorajando-o a fazer uso pleno de suas faculdades intelectuais e forças físicas" (Freud, 2010, p. 57). A religião faz com que o indivíduo permaneça em uma eterna ilusão, vivendo sempre à espera de um futuro melhor. Diante da espera o sujeito se vê angustiado ao se deparar com as questões morais impostas pela religião que se torna prejudicial e adoecedor, provocando desordem na *psique* que causa repressão e negação dos desejos do sujeito. Esses conflitos se manifestam através das neuroses: o indivíduo ao reprimir seus desejos e vontades em favor do pertencimento a comunidade religiosa, ignora o seu eu, reprimindo seus impulsos. Para Freud a Psicanálise ajudaria os indivíduos a resolverem seus conflitos, sendo assim alternativa à religião.

Palavras-chave: Freud; Religião; Deus; Indivíduo.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Freud (1912-1914) - Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos.** Editora Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** L&PM Editores, 2010.

VER-COMO: PENSAR ENQUANTO VER RELAÇÕES E ASPECTOS

Marianne Sousa Barbosa

E-mail: mariannesbarbosa@yahoo.com.br.

Secretaria de Estado da Educação - SEE.

José Nilton Conserva de Arruda

E-mail: niltonconserva@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB).

O trabalho assume o propósito de apresentar como na segunda fase dos seus escritos, cuja obra principal é suas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein argumenta que a filosofia deve se constituir num esforço para pautar uma visão sinóptica do uso das palavras, uma visão abrangente que ofereça diferentes e diversas perspectivas capazes de corresponder ao conjunto infinito dos jogos de linguagem possíveis, abarcando, até onde for possível, os diferentes usos de uma palavra, as suas relações significativas de parentesco, suas semelhanças de família. A análise e interpretação do texto de Wittgenstein, *Investigações filosóficas*, com foco na XI seção, cujo mote é uma consideração sobre dois empregos distintos da palavra ver, caracterizados pelo modo como olhamos indistintamente e quando atentamos para um aspecto significativo de uma mesma realidade, e assim de maneira sinóptica percebemos a identidade e a diferença. Essa reflexão assume um sentido completo quando a colocamos na moldura da obra tal como ele nos apresenta, como “esboço de paisagens”, “apenas um álbum”. Wittgenstein apresenta as suas anotações como um conjunto de rascunhos de paisagens. E essas paisagens são os percursos pelo seu próprio pensamento. Daí ele afirmar não poder escrever de maneira sistemática, ordenando as suas ideias em uma única direção. Por essa mesma razão, escrevia observações em parágrafos breves que admitem muito percursos. Isso parecia corresponder mais com

o modo como o pensamento se manifesta. Focar na linguagem ordinária nos seus diferentes usos, tal como é efetivamente empregada no cotidiano, múltiplos jogos de linguagem com suas regras próprias, irredutíveis umas às outras. Procurar as relações, as ligações, os aspectos intermediários entre os diferentes usos de uma palavra. Buscar um modo de ver as coisas que rompa a barreira do reducionismo. No contexto dessa argumentação que objetiva constituir uma compreensão sinóptica da semântica, o ver-como é apresentado como um modo de ver que é ao mesmo tempo uma maneira de pensar, de compreender, de ver relações, e vemos relações como vemos aspectos. Para rompermos com a compreensão tradicional de pensar e compreender, as *Investigações filosóficas* postula uma complexa maneira de ver que se distingue de ver um mero objeto físico. Como mote para a reflexão a ser desenvolvida, Wittgenstein propõe a observação da figura – o pato/ coelho – pois ela nos coloca dentro da problemática do ver aspectos. Ver a imagem, em duas visadas distintas, como a cabeça de um pato ou de um coelho. Daí ele se interrogar se o ver-como será uma maneira de pensar, implica ver e pensar ao mesmo tempo? Ver como coelho o que anteriormente tinha sido visto como pato resulta de uma nova percepção? Mas a percepção muda? Não percebemos o mesmo em cada caso? O que muda não é o que fazemos com o que vemos, embora isso que fazemos esteja já implícito no ver-como? Ainda que a nossa percepção possa ter mudado, não se registra que tenha ocorrido qualquer modificação no objeto percebido, ou que o objeto observado tenha determinado, por si só, totalmente o que se vê. Fica patente que, o que quer que gere essa mudança de percepção, não decorre apenas de uma imposição do objeto, mas também do sujeito perceptual. Wittgenstein pensava que ver-como superava a mera percepção e que, por esse motivo, podia ser proposto como uma maneira de pensar. Essa compreensão é refinada quando se estabelece uma distinção entre o “comunicado da percepção” e a “exclamação da percepção”. Aquele que responde a uma pergunta sobre aquilo que está vendo, responde com um comunicado afirmativo sobre o objeto que cai na sua percepção, não precisa pensar nele, mas quem traduz na linguagem, num modo de exclamação,

sobre uma percepção visual, pensa no objeto percebido. O que se está problematizando aqui é a tendência para se tomar palavras sem considerar o jogo de linguagem do qual está ela participando. Isso conduz a problemas insolúveis. Assim, ele indicou que ver algo de um modo e não de outro é uma questão de organização. Esse ver aspectos é um ver que é, além disso, um organizar, um ver que está consciente de sua capacidade de organizar, pois, no fundo, organizamos tudo o que vemos, só que na maior parte das vezes não temos consciência disso. A incapacidade para ver aspectos era uma das incapacidades atribuídas aos filósofos: ver as coisas de uma perspectiva unívoca, que cega para outros aspectos.

Palavras-chave: Jogo de linguagem; Pensamento; Significado; Ver-como.

REFERÊNCIAS

GLOCK, Hans- Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MATTHEWS, E. **Mente – conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MEDINA, J. **Linguagem – conceitos-chave em filosofia**. São Paulo: Artmed, 2007.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

SIMONE WEIL E A LEITURA DA ILÍADA COMO POEMA DA FORÇA

Matheus Salusto da Silva

E-mail: matheus.salusto@aluno.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Maria Simone Marinho Nogueira¹¹

E-mail: marianogueira@servidor.uepb.edu.br
Universidade Estadual da Paraíba

Nessa comunicação buscou-se refletir sobre o pensamento de Simone Weil em seu texto *A Ilíada ou o poema da força* (1940). O objetivo foi mostrar a relevância do pensamento weiliano no campo filosófico, mesmo quando aborda um texto literário, unindo as duas áreas do saber, neste caso, por meio da sua concepção de força. Inicialmente, foi feita uma breve apresentação da autora e sua obra, no intuito não só de torná-la conhecida, como também de melhor situá-la em seu contexto histórico e no enciclopedismo de seus textos. Posteriormente, abordou-se como a filósofa discorre sobre a força, tomando-a como a personagem principal da epopeia homérica e como esta força, manejada pelos homens, acaba submetendo a todos, transformando-os em coisa. Por fim, foi analisada a relação desse pensamento com as questões filosóficas abordadas na contemporaneidade da autora, assim como o diálogo com a atualidade. A metodologia utilizada consistiu na análise crítica-reflexiva do texto *A Ilíada ou o poema da força* de Simone Weil, sendo utilizada a tradução e comentários realizados por Eclésia Bosi, bem como outras referências secundárias. Simone Weil nasceu em Paris no ano de 1909, era de uma família judaica não praticante, e por isso, talvez,

¹¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa da UEPB, Edital PRPGP nº 03/2024, Processo SUAP 55001.001516.2024-39.

apresentasse uma religiosidade bastante aberta ao que se denominaria posteriormente de diálogo inter-religioso, mesmo com grande paixão pelo Cristianismo. Teve acesso a uma excelente educação cultural e acadêmica, não sendo à toa o fato de, aos 12 anos de idade, ler as obras de Platão (428 - 348 a.C.) em grego e recitar poemas de poetas e dramaturgos renomados, como Jean Racine (1639 - 1699). Além disso, foi professora de filosofia e grego, pensadora política, mística e militante de esquerda, entretanto, era bastante lúcida para criticar a própria esquerda quando assim sentia que era necessário. Analisou de forma prática e intensiva a causa da classe operária e a opressão social, chegando ao ponto de trabalhar em fábricas na linha de montagem. Em 1942 é encontrada inconsciente em seu quarto e levada ao hospital, lá foi diagnosticada com tuberculose e sérias lesões nos pulmões, entretanto, se recusa a fazer o pneumotórax e a se alimentar, afirmando que a comida deveria ser poupada para as crianças vítimas da guerra. Desse modo, seu quadro clínico se agrava e Simone Weil morre de forma precoce aos 34 anos de idade no ano de 1943. Segundo ela, há vários poemas gregos muito belos que são próximos de nossa realidade. Mesmo assim, são lidos apenas por estudiosos nas suas áreas de atuação. No entanto, se todos tivessem acesso ao conteúdo que cada verso contém, essas obras seriam comoventes aos mais comuns dos seres humanos, aos mais leigos. Pensando nisso, a filósofa decide escrever textos que descrevam de forma adaptada o conteúdo das tragédias gregas, tornando-as acessíveis a todas as pessoas, aos operários e operárias das fábricas, afirmando que estas, uma vez tendo acesso a essas leituras, se identificariam com o conteúdo ali explícito, ainda de forma mais intensa do que um estudioso que o destrincha dentro de quatro paredes, pois a classe trabalhadora sente na prática do dia a dia a tragédia, a labuta, o sofrer que transpassa suas almas. O que chama atenção em Weil é justamente esse olhar minucioso e particular que a filósofa carrega consigo a respeito do gênio grego em parentesco com os contextos sociais de sua contemporaneidade. Em seu texto *A Ilíada ou o Poema da força*, que foi publicado em 1940, três anos antes de sua morte, a autora apresenta uma leitura da epopeia homérica fora da

habitual, divergindo de qualquer interpretação feita antes. A maioria das interpretações a respeito da *Ilíada* traz Aquiles e sua fúria como personagem principal. Ao contrário, para Simone Weil, o personagem principal da epopeia não é nenhum homem, e sim a força que a todos subalterniza. Essa força avassaladora destroça tudo que está presente durante toda a *Ilíada*, e está sempre relacionada com a morte, ela domina a alma dos homens. Dessa forma, a autora classifica a morte em duas formas: a primeira é uma morte que mata, é sumária, grosseira e breve; já a segunda é a morte que não mata imediatamente. O que seria pior do que morrer? Ela transforma o homem em pedra, em coisa, em um ser insensível e frio, e vai se agarrando a ele até o fim de sua vida. O que seria do homem sem sua sensibilidade? A força move, arrasta e manipula. Não difere vencidos de vencedores, todos não passam de meros instrumentos de seu uso, condicionados a agir em função dela, tanto Aquiles quanto Heitor foram dominados por essa força destruidora. Aquele que pensa a possuir não passa de um ser em estado de embriaguez, com uma pura ilusão de posse que ludibriaria os homens que almejam ser agraciados por ela. Os homens na guerra pedem força para matar... Mal sabem eles que a morte já está presente, e que a guerra está matando a todos. O que é da vida de Aquiles depois que ele tenta ultrajar o corpo de Heitor? Só lhe resta esperar a morte sumária, pois em coisa já foi transformado. Sendo assim, a guerra não dá o direito de parar para refletir como se deve, pois os guerreiros estão sempre em ânsia, movidos pela força. O próprio Aquiles só irá parar de fato depois de vingar a morte de Pátroclo e quando Príamo vai ao seu encontro, pois o peleida vê o velho rei de Tróia de joelho aos seus pés, e isso lhe remete a uma lembrança de seu pai, fazendo-o atender ao pedido de Príamo. Como se pode viver em guerra, se não existe vida na guerra? O que existe é matar para não morrer, destruir para não ser destruído, transformar o outro em coisa para não ser transformado em coisa por ele... No fim, os homens movem-se apenas como marionetes conduzidas pelas mãos frias da força.

Palavras-chave: Simone Weil; *Ilíada*; Força; Guerra.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Simone Weil. In: **Simone Weil. A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Tradução de Therezinha Langlada. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 21-73.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Filosofia e espiritualidade em Simone Weil à luz da miséria humana. AUFKLÄRUNG: REVISTA DE FILOSOFIA, v. 7, p. 147-160, 2020.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Aniquilamento e descrição: uma aproximação entre Marguerite Porete e Simone Weil. TRANS/FORM/AÇÃO (UNESP. MARÍLIA. ON LINE), v. 42, p. 193-216, 2019.

WEIL, Simone. **A Ilíada ou o Poema da Força**. In: **Simone Weil. A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Tradução de Therezinha Langlada. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 379-407.

AS HABILIDADES COGNITIVAS E SENSÓRIO-MOTORAS DOS BEBÊS HUMANOS E PRIMATAS NÃO-HUMANOS

Thiago Andrade

E-mail: Thiago.andradeoliveira@ufpe.br
Universidade Federal de Pernambuco

O objetivo desta pesquisa consiste em defender a tese de que as habilidades cognitivas de bebês humanos e primatas não-humanos são corporificadas à ação e ao ambiente. Além disso, defendemos que os Primatas Não-humanos são *Corpos Linguísticos*. Nessa perspectiva, as habilidades de conceitualizar, reconhecer, distinguir objetos, bem como atenção conjunta dependem de padrões sensório-motores e ambientais. (Di Paolo et al, 2018; Barrett, 2011; Tooley et al, 2021). Os Corpo Linguístico são organismos que compreendem enunciados (utterances) a partir de gestos corporais. Os seres humanos adultos utilizam gestos corporais pedindo que façam silêncio na Biblioteca; Crianças autistas não-verbais compreendem enunciados (mesmo sem uma linguagem proposicional); Macacos-Vervet enunciam com chamados e gestos corporais para que o bando fuja de predadores terrestres ou aéreos; Chimpanzés enunciam com o corpo e vocalizações quando querem fazer novas amizades, sexo, demonstrar alegria ou tristeza (Andrews, 2020; De Waal, 2022). Portanto, os enunciados são mais do que sentenças simbólicas, abstratas, representacionais e proposicionais. Eles são materiais, corporais (gestuais), dinâmicas, ambientais e sociais. Assim, lançamos mão do conceito de *Corpos Linguísticos*, elaborado pelo Enativismo Linguístico (Di Paolo et al, 2018), para defender que: I) há uma dimensão corporal, material, dinâmico e social dos enunciados; II) os conceitos são habilidades linguísticas compartilhadas publicamente; III) que as cognições de bebês humanos e primatas não-humanos são corporificadas,

isto é, dependentes da ação e do ambiente; IV) que há uma continuidade entre a vida, a cognição e a linguagem; V) que crianças e adultos autistas não-verbais e primatas não-humanos são *Corpos Linguísticos*. Assim, os *Corpos Linguísticos* são organismos que *produzem sentido interativamente*. Portanto, a cognição e a linguagem são habilidades corporificadas na ação, no ambiente e no social (Di Paolo et al, 2018, 2017; Silva, 2021). As pesquisas filosóficas e científicas sobre a cognição têm trazido importantes debates na contemporaneidade, por exemplo, com os desdobramentos do behaviorismo, do cognitivismo e do enativismo. Houve avanços significativos na maneira como compreendemos a cognição humana e animal. De um lado, o behaviorismo negando as habilidades conceituais, reduzindo a cognição ao comportamento (Skinner, 2011). De outro lado, o cognitivismo supondo que a cognição é processo informacional, representacional e internos ao cérebro, mas independente do corpo físico, da ação e do ambiente (Fodor, 1983; Chomsky, 2015). Contudo, Francisco Varela et al (2003) e Ezequiel Di Paolo et al (2018), com a abordagem enativista, procuram situar a cognição em seus aspectos integrativos. Assim, a cognição e a linguagem não poderiam ser reduzidas ao comportamento, ao cérebro e à representação mental. Ela passa a ser vista a partir a experiência humana, do corpo, do ambiente, da ação e do social. Portanto, o corpo físico e o ambiente são condições necessárias para a compreensão dos processos cognitivos. Não obstante, apesar dos nítidos avanços em teorias filosóficas e científicas sobre a corporificação da cognição, bem como do desenvolvimento das pesquisas sobre os usos conceituais em cognições básicas, a hipótese de que bebês humanos e primatas não-humanos possuem habilidades de cognitivas corporificadas precisa ser melhor investigada e justificada. Esta pesquisa considera que a cognição tanto humana quanto animal não-humana pode ser melhor compreendida a partir da perspectiva filosófica enativa, isto é, corporificada à ação e ao ambiente. Assim, tais cognições seriam acopladas ao biológico, ao sensório-motor e ao social. Todavia, as pesquisas empíricas sobre as capacidades conceituais dos bebês humanos e primatas não-humanos, como exposto acima, especificamente com os

trabalhos de psicólogos cognitivos e do desenvolvimento como Michael Tomasello (2019, 2016), Sabina Pauen (2002), Osman Kingo (2008), acabam negligenciando a importância do corpo físico e do ambiente, uma vez que os processos cognitivos seriam descorporificados, isto é, o corpo não compreendido como condição causal à cognição. Além do mais, o conceito de conceito que elaboram não define conceitos como habilidades, mas como representações mentais internas ao cérebro. Em poucas palavras: há uma forte dicotomia entre habilidades conceituais e sensório-motoras. Por fim, compreendemos que a filosofia é uma disciplina importante para (re)formular e (re) avaliar teorias e pesquisas científicas, sobretudo, quando tais teorias e pesquisas não são conceitualmente robustas. Esta pesquisa tem como objetivo investigar as pesquisas sobre as habilidades cognitivas e sensório-motoras de bebês humanos e primatas não-humanos do ponto de vista corporificado. Além do mais, considero que a abordagem enativa seja crucial para desenvolver e alcançar tal objetivo. Portanto, esta pesquisa pretende, na perspectiva filosófica, investigar a influência dos aspectos corporais, sensório-motores e ambientais para a cognição de bebês e primatas não-humanos, mas com diálogo com as ciências cognitivas, como a psicologia cognitiva, do desenvolvimento e a primatologia. Esta pesquisa conta com duas etapas. A primeira etapa, consiste em reunir, ler e investigar as pesquisas filosóficas e científicas sobre as Habilidades Cognitivas e Sensório-motoras de Primatas Humanos e Não-Humanos, como De Waal 2022; Tomasello, 2016, 2019; Barrett, 2011; Setchell, 2019, entre outras. No segundo momento, iremos avaliar qualitativamente as pesquisas sobre tais habilidades, questionando-as se foi levado em consideração o acoplamento entre corpo físico, ambiente e linguagem (Di Paolo et al, 2018, 2017; Varela et al, 2003; Rolla, 2021; Silva, 2021). O resultado inicial foi que os bebês humanos e primatas não-humanos são capazes de habilidades cognitivas, como conceitualizar (categorizar), reconhecer, discriminar objetos (brinquedos, seio, mamadeira), comunicação inferencial, criar e utilizar ferramentas para caçar e comer (Tomasello, 2016, 2019; De Waal, 2022;

Call e Warren, 2022; Andrews, 2020; Thompson, 2000; Preutz; Bertolani, 2007; Aguir et al, 2014).

Palavras-chave: Cognição Corporificada; Sensório-motor; Ambiente; Corpos Linguísticos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPE pelo apoio institucional, aos integrantes do Núcleo de Pesquisa Consciência e Cognição UFPE/CNPq pelas discussões e à Capes pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, K. **The Animal Mind**: An Introduction to the Philosophy of Animal Cognition. Routledge, 2020.

AGUIAR, L. M. et al. Tool Use in Urban Populations of Capuchin Monkeys *Sapajus* spp. (Primates; Cebidae). *Zoologia* 31 (5): 516–519, October, 2014 <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-46702014000500012>, 2014.

BARRETT, L. **Beyond the Brain**: How Body and Environment Shape Animal and Human Minds. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2011.

CALL, J; WARREN, E. Inferential Communication: Bridging the Gap between Intentional and Ostensive Communication in Non-human Primates. *Front. Psychol*, 14 January, doi:3389/fpsyg,2021.718251, 2022.

CHOMSKY, N. **Novos Estruturas Sintáticas**. Petrópolis; RJ: Editora Vozes, 2015.

DE WAAL, F. **Somos Inteligentes o Bastante para Saber quão Inteligentes são os Animais?** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

DI PAOLO, E; CUFFARI, E; DE JAEGHER, H. **Linguistic Bodies: The Continuity Between Life and Language.** MIT Press, 2018.

DI PAOLO, E; BARANDIARAN, X; BUHRMANN, T. **Sensorimotor Life: An enactive Proposal.** Oxford University Press, 2017.

FODOR, J. **The Modularity of Mind.** MIT Press, 1983.

KINGO, O. The Concept of Concepts: Perceptual and Conceptual Categorization in Infancy under Scrutiny. **Journal of Anthropological psychology. No. 19,** 2008; **Department of Psychology, University Of Aarhus,** 2008.

PAUEN, S. Evidence for Knowledge-based Category Discrimination in Infancy. **Child Development, 73(4), 1016-1033,** 2002.

PREUTZ, J; BERTOLONI, P. Savana Chimpanzees: *Pan Troglodytes verus*, Hunt with Tools. **Current Biology, v 17, n5, p. 412-7,** 200.

ROLLA, G. **A Mente Enativa.** Porto Alegre: Editora Fi, 2021a.

SETCHELL, J. **Studyng Primates:** How to Designer, Conduct and report Primatological Research. Cambridge University Press, 2019.

SILVA, M. Notes on the nature of logic: An enactivist proposal. **O que nos faz pensar,** Rio de Janeiro, v29, n.49, p. 38-56, jul, dez, 2021.

SKINNER, B.F. **Sobre o Behaviorismo.** São Paulo: Cultrix, 2011.

TOOLEY, U et al. Environmental Influences on the Pace of Brain Development. *Perspectives*, Vol 22. Jun, 2021.

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

TOMASELLO, M. *The Natural History of Human Thinking*. Havard University Press, 2016. THOMPSON, R. K.R; ODEN, D. Categorical Perception and Conceptual Judgments by Nonhuman Primates: The Paleological monkey and the analogical ape. *Cognitive Science*, v.24, p. 363-396, 2000..

VARELA, F; THOMPSON, E; ROSH, E. *A Mente Incorporada: Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

A RELAÇÃO ENTRE O PARADOXO DE RUSSELL E O PROJETO LOGICISTA

Victor Pereira Gomes

E-mail: victorpereiragomes@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

O projeto logicista consiste na tentativa de reduzir a Matemática à Lógica. De acordo com Leon Horsten, no seu artigo de título *Philosophy of Mathematics* (2023), publicado na *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, a ideia de que a matemática é lógica disfarçada remonta a Leibniz. Entretanto, o programa logicista só veio a se desenvolver no século XIX, graças aos trabalhos de Dedekind e Peano – no que diz respeito a articulação dos princípios básicos das teorias matemáticas, assim como o trabalho de Frege – no tocante a descoberta dos princípios da lógica. É válido destacar que Frege dedicou boa parte de sua carreira a tentar demonstrar como a Matemática poderia ser reduzida à Lógica, tomando como ponto de partida a Aritmética de Peano. Segundo Horsten (2023), Frege, na obra *The Foundations of Arithmetic* (1960), originalmente publicada em 1884, conseguiu derivar os princípios da Aritmética de Segunda Ordem de Peano, tomando como base as leis básicas de um sistema lógico de segunda ordem. O que Frege não esperava era que um dos princípios lógicos no qual ele se baseou para desenvolver suas derivações acabou por não ser um princípio lógico. Tal princípio era a lei básica V de Frege, que afirma que dois conjuntos são idênticos se, e somente se, ambos são o mesmo conjunto (o conjunto dos Fs é idêntico ao conjunto dos Gs se, e somente se, os Fs são precisamente os Gs). 17 anos após a publicação de *The Foundations of Arithmetic*, isto é, no ano 1901, o filósofo, lógico e matemático britânico Bertrand Russell, ao estudar a obra de Frege, descobriu que a lei básica V de Frege era paradoxal. Além disso, Russell percebeu também que o mesmo paradoxo se aplica à Teoria

Ingênuas dos Conjuntos de Cantor e argumentou que a teoria em questão permitia a criação de conjuntos que: 1) poderiam pertencer a si mesmos (como o conjunto de todos os conjuntos); 2) não poderiam pertencer a si mesmos (como o conjunto de todos os gatos). Isto posto, Russell observou que dentro da Teoria Ingênuas dos Conjuntos de Cantor era possível criar um conjunto do seguinte tipo: seja Z o conjunto de todos os conjuntos que não são membros de si mesmos. Ao questionar se Z é um membro de si mesmo, Russell percebe que se Z é um membro de si mesmo, então, por definição, ele não deve ser um membro de si mesmo; de forma análoga, se Z não é um membro de si mesmo, então, por definição, ele deve ser um membro de si mesmo. De toda forma, Z é e não é um membro de si mesmo ao mesmo tempo, o que é contraditório, isto é, paradoxal. Tal paradoxo ficou conhecido como o paradoxo de Russell. Após enviar uma carta a Frege, em 1902, informando da descoberta do paradoxo, Russell o publicou e o discutiu detalhadamente em seu livro de título *The Principles of Mathematics* (2010), originalmente publicado em 1903. Isto posto, de posse da descoberta do paradoxo de Russell e dado o contexto do projeto logicista, que objetivava reduzir toda a Matemática (partindo da Aritmética de Peano e da Teoria Ingênuas dos Conjuntos de Cantor) a um sistema lógico e que teve como principais representantes figuras do calibre de Leibniz, Frege, Dedekind, Peano, Russell e Hilbert (para citar alguns), pode-se afirmar que a descoberta de tal paradoxo abalou o pensamento matemático da época e pôs em xeque o projeto logicista. Assim, de posse de tais fatos, pretende-se, com a presente comunicação, esclarecer a importância que o paradoxo de Russell teve no tocante ao “malogro” do projeto logicista.

Palavras-chave: Paradoxo de Russell; Frege; Teoria Ingênuas dos Conjuntos; Aritmética de Peano; Logicismo.

REFERÊNCIAS

FREGE, Gottlob. **The Foundations of Arithmetic**: A logico-mathematical enquiry into the concept of number. Translated by J. L. Austin. Second Revised Edition. New York: Harper Torchbooks, 1960.

HORSTEN, Leon. Philosophy of Mathematics. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Winter 2023 Edition). Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2023/entries/philosophy-mathematics/>>.

RUSSELL, Bertrand. **The Principles of Mathematics**. London and New York: Routledge, 2010.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM NO PRIMEIRO E SEGUNDO WITTGENSTEIN

Victor Pereira Gomes

E-mail: victorpereiragomes@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Eugênia Ribeiro Teles

E-mail: eugeniateles@servidor.uepb.edu.br

Universidade Estadual da Paraíba

Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951) foi um filósofo austríaco de grande influência no desenvolvimento da Filosofia Analítica no século XX. Embora tenha estudado Engenharia em Manchester, Wittgenstein, ao ler a obra *The Principles of Mathematics*, de Bertrand Russell, despertou interesse na Filosofia, interessando-se pelos problemas relativos aos fundamentos da Matemática. Por conta disso, mudou-se para Cambridge para estudar com o próprio Russell. Suas obras mais marcantes dentro da Filosofia da Linguagem são o *Tractatus Logico-Philosophicus* (*Logisch-Philosophische Abhandlung*), publicada em 1921, e as *Investigações Filosóficas* (*Philosophische Untersuchungen*), publicada postumamente, em 1953. Nestas duas obras, Wittgenstein apresenta diferentes reflexões acerca da natureza da linguagem, do pensamento e do mundo. Isso posto, a presente comunicação objetiva: 1) apontar as principais diferenças entre os pensamentos de Wittgenstein, acerca da linguagem, expressos no *Tractatus* e nas *Investigações*; 2) mostrar como proposições pertinentes à linguagem literária, que no paradigma do *Tractatus* são consideradas absurdas ou vazias de sentido, são dotadas de sentido nas *Investigações* – esta análise será feita a partir da obra literária de Raduan Nassar intitulada *Um Copo de Cólica*, utilizando as noções de “significado como uso” e “jogos de linguagem”, presentes nas *Investigações*. No que concerne ao ponto 1), o *Tractatus Logico-Philosophicus* é uma obra de Filosofia

da Linguagem onde a linguagem é utilizada para falar da própria linguagem até encontrar os seus próprios limites: através da delimitação do dizível, deverá revelar-se o que não pode ser expresso, mas apenas mostrado. Isto posto, é válido destacar que Wittgenstein não está tratando aqui da linguagem ordinária, usual, utilizada no dia-a-dia, mas sim da linguagem que constitui a imagem lógica do mundo, isto é, a linguagem expressa em proposições das ciências naturais. Assim, o principal intuito do *Tractatus* é traçar a diferença entre o que pode ser dito (o que pode ser dito claramente) e o que apenas se deixa mostrar, isto é, coisas que não podem ser expressas em palavras (proposições das ciências naturais), que se fazem manifestas, que são místicas e que não dizem nada sobre o mundo. Ainda sobre a linguagem, Wittgenstein vai argumentar que existem três tipos de proposições, a saber, as vazias de sentido (*sinnlos*) – proposições da lógica que nada dizem sobre o mundo, as com sentido (*sinnvoll*) – proposições das ciências naturais, e as absurdas (*unsinnig*) – proposições da metafísica, da ética e da estética. Já nas Investigações Filosóficas, que também é uma obra de Filosofia da Linguagem, Wittgenstein está tratando da linguagem ordinária, usual, utilizada no dia-a-dia. De acordo com ele, o seu pensamento nas Investigações é completamente oposto ao seu pensamento expresso no *Tractatus*. Para o Wittgenstein das Investigações, o *Tractatus* apresenta uma teoria dogmática e platônica acerca da lógica e da linguagem. Isto posto, ele vai propor uma nova Filosofia da Linguagem focada nas noções de significado como uso e nos jogos de linguagem. Ao tratar o significado como uso, Wittgenstein defende que o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem e, dessa forma, depende do contexto no qual a palavra é empregada: o significado não é algo absolutamente determinado antes de acontecer linguagem, pelo contrário, o significado está no uso, isto é, o significado de uma palavra é seu uso na linguagem. Isto posto, o que deve ser feito é concentrar-se no uso concreto da linguagem em situações específicas. Os jogos de linguagem, por sua vez, são introduzidos por Wittgenstein como funções linguísticas alternativas que, mediante semelhanças e dessemelhanças, descrevem e mostram o uso das palavras num

contexto de instituições e de comportamentos humanos: a compreensão de uma palavra, portanto, está enraizada no contexto particular de um jogo de linguagem. Diante disso, pode-se dizer que a filosofia da linguagem do segundo Wittgenstein permite que proposições literárias sejam dotadas de sentido. Um exemplo é a linguagem utilizada para expressar as emoções na obra *Um copo de cólera* de Raduan Nassar, a qual apresenta uma narrativa permeada pela descrição de fortes emoções sentidas pelos personagens. Os arroubos emocionais começam quando o protagonista, dono de uma chácara, percebe que as saúvas cortaram a sua cerca viva. No decorrer na narrativa, o protagonista é contundente em narrar o que sente, mas, as suas emoções se apresentam ainda como um terreno sombrio que, muitas vezes, talvez por falta de autoconhecimento, ele não tem clareza de como elas atuam nele. Outrossim, as dificuldades que perpassam as emoções não terminam apenas em compreendê-las e reconhecê-las; elas vão mais além e englobam a própria linguagem através da qual tentamos expressá-las. Como podemos falar sobre o que muitas vezes nos parece inefável? Como encontrar sentido para o que muitas vezes nos parece sem sentido? Esse desafio de dizer o indizível, de dar sentido ao que aparentemente não tem sentido, de descrever o que muitas vezes parece transpor os limites da nossa compreensão é uma tarefa da linguagem literária. Na perspectiva do *Tractatus* as emoções não poderiam ser ditas, pois não são ditas claramente. Entretanto, a partir da concepção de jogos de linguagem e significado enquanto uso, percebe-se que as proposições usadas para descrever as emoções mostram que o protagonista faz uso de um jogo de linguagem específico. Utilizando-se de metáforas e analogias ele consegue se fazer compreender por aqueles que o escutam através da leitura. Ou seja, seus proferimentos, apesar de não serem literais, são dotados de sentido para o leitor. Portanto, pode-se dizer que a novela apresenta um jogo de linguagem das emoções que lhe é peculiar e que é compreensível à pessoa que lê, porque tanto o escritor como o leitor compartilham as regras de um jogo linguístico que permitem que as frases usadas para descrever os estados emocionais sejam escritas de forma não literal, não usual, mas dotadas de sentido, visto que os jogos

não implicam sistemas de regras estritos e definidos para todo e qualquer jogo de linguagem, mas apontam para a natureza convencional desse tipo de atividade humana.

Palavras-chave: Wittgenstein; Linguagem; Tractatus Logico-Philosophicus; Investigações Filosóficas; Um Copo de Cólera.

REFERÊNCIAS

NASSAR, Raduan. Um copo de cólera. In: Nassar, Raduan. **Obra Completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Translated by G. E. M. Anscombe. 3. ed. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1958.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. With an Introduction by Bertrand Russell, F.R.S. New York: Harcourt, Brace & Company, Inc., 1922.

ZAZIE E PAGU NO METRÔ: A SINGULARIDADE FEMININA FORA DOS TRILHOS

Vitória Taísa Bertoldo de Oliveira

E-mail: vitorataisa17@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

A literatura se enlaça de modos distintos, seja em personagens, referências, temáticas, ambientações, dentre outros. É o caso das tão diferentes e tão parecidas Zazie e Pagu, personagens que tem distinção de nome, idade, personalidade e história, mas que estão ligadas por algo inesperado: o metrô de Paris. Raymond Queneau escreveu *Zazie no metrô* em 1958, narrando dois dias da vida de uma menina que vai conhecer Paris pela primeira vez acompanhada de seu tio Gabriel, tendo a oportunidade de realizar seu maior sonho: andar de metrô. Ela, porém, não contava com a greve metroviária. Já Adriana Armony narra duas realidades parisienses, a da personagem Adriana e a da figura histórica Pagu, da qual a primeira busca informações. *Pagu no metrô* (2022), fruto da pesquisa de doutorado de Armony, constrói uma dualidade entre a realidade e a ficção. Desse modo, pretende-se analisar de forma comparativa os dois romances, em específico as duas protagonistas femininas, a partir de uma metodologia comparativista de cunho interpretativista. As duas personagens contam com um contexto que as une: uma sociedade patriarcal e machista que faz o possível para inferiorizá-las, porém de forma falha. Ambas possuem personalidades fortes e não se submetem às imposições sociais. Nesse sentido, o feminismo e os trabalhos dele decorrentes, em suma, tem propiciado cada vez mais debates acerca da equidade de gênero, dentro ou fora da literatura. Esse modo de ler e interpretar literatura, objetiva desconstruir, pautando-se nas críticas literárias, a visão estigmatizada das mulheres, colocando-as então enquanto protagonistas ativas do processo literário.

Com uma escrita singular, Queneau (2009) contextualiza de forma fluida as personagens, principalmente com traços de fala que indicam suas características interioranas. Durante os dois dias que Zazie passa na casa do tio, a maioria das cenas e dos outros personagens têm um desenvolvimento que gira em torno dos locais onde Zazie está ou das atitudes que a menina tem. Uma cena a ser citada como parte de sua pertinência é a sua fuga da casa do tio para conhecer o metrô a todo custo, o que faz com que os demais personagens se unam para encontrá-la. A garota chega a comentar que tudo é medíocre, só gosta do metrô. Pelo conhecimento de mundo distinto de Zazie, ela chega a ser considerada uma “vadiazinha”, uma vez que esperavam que ela não soubesse ou não opinasse em certos assuntos. Além de criança, era do sexo feminino. Esperavam um espaço reservado em que Zazie, evidentemente, não cabia. Logo, a personagem tem a capacidade de se encontrar não apenas dentre as ruas de Paris, mas também em sua subjetividade. Não se deixava ser o “outro” do homem. Era, por outro lado, singular em sua identidade (Beauvoir, 2009). Zazie tinha uma identidade nômade, que alternava e se construía a partir de suas experiências e não com base em padrões pré-estabelecidos (Swain, 2002). Percebe-se que algumas atitudes de Zazie são contrárias a esses pensamentos limitantes impostos pelo contexto. Em uma das falas de um personagem masculino da obra, vê-se o quanto o ambiente é patriarcal, pois ele afirma que as pessoas do segundo sexo deveriam sair da sala, quando, por exemplo, homens estão conversando. A menina, ainda assim, quer participar das mais diversas situações. Já Pagu estava muito além dos limites hegemônicos. O romance de Armony (2022) possui muitos traços autobiográficos, o que pode tornar a leitura confusa em alguns momentos. Na narrativa, acompanhamos Adriana – mesmo nome da autora – uma pesquisadora que viaja para Paris em busca de informações sobre a estadia de Pagu na cidade durante os anos de 1934-1935. Logo, o leitor não tem nenhum contato direto com Pagu, tudo que é narrado sobre a mulher são informações deixadas por Adriana. Não obstante, Pagu também sofria com as delimitações patriarcais da sociedade. A personagem ocupava um lugar inesperado para as mulheres

da época, o espaço público. O pensamento vigente era de que o homem teria seu lugar público e a mulher estaria fadada ao falso aconchego de seu espaço privado. E a pergunta repete-se: o que Zazie tem de tão parecido com Pagu? Mesmo com histórias tão distintas, as duas envelhecem através de experiências, através de suas subversões. Não fosse o lado espirituoso das duas, não poderiam contar com esse desenvolvimento. Armony (2022) claramente se inspira na obra de Queneau (2009), mas é evidente a diferença e unicidade das duas. Cada uma é escrita de uma forma singular e desenvolve uma personagem feminina de forma também singular. Zazie e Pagu, ao fim das histórias, parecem se completar e ambas se desenvolvem para além dos trilhos impostos pela sociedade em que vivem, construindo suas identidades singulares de forma livre.

Palavras-chave: Singularidade; Personagens femininas; Literatura; Comparação.

REFERÊNCIAS

ARMONY, Adriana. **Pagu no metrô**. São Paulo: Editora Nós, 2022.

BEAUVIOR, Simone. **O segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

QUENEAU, Raymond. **Zazie no metrô**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2009.

SWAIN, Tania Navarro. Identidades nômades: heterotopias de mim. In. **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 325-341.

ANÁLISE DO DEBATE ACERCA DA CARACTERIZAÇÃO DO CONCEITO DE PANENTEÍSMO

Wesley Sanchis Alves de Oliveira

E-mail: wesoliveira042@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Quando falamos em Filosofia da Religião, um conceito que primordialmente nos ocorre é o de “Deus”. A noção de *divindade*, possui quase sempre suas raízes na tradição religiosa, isto é, na própria experiência mística do culto ou nas escrituras sagradas. Por outro lado, filósofos e teólogos buscaram, em diversas ocasiões, elaborar modelos divinos baseados na pura racionalidade e não na revelação sobrenatural, produzindo doutrinas de uma *teologia sistemática*. Segundo Cooper (2014), o *teísmo clássico* é uma doutrina complexa que foi elaborada ao longo dos séculos por mestres cristãos influenciados pela filosofia grega antiga como Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino e Escoto. Nela, Deus é transcendente, autossuficiente, onisciente, onipotente, eterno e imutável; ser maximal e realidade última, ele carrega os atributos do que chamamos *teologia do ser perfeito*, sendo o modelo paradigmático na tradição ocidental. Todavia, muitos pensadores contemporâneos entendem que a representação de Deus como uma entidade maximal, implica em uma série de problemas, como, por exemplo, a questão da relação Deus-mundo do ponto de vista da não-necessidade do mundo para Deus. Assim, ganha força a exploração de modelos divinos alternativos, não orientados pela tradição religiosa de origem abraâmica. Uma doutrina, cujo boa parte das intuições fundamentais reside nas tradições orientais, notadamente a hindu, é o *panenteísmo* ($\pi\check{\alpha}v\ \dot{\epsilon}\nu\ \theta\epsilon\check{\omega}$ - *pān en theōs* - “tudo em Deus”). Esta doutrina, de maneira geral, sustenta que o mundo é parte da realidade divina, mas não se refere a toda ela; o mundo reside em Deus mas há mais em Deus que apenas o mundo. Trata-se, portanto, de uma espécie de posição intermediária entre

a total transcendência do teísmo clássico e o monismo radical do panteísmo. De acordo com diversos filósofos da religião não há, contudo, um paradigma do panenteísmo, o que dificultaria a compreensão comparativa com outros modelos e, consequentemente, seu estabelecimento como uma alternativa robusta contra o modelo padrão. Nas últimas duas décadas, deparamo-nos com o crescimento considerável da produção filosófica voltada à investigação do panenteísmo. Em parte por causa dos problemas associados ao teísmo clássico e, em parte por causa das perspectivas que o panenteísmo oferece para fornecer uma relação positiva entre teologia e os campos da ciência, ética e bioética. O foco no *debate acerca do significado de panenteísmo* é significativo porque os modelos panenteístas de Deus parecem constituir uma classe de modelos de Deus que não apenas fornecem soluções diferentes para problemas graves do teísmo clássico (como o problema do mal), como também podem ser vistos historicamente como uma contribuição genuína para questões profundas na filosofia da religião que muitas vezes tem sido lidas apenas através das lentes do colonialismo ocidental. Nessa querela, os atributos divinos, tomados individual ou coletivamente, têm sua adequação e consistência avaliados dentro de um conceito de Deus específico na medida em que podem resistir ao escrutínio exegético ou filosófico. Nossa investigação acompanha as principais contribuições realizadas nos últimos anos para o debate, notadamente as de Göcke (2012), Mullins (2016) e Lataster & Bilimoria (2018). O objetivo geral do trabalho é, portanto, analisar criticamente o debate acerca da definição apropriada de panenteísmo, enquanto um possível modelo de contraposição ao teísmo clássico. Os principais objetivos específicos da pesquisa na qual este trabalho está incluído envolvem investigar a história e identificar as características filosóficas fundamentais daquilo que seria a doutrina panenteísta. Este trabalho é eminentemente teórico, assim, foi empregada a metodologia padrão usada na filosofia analítica contemporânea, ou se preferir, o assim chamado método analítico no qual a temática central é analisada, sendo possivelmente dividida em temas e questões mais específicas, e soluções e problemas relacionadas com essas subquestões são avaliadas e comparadas,

de forma que um veredicto possa ser formado. No tocante ao objetivo geral do trabalho, foi usada uma metodologia comparativa semelhante à usada em Nagasawa & Wager (2017) e Chalmers (2020) na qual o modelo avaliado é comparado à modelos rivais. No tocante aos resultados, observamos, no lado dos teístas clássicos, uma exigência de caracterização do panenteísmo que carrega já consigo uma descrença na substancialidade da doutrina; no lado dos panenteístas, o esforço concentra-se mais em evitar sua descaracterização pelos seus “adversários” do que em elaborar um modelo panenteísta definitivo. Göcke (2012), um teísta, por exemplo, procura criar uma definição de panenteísmo com o objetivo de esclarecer quais os seus problemas fundamentais, afirmando que a questão central seria: o panenteísmo não esclarece de maneira satisfatória de que modo se dá a relação Deus-mundo (o que equivale à partícula “en” no termo “panenteísmo”). Lataster & Bilimoria (2018), panenteístas, por sua vez, afirmam que Göcke e outros teístas pecam em tentar reduzir o panenteísmo à um modelo definitivo, já que a pluralidade é uma das suas características fundamentais. Ademais, a diferenciação entre as duas doutrinas não residiria no “en”, mas já no “pan”; isto é, a concepção de “tudo”, de *universo*, é diferente para os dois modelos. Clayton (2010), por exemplo, vê no pensamento do teólogo hindu Ramanuja a noção de que a divindade não é apenas a causa eficiente das coisas, mas também o que entendemos em termos aristotélicos como *causa material*: ela é o próprio substrato do qual tudo é feito. O debate em cada uma das subquestões segue em aberto, todavia, no entendimento dos panenteístas, não há necessidade de um acordo generalizado: modelos panenteístas, tanto antigos quanto contemporâneos, forneceram relatos minimamente satisfatórios do sentido em que o cosmos supostamente está em Deus; trata-se, portanto, de voltar a investigação para esses diversos modelos específicos, pois a noção panenteísta fundamental já está posta e sua “definição etimológica” é suficiente, deixando para cada modelo individual fornecer uma interpretação do significado do “em” na afirmação de que o cosmos está em Deus. Agradecimentos ao CNPq pelo financiamento do projeto de pesquisa “Lógica e o conceito de Deus”, encabeçado pelo grupo

de pesquisa *Lógica e Religião* (CNPq – UFCG), coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Silvestre.

Palavras-chave: Deus; Mundo; Teologia sistemática; Teísmo clássico.

REFERÊNCIAS

CHALMERS, David. Idealism and the Mind-Body Problem. In: SEAGER, William (org.). **The Routledge Handbook of Panpsychism**. London: Routledge, 2020, p. 353-373.

CLAYTON, Philip. **Panentheisms East and West**. Sophia 49, n. 2, p. 183-191, 2010.

COOPER, John W. **Panentheism - The other God of the philosophers**: from Plato to the present. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2014.

GÖCKE, Benedikt A. **Panentheism and Classical Theism**. Oxford: Springer Science, 2012. p. 61-75. <DOI 10.1007/s11841-011-0292-y>.

LATASTER, Raphael; BILIMORIA, Purushottama. **Panentheism(s): What It Is and Is Not**. Sydney: Journal of World Philosophies, p. 49-64, 2018. <DOI 10.2979/jourworlphil.3.2.04>.

MULLINS, R. **The Difficulty with Demarcating Panentheism**. Sophia 55, p. 325-346, 2016.

NAGASAWA, Yujin.; WAGER, Khai. Panpsychism and Priority Cosmopsychism. In: BRUNTRUP, Godehard; JASKOLLA, Ludwig. (orgs.) **Panpsychism: Contemporary Perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 113-129.